



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**A REPRESENTAÇÃO DO NORDESTE NA OBRA DE  
RONALDO CORREIA DE BRITO**

RAYAN FERNANDES PEREIRA

Campina Grande  
Setembro - 2021

**RAYAN FERNANDES PEREIRA**

**A REPRESENTAÇÃO DO NORDESTE NA OBRA DE RONALDO CORREIA DE  
BRITO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do Título de Mestre em História. Área de Concentração: Cultura, poder e identidades.

**Orientadora:** Profa. Dra. Rosilene Dias  
Montenegro

Campina Grande  
Setembro - 2021

P436r      Pereira, Rayan Fernandes.  
              A representação do Nordeste na obra de Ronaldo Correia de Brito /  
              Rayan Fernandes Pereira. – Campina Grande, 2021.  
              98 f.

              Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de  
Campina Grande, Centro de Humanidades, 2021.  
              “Orientação: Profa. Dra. Rosilene Dias Montenegro”.

              Referências.

              1. Literatura Regionalista Nordestina. 2. Análise Literária.  
3. Literatura Comparada. 4. Nordeste Contemporâneo – Representação  
na Literatura. 5. Cultura – Poder – Identidades. I. Brito, Ronaldo Correia  
de, 1951-. II. Montenegro, Rosilene Dias. II. Título.

CDU 82.09(043)

RAYAN FERNANDES PEREIRA

**A REPRESENTAÇÃO DO NORDESTE NA OBRA DE  
RONALDO CORREIA DE BRITO**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande, pertencente à linha de pesquisa Cultura, Poder e Identidades como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

2021. Campina Grande , 30 de setembro de

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dra. Rosilene Dias Montenegro  
UFCG

---

Prof. Dr. Joachin de Melo Azevedo Sobrinho Neto  
UFCG

---

Prof. Dra. Juciene Ricarte Apolinário  
UFCG

---

Prof. Dra. Luciano Barbosa Justino  
UEPB



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Às 10:00h (dez) do dia 30 (trinta) de setembro de 2021 (dois mil e vinte e um), através de sala de videoconferência do Mestrado da Universidade Federal de Campina Grande, a Comissão Examinadora da Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pelo aluno RAYAN FERNANDES PEREIRA, intitulada: "A Representação do Nordeste na obra de Ronaldo Correia de Brito" em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido decidiu conceder ao mesmo o conceito em resultado à atribuição dos conceitos dos professores doutores: Rosilene Dias Montenegro (Orientadora), Juciene Ricarte Apolinário (Examinadora Interna), Joachin de Melo Azevedo Sobrinho Neto (Examinador Interno), Luciano Barbosa Justino (Examinador Externo), Fábio Ronaldo da Silva (Examinador Suplente Interno) e Patrícia Cristina de Aragão Araújo (Examinadora Suplente Intema). Assinam também a presente Ata o Coordenador do Programa Prof. Dr. José Otávio Aguiar e o Secretário do PPGH Yaggo Fernando Xavier de Aquino, para os devidos efeitos legais.

*Parecer: A Comissão Examinadora, por unanimidade, APROVOU a dissertação considerando que atendeu as exigências acadêmicas para a dissertação, a qualidade da análise e a contribuição para o conhecimento do tema. Foi sugerido a aluno Rayan Fernandes Pereira que busque o devido arredo. Solicitou-se a revisão final, para o depósito da dissertação no PPGH.*

Lista de Presença

Orientadora	Rosilene Dias Montenegro	
Examinadora Interna	Juciene Ricarte Apolinário	
Examinador Intemo	Joachin de Melo Azevedo Sobrinho Neto	
Examinador Externo	Luciano Barbosa Justino	

Examinador Suplente Interno	Fábio Ronaldo da Silva	
Examinadora Suplente Externa	Patrícia Cristina de Aragão Araújo	
Coordenador do PPGH	José Otávio Aguiar	
Secretário	Yaggo Fernando Xavier de Aquino	

Campina Grande, 30 de setembro de 2021.

## **DEDICATÓRIA**

*Àquela que sempre confiou em mim, até quando eu mesmo não o fiz. Mãe, seu filho vai ser mestre.*

## RESUMO

A literatura regionalista nordestina, especialmente a da segunda geração modernista, representou o Nordeste de sua época, destacando os principais elementos que compunham o quadro da região. O enorme sucesso editorial alcançado por esses autores, assim como as múltiplas relações de poder envolvidas nas disputas entre as elites regionais brasileiras, acabou contribuindo para a formulação de preconceitos e estereótipos a respeito da região, marcando-a sob o signo do atraso, da pobreza e da seca. Essas imagens persistem até os dias atuais, sendo reproduzidas pela mídia e discursos em geral. Não obstante, existem movimentos que buscam romper com isso. É o caso do escritor Ronaldo Correia de Brito que, em seus livros, retrata o Nordeste contemporâneo, buscando questionar generalizações e imagens pré-concebidas. Nesse sentido, analisamos, de acordo com CHARTIER (1988), a representação que esse autor faz da região, destacando as múltiplas maneiras pelas quais ele retrata a relação entre a região e a globalização. Para isso, nos valem, principalmente das considerações de CANCLINI (2003), ALBUQUERQUE (2009, 2012, 2013), HALL (2003), SANTOS (2006).

**Palavras-chave:** Nordeste, Literatura Nordestina, Ronaldo Correia de Brito.



## **ABSTRACT**

Brazilian northeastern regionalist literature, especially the second modernist generation, represented the Northeast of that time, highlighting the leading elements that composed the picture of the region. The huge editorial success achieved by these authors, as well as the multiple power relations involved in the disputes between the Brazilian regional elites, contributed to the formulation of prejudices and stereotypes about the region, marking it under the sign of delay, poverty and drought. These images persist until nowadays, being reproduced by the media and discourses in general. Nevertheless, there are movements that seek to break with this. This is the case of writer Ronaldo Correia de Brito who, in his books, he portrays the contemporary Northeast, trying to question generalizations and prejudiced images. In this way, we analyze, according to CHARTIER (1988), the representation that this author makes of the region, emphasizing the multiple ways in which he pictures the relationship between the region and globalization. For this, we rely mainly on the considerations of CANCLINI (2003), ALBUQUERQUE (2009, 2012, 2013), HALL (2003), SANTOS (2006).

**Key-words:** Northeast, Northeastern Literature, Ronaldo Correia de Brito.

## SUMÁRIO

<b>DEDICATÓRIA</b> .....	III
<b>RESUMO</b> .....	IV
<b>ABSTRACT</b> .....	V
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>CAPÍTULO 1 – A LITERATURA DE RONALDO CORREIA DE BRITO</b> .....	14
1.1 O ASSASSINATO.....	22
1.2 ENTRE O SAGRADO E O PROFANO.....	30
1.3 A HISTÓRIA COMO COMPONENTE LITERÁRIO.....	34
<b>CAPÍTULO 2 – O REGIONALISMO E O NORDESTE DE RONALDO CORREIA</b> .....	42
2.1 O REGIONALISMO DE 30.....	46
2.2 CRÍTICA E TRADIÇÃO.....	49
2.3 BRITO DIANTE DO REGIONALISMO.....	56
2.4 REGIONALISMO E NORDESTE.....	65
<b>CAPÍTULO 3 – ENTRE O GLOBAL E O REGIONAL</b> .....	74
3.1 O GLOBAL NO REGIONAL .....	75
3.2 GLOBALIZAÇÃO PERVERSA.....	86
3.3 O PATRIARCALISMO.....	93
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	104
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	108

## INTRODUÇÃO

A graduação em história na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) proporciona uma experiência particularmente enriquecedora: cursar a disciplina de história do Nordeste. Em determinado momento do curso, os alunos são convidados a ler e a refletir sobre a literatura que se fez sobre e na região. Autores como José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz são lidos e debatidos a partir de uma perspectiva historiográfica, destacando questões como o lugar social de cada um, as relações entre a literatura e a sociedade e diversos outros pontos.

Foram estas discussões que despertaram em mim o desejo de conhecer um pouco mais sobre o Nordeste. Conforme lia, assistia filmes e documentários, fui percebendo que muitas das imagens pintadas pelos regionalistas citados acima ainda persistem na mídia e nos discursos que tratam sobre a região. Como afirma Denis de Mendonça Bernardes (2007), ainda hoje o Nordeste é veiculado com a imagem de uma região que conheceu um outro ritmo histórico, marcada pelo atraso nas relações sociais, nas formas de exercício de poder, nas expressões religiosas etc. O anacronismo destas visões se torna evidente quando entendemos que, desde a década de 60, o Nordeste vem se industrializando (SANTOS, HELAL. 2018) e adquirindo novas feições, se inserindo de maneira cada vez profícua na modernidade, enfrentando novos problemas, contradições.

Tudo isso gerou em mim um incômodo, me perguntava se não existia outra literatura que tratasse sobre o Nordeste atual. A curiosidade me levou ao escritor Ronaldo Correia de Brito, autor do corpus analisado nesta dissertação. Brito nasceu em 1951 na cidade de Saboeiro, Ceará, mas mora em Recife desde 1969 quando foi se preparar para o vestibular. É dramaturgo, contista, documentarista e romancista, tarefas que divide com a profissão de médico e psicanalista.

Em uma entrevista concedida a fim de lançar o romance *Dora sem Véu* (2018), Brito discorre brevemente sobre a literatura brasileira que trata sobre o Nordeste

Nós tivemos na história da literatura brasileira vários olhares sobre o Nordeste. Um dos primeiros deles é o do escritor cearense José de Alencar no seu livro sertanejo é um típico olhar romântico, um livro por sinal excelente. [...] Alencar inaugura, com o sertanejo, um olhar sobre o sertão. Depois, dando um grande salto do tempo, nós chegamos em Euclides da Cunha e sua obra definitiva que é os sertões. Ali temos um olhar sobre sociologia, sobre geografia, sobre antropologia. Um olhar definitivo sobre esse lugar. Depois chegamos no interstício da nossa literatura e temos

Rachel, com o Quinze, temos Graciliano Ramos com vidas Secas [...]. Depois temos a retomada de um olhar crítico com Ariano Suassuna e o Romance d'a Pedra do Reino. (BRITO, 2018)<sup>1</sup>

Se contrapondo a todas estas noções ele publica diversos livros, entre os quais se destacam as coletâneas de contos *Faca* (2003), *Livro dos homens* (2005), *Retratos imorais* (2010) e os romances *Galileia* (2009), vencedor do prêmio São Paulo de literatura em 2009, e *Dora sem Véu* (2018). O Nordeste apresentado nestes escritos é marcado pela globalização, é uma região tocada pela modernidade e que, exatamente por isso, é recheada de contradições, problemas e inovações que precisam ser problematizados. Embora existam diversas pesquisas que versam sobre diferentes aspectos de sua obra, a imensa maioria se situa no campo dos estudos literários e da crítica literária. Acreditando que diferentes lugares sociais geram diferentes leituras, nos propomos a contribuir com o debate partindo da perspectiva de um historiador.

Isto não quer dizer que fecharemos os olhos para as contribuições de outros campos de saber. O leitor verá que, no decorrer das páginas, antropólogos, sociólogos, críticos literários, psicólogos e outros literatos serão chamados a contribuir sempre que necessário.

É partindo de todo este aparato que nos inserimos no debate, nosso objetivo maior é compreender quais as características da representação do Nordeste elaborada por Brito em sua literatura e como a mesma pode ajudar a problematizar questões tangentes de nosso tempo. Essa discussão perpassa, necessariamente, por um aprofundamento em dois eixos distintos de análise: um diz respeito à relação entre história e literatura e, mais especificamente, sobre as possibilidades de utilização da segunda como fonte pela primeira. O outro eixo trata da relação entre a literatura nordestina e a instituição de uma imagem para a região. Sem fugir às discussões, mas sempre reconhecendo nossas limitações, pretendemos tratar de ambos aspectos ao longo do texto, partindo de um olhar crítico e destacando leituras que consideramos equivocadas, reafirmando outras e estabelecendo novas conexões.

Para isso, nossa pesquisa está dividida em três capítulos. No primeiro nos dedicamos a discutir, ainda que de maneira breve, o conceito de literatura assim como a relação entre texto e autor, apresentando como alguns teóricos pensam a mesma,

---

<sup>1</sup> BRITO, Ronaldo Correia de. É preciso escrever para o nosso tempo? Youtube, 24 de julho. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WWSefXtY2t8> Acesso em: 17 mar. 2020.

especialmente BARTHES (2004) e CANDIDO (2011,2012), e assumindo uma postura que considera existir uma relação intrínseca entre um escritor e sua obra

Neste sentido, nos dedicamos também a compreender o lugar social de Ronaldo Correia ao mesmo tempo em que analisamos as matérias e os impulsos que o inspiram. Destacamos como a história do Brasil, a sua própria biografia, a convivência com os pacientes nos hospitais, a bíblia e seus próprios textos anteriores são resgatados por Brito para compor as suas narrativas.

A maior parte do segundo capítulo é dedicada à discussão sobre a relação entre a obra de Brito e o regionalismo, especialmente o praticado pela chamada “Geração de trinta”. É notório que a crítica, seja ela especializada ou não, faz uso da categoria “regionalista” para tratar a obra do autor e, a fim de compreender melhor as possíveis associações, realizamos uma breve retomada da história do conceito. Toda esta análise é pautada pela compreensão que o regionalismo é, por essência, um fenômeno cujas motivações devem ser buscadas, ainda que não exclusivamente, em fenômenos extraliterários.

Ponto central do tópico é o debate que fazemos com o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior e sua tese de “Invenção do Nordeste” apresentada em obras como “A invenção do Nordeste e outras artes (2011).” e “Preconceito contra origem geográfica e de lugar” (2012). Albuquerque defende que o Nordeste é uma criação recente: Surgiu entre as décadas de 10 e 20 do século passado a partir do movimento regionalista encabeçado pelo sociólogo Gilberto Freyre. Para o historiador, a região foi “inventada” a partir da confluência de diversos discursos que tinham como objetivo principal conseguir benesses para as elites decadentes da região. Desta maneira a literatura não diria nada sobre a realidade concreta da região uma vez que

[...] o que se diz da região não é o reflexo do que se vê na e como região. Os dois regimes de enunciação possuem uma independência, as palavras e as coisas são independentes [...] o que emerge como visibilidade regional não é representado, mas construído com a ajuda do dizível ou contra ele. (ALBUQUERQUE, 2011, p.59).

Embora concordemos que a decadência econômica e política enfrentada pela região motivou muitos de seus intelectuais a escreverem sobre a mesma, não compactuamos com sua tese principal do historiador. Apesar de reconhecermos a importância que os estudos conduzidos por Durval possuem na historiografia sobre o Nordeste, não coadunamos com a ideia de que ele é uma invenção discursiva.

Embora a questão seja com mais profundidade discutida no capítulo correspondente, o cerne da diferença entre a nossa visão e a de Albuquerque reside na maneira de encarar a literatura. Se para ele existe uma independência entre os escritos literários e o real, buscaremos demonstrar, apoiando-nos em autores como Candido (2008), Pesavento (1995) e outros, que embora o escritor tenha liberdade para escrever, seus textos são sempre influenciados por diversos elementos sociais. Neste sentido, a literatura é apontada como um referencial válido para pensar a nossa história porque “Afinal de contas, se o ser humano desenvolveu suas faculdades de linguagem, é para tratar de coisas que não são da ordem da linguagem” (COMPAGNON, 2003: 126-127).

No terceiro e último capítulo abordaremos de maneira mais aprofundada as já citadas *Galileia* e *Dora sem Véu*. A primeira conta a história de Adonias, um médico que nasceu no sertão do Ceará e que se mudou para o Recife para estudar e acabou estabelecendo morada. No romance ele volta com outros três primos para a fazenda onde nasceu em virtude do aniversário e do adoecimento do avô.

Já em *Dora sem Véu*, a protagonista é Francisca, uma socióloga e professora universitária, é uma mulher de meia-idade que se aventura em uma romaria em busca da avó perdida. Na caçamba do caminhão, em meio ao calor e a sede, ela se envolve em uma trama que resulta em mortes e fugas.

Ambos livros abordam personagens que retornam ao sertão depois de muito tempo e o encontram modificado. Assustam-se com a presença de motocicletas, celulares, tráfico e com diversos outros “signos do moderno”. Nosso objetivo é desvendar como o autor problematiza o nordeste contemporâneo, destacando a contraditória relação entre o moderno e o arcaico. Para esta discussão serão fundamentais as contribuições de autores como Canclini (2008), Hall (2005) e Santos (2006).

## CAPÍTULO 1 - A LITERATURA DE RONALDO CORREIA DE BRITO

Antônio Candido defende que não é possível existir humanidade sem a literatura. Para ele, a literatura “[...] aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos” (2011. p.176). O autor afirma que mesmo os povos mais rústicos, a expressão “rústicos” é dele, apresentam a capacidade de fabular, de imaginar. Criamos universos em nossos sonhos, realidades alternativas, toda vez que jogamos na loteria ou que imaginamos como teria sido nossa vida se tivéssemos feito escolhas diferentes.

Mesmo ostentando uma quase onipresença, ou até mesmo por causa disso, não é fácil definir a literatura. Com Compagnon (1999), descobrimos que o termo ganhou força no século XIX e esteve, em seu nascedouro, ligado a uma perspectiva muito abrangente que considerava literatura tudo aquilo que remetesse à escrita humana, todos os livros impressos ou manuscritos. O grande problema desta definição é que ela incluía, no mesmo pote, a *Ilíada* de Homero e livros de introdução à física ou matemática.

Novas definições foram surgindo com o tempo. Alguns entenderam a literatura como uma escrita imaginativa, no sentido de uma narrativa que não é verídica; outros, como os formalistas russos, afirmaram que o que define a literatura é a organização das palavras, o emprego de uma linguagem conotativa, deformativa. Sobre isso:

A especificidade da linguagem literária, aquilo que a distingue de outras formas de discurso, era o fato de ela “deformar” a linguagem comum de várias maneiras. Sob a pressão dos artifícios literários, a linguagem comum era intensificada, condensada, torcida, reduzida, ampliada, invertida. (EAGLETON, 2006, p.5).

Não cabe neste trabalho uma discussão aprofundada sobre os méritos ou a validade das diferentes escolas e correntes teóricas em sua forma de conceber o fenômeno literário. Para nossos objetivos, o mais válido é compreender que não existe um consenso sobre a definição ou sobre a extensão da literatura. As explicações e conceitos mudaram ao longo do tempo e, mesmo em um único período, os críticos e os teóricos não conseguem concordar e oferecer uma resposta única. Isto ocorre provavelmente porque toda conceituação é provisória e excludente.

Provisória, posto que o próprio *status* de um texto muda ao longo do tempo. Nesse sentido, Terry Eagleton compreende que “Alguns textos nascem literários,

outros atingem a condição de literários e a outros tal condição é imposta” (2006, p.13). E excludente porque todo processo de inclusão é acompanhado por outro de exclusão, ainda que este não seja, na maioria das vezes, explícito. Dizer que uma determinada obra ou gênero é literatura implica dizer ao mesmo tempo que outros não o são.

Esta compreensão é, em certo sentido, libertadora. Nos permite escolher, dentre a ampla gama de opções disponíveis, aquela definição que nos é mais útil, a que se adequa melhor ao tecido costurado por nossa pesquisa. Seguiremos então, como em muitos momentos deste texto, as proposições de Antonio Candido. Em sua concepção a literatura é composta por

[...] todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lendas, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (CANDIDO, 2011, p.176).

Essa amplitude é necessária, posto que trabalharemos, dentro desta pesquisa, gêneros diversos como a crônica, o conto e o romance. Para os nossos objetivos é mais importante compreender como se dá a relação entre esses textos e a sociedade.

Analisando as diversas funções que a literatura pode assumir dentro de uma sociedade, Compagnon aponta que, de acordo com os humanistas,

[...] há um conhecimento do mundo e dos homens propiciado pela experiência literária (talvez não apenas por ela, mas principalmente por ela), um conhecimento que só (ou quase só) a experiência literária nos proporciona. Seríamos capazes de paixão se nunca tivéssemos lido uma história de amor, se nunca nos houvessem contado uma única história de amor? (COMPAGNON, 1999, p.35-36).

Candido segue em caminho semelhante quando diz que “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e atentos para a natureza, a sociedade, o semelhante “ (2011, p.182) ou “Ela não corrompe nem edifica, portanto, mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido mais profundo, porque faz viver” (2012, p.5).

Para além deste conhecimento mais “abstrato” e relacionado aos sentimentos e emoções, o fenômeno literário também proporciona uma compreensão que, arriscaríamos dizer, é mais concreta e objetiva.

De acordo com o sociólogo Cauby Dantas:



A literatura é uma forma de expressão artística que, pela transcendência e transfiguração, favorece a compreensão de realidades e cotidianos sociais, o que não oblitera suas intenções estéticas, expressas pela capacidade inventiva dos autores, na busca do belo e, também, nas emoções e sentimentos e mobilizações eventualmente desencadeados pelas representações literárias. (2015, p.33)

Embora não se sobreponha às características estéticas, este nível de conhecimento chega a ser assimilado com mais facilidade pois é resultado dos posicionamentos assumidos pelo autor, de suas crenças, opiniões, ideologia etc. (CANDIDO, 2011). Isso nos obriga a pontuar algumas considerações a respeito da relação entre o texto e o seu criador.

A visão de que o autor se expressa na (e através da) sua obra não é consenso dentro dos estudos literários. Uma posição que ganhou destaque, desde o final da década de 60 do século passado, é a que foi proposta pelo teórico Roland Barthes em seu texto “A morte do autor”, publicado pela primeira vez em 1968.

Barthes afirma que a figura do autor, enquanto persona dotada de uma psicologia própria e inserida em um contexto sociológico, é uma criação da modernidade. É fruto do empirismo inglês, do racionalismo francês, da fé pessoal propagada pela reforma protestante e, principalmente, da ascensão da burguesia. Surgindo neste contexto social, o autor estava associado ao burguês, era a encarnação da ideologia capitalista (BARTHES, 2004).

Para Barthes, existiria, dentro dos estudos da história literária e de todo o ensino da literatura, um conjunto de noções e conceitos que formaram um “império do autor”. Baseado na crença de que o autor antecede o livro e o “alimenta” com suas ideias, experiências, memórias, ideologia e posicionamentos, este sistema compreendia o livro como um reflexo do seu escritor e, também, como uma forma de atuação deste no mundo.

Contrário a isso, o pensador defende a primazia da linguagem, entendida como impessoal, intransitiva e anônima. Nesta visão o texto não faz nada além de exercer o símbolo, não trata de outra coisa que não de si mesmo e não pode ser compreendido por nenhum elemento exterior a si mesmo (BARTHES, 2004).

Para ele:

[...] é a linguagem que fala, não é o autor; escrever é, através de uma impessoalidade prévia - impossível de alguma vez ser confundida com a objetividade castradora do romancista realista -, atingir aquele ponto em que só a linguagem atua, “performa”, e não “eu”. (BARTHES, 2004, p.59).

Além de não influenciar na composição do escrito, o autor desaparece enquanto exerce a escrita, pois ela é a:

[...] destruição de toda a voz, de toda a origem. A escrita é esse neutro, esse compósito, esse oblíquo para onde foge o nosso sujeito, o preto-e-branco aonde vem perder-se toda a identidade, a começar precisamente pela do corpo que escreve. (BARTHES, 2004, p.57).

Apesar de reconhecer a validade destas interpretações para os estudos no campo da teoria da literatura, não concordamos com a ideia de que um escrito literário não possua uma relação direta com o seu autor. Pelo contrário: se somos partidários da ideia de que uma função da literatura é proporcionar um conhecimento sobre a realidade objetiva é porque acreditamos que a mesma, enquanto produto cultural, foi construída por um agente social que, inserido em um determinado contexto, o interpreta e discorre sobre ele.

Posição semelhante é adotada pelo historiador Waldeci Rezende Borges que, citando José D'Assunção Barros, afirma:

*A época, a sociedade, o ambiente social e cultural, as instituições, os campos sociais, as redes que estabelece com outros textos, as regras de uma determinada prática discursiva ou literária, as características do gênero de escrita que se inscreve no texto, são questões que permeiam o texto escrito e constroem o autor de um texto, deixando nele suas marcas.* (BARROS apud BORGES, 2010, p.28. Grifos nossos).

Estes “constrangimentos” impostos aos autores de determinada época não os afetam da mesma maneira. Cada escritor elabora e reelabora as influências de seu contexto de acordo com sua própria subjetividade, a partir de suas experiências de vida, memórias, traumas e emoções.

Isso é perceptível na obra do cearense, radicado em Pernambuco, Ronaldo Correia de Brito. Nascido no ano de 1951, na cidade de Saboeiro, sertão de Inhamus. Mesmo vivendo em um mundo isolado, com características muito rurais e quase iletrado, Brito cresceu em um ambiente onde a leitura e a escrita estavam muito presentes, pois sua mãe era professora e seu pai um agricultor apaixonado pela leitura<sup>2</sup>. Influenciado por eles, começou a ler muito cedo a “História Sagrada”, uma seleta de textos e narrativas bíblicas.

---

<sup>2</sup> Brito relata, em entrevista, como era a relação de seu pai com a leitura. “Minha mãe se apaixonou pelo meu pai, os dois têm dezenove anos, casam e vão morar no sertão. Minha mãe leva uma caixa de livros, com gramáticas, livros de história, de geografia, de matemática. E tem um livro chamado A história sagrada. Então, meu pai começa um projeto pessoal de educação nos livros. Estuda aritmética, estuda geografia. Uma das lembranças mais marcantes que tenho do meu pai é ele acender, no início da noite — o que nós chamamos “na boca da noite” —, um candeeiro, colocar em cima de uma mesa, sentar com os livros, e o dia amanhecer e ele levantar, lavar o rosto e começar o trabalho. E passar a

Meu pai escolhe um trecho de José do Egito e manda que eu leia em voz alta para a família E eu leio, e aí ele me diz: ‘Olhe, você, a partir de hoje, não precisa mais que eu leia para você. Você já é um leitor. Você já sabe ler’. Eu tinha sete anos. A partir daí, minha vida começa. (BRITO, 2011a).<sup>3</sup>

Apesar de não seguir nenhuma religião, encontrou na Bíblia uma fonte de inspiração:

O livro que mais li, sempre releio e vou continuar lendo por toda minha vida é a Bíblia. No meu entendimento, trata-se de um excelente livro de narrativas. A Bíblia é um livro de autores, de várias vozes interessantíssimas. Se me perguntam qual foi o autor que mais me influenciou, confesso que são os autores da Bíblia. Nunca busquei na Bíblia um livro religioso, mas uma obra de narrativas, de metafísica e poesia. As profecias de Isaías, Ezequiel e Jeremias são a mais alta poesia que a humanidade produziu. (BRITO, 2020).<sup>4</sup>

Essa influência se traduz em citações diretas, referências a episódios, personagens e nomes bíblicos, especialmente do antigo testamento. Essa relação será debatida com mais profundidade em um tópico posterior. Por ora é importante entender que, da leitura da bíblia, ele passou a outros textos que foram marcantes na sua formação intelectual.

Ela teve um impulso quando, aos cinco anos, ele se mudou para o Crato e teve contato com a biblioteca particular de um primo, onde leu na íntegra toda a obra de Machado de Assis, de Monteiro Lobato e de José de Alencar, este último considerado por ele o maior escritor brasileiro. Aos treze começou a frequentar o acervo da biblioteca da faculdade de filosofia da cidade onde,

[...] por um feliz acaso, tive nas mãos a “Ilíada” e a “Odisséia”, livros que nunca mais larguei. Ao mesmo tempo iniciei-me nas “Mil e uma Noites”, na versão clássica de Antoine Galland. Veio o tempo dos russos – Tolstoi, Dostoievski, Gogol –; do teatro grego, de Shakespeare, de Molière. Curti a moda da literatura latino-americana, até descobrir e esbarrar em Jorge Luis Borges. Li Fernando Pessoa, Lorca, os poetas brasileiros, e também esbarrei no meu eleito, Walt Whitman. (BRITO, 2005)<sup>5</sup>

---

noite toda lendo — toda a noite lendo. Então, meu pai tem todo esse processo de autodidatismo. E você sabe que todo filho deseja um pouco ser como o pai. Então, queria também ser tão leitor quanto meu pai.” (BRITO, 2011)

<sup>3</sup> Em entrevista concedida ao Jornal Rascunho em novembro de 2011. Disponível em: <http://www.tirodeletra.com.br/entrevistas/RonaldoCorreiaBrito.htm> Acesso em: 20 Abr. 2020.

<sup>4</sup> Em entrevista concedida ao programa “Um escritor na biblioteca”. Disponível em: <http://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Um-Escritor-na-Biblioteca-Ronaldo-Correia-Brito> Acesso em: 15 dez. 2020.

<sup>5</sup> Entrevista concedida ao blog Jornal de poesia no ano de 2005. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/jinacio18.html> Acessado em: 11 dez. 2020.

Outras mídias também deixaram marcas em sua obra. Quando se mudou para o Crato, seu pai o levou ao cinema e logo ele se apaixonou pelos filmes, virou um viciado que “Via filmes todos os dias, os bons e os péssimos. Sabia as cenas decoradas, prestava atenção nos cortes, na música, nos enquadramentos.” (BRITO, 2005).<sup>6</sup>

Essa paixão influenciou na estética de sua escrita. No conto *Faca* (2003), por exemplo, realiza um experimento na linguagem e narra em diversos tempos que são superpostos a partir de cortes que lembram “takes” cinematográficos. Essas mudanças possibilitaram a interligação de diferentes épocas, personagens e fluxos de pensamento. Sobre isso,

Hoje encara-se muito a obra romanesca em termos de montagem cinematográfica, o novelista escreve a sua narrativa (filma a direto) e, depois, fecha-se na cabina da montagem. Corta aqui, corta acolá, cola esta cena àquela, passa o que estava antes para depois e vice-versa, estuda os efeitos sabiamente, e toda a narrativa se desarticula, adquire outra destreza, suscita outros estímulos. (TORRES *apud* MELO, 2014, p.29).

Ronaldo Correia parece se encaixar perfeitamente nessa descrição. Em uma entrevista concedida em 2011 ao *Paio!*, projeto promovido pelo jornal *Rascunho* em parceria com a Fundação Cultural de Curitiba, o Sesi Paraná e a Fiep, detalhou como se dava o seu processo de escrita:

Trabalho muito com as técnicas que aprendi no teatro. Trabalho com uma coisa que se chama “memória de personagem”. Por exemplo, Adonias [do romance *Galiléia*]. Ele, como personagem, tinha uma caixa que podia ter vinte, trinta, quarenta páginas. Às vezes isso pode ser em si já um romance. Acho que Davi chegou a ter nessa caixa umas oitenta ou cento e vinte páginas. Davi, de Galiléia, era um personagem tão importante que a primeira cópia que tirei se chamava Davi entre as feras. Depois foi que virou *Galiléia*. E Davi foi um personagem que foi perdendo significado, foi perdendo, perdendo, e eu fui cortando, cortando, cortando. *Galiléia* era um romance que ia ter 500 páginas, e terminou com 236 páginas. Eu escrevo muito. Às vezes, escrevo um dia todo, escrevo horas e horas e horas, e nada daquilo entra na estrutura central do romance. (BRITO, 2011a).<sup>7</sup>

Neste processo de construção da memória do personagem, vai deixando transparecer suas próprias memórias, suas sensações, posicionamentos políticos e visões de mundo. Embora negue que seja um memorialista, ele concorda que “As

---

<sup>6</sup>Entrevista concedida ao blog *Jornal de poesia* no ano de 2005. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/jinacio18.html> Acessado em: 11 dez. 2020.

<sup>7</sup> Informação obtida no site do autor, disponível em: <https://www.ronaldocorreiaebritto.com.br/site2/> . Acesso em: 17 abr. 2020

biografias dos escritores terminam se confundindo um pouco com a dos seus personagens.” (BRITO)<sup>8</sup>

Em *Galiléia*, por exemplo, Adonias narra o batismo do patriarca Raimundo Caetano que, por um capricho do padre responsável pelo sacramento, não recebeu o nome de Abraão. Conta o protagonista do romance que,

Envergando um timão de seda bordada, touca de renda na cabeça, mais parecendo uma menina do que um machinho, meu avô receberia o nome de Abraão, e seria ungido com o óleo batismal, na igreja matriz de Arneirós, conforme o ritual iniciado por São João Batista no rio Jordão.

[...]

-Abraão não ser nome cristão! Com esse nome não batizo.

-Mas padre...-tentou rebater o bisavô, que não distinguia judeu de cristão, homem acostumado à terra e às armas, preocupado apenas em assegurar o que os seus antepassados conquistaram.

-Abraão não presta- proferia o padre aos gritos.

[...]

-Não batizo! -gritava o padre no português atrapalhado, aumentando o desespero da família. Temiam que a criança morresse pagã e precisasse viver o restante de sua eternidade no limbo, um lugar escuro e insalubre, para onde seguiam as almas das crianças sem batismo. (BRITO, 2008, pp. 28-29).

No excerto, Brito faz uma referência ao seu próprio batismo. De acordo com as informações biográficas encontradas em seu blog, ele quase não foi batizado pois o padre alemão não era fluente no português e confundiu o nome “Ronaldo” com “Runwald, alcunha druída que designa feiticeiros que lidam com runas e, conseqüentemente, um nome pagão.

Outro texto baseado em suas próprias vivências é o *Pai abençoa filho*, presente na coletânea de contos *Retratos Imorais* (2010). A narrativa conta a história de um filho que, a pedido do pai, sai do Crato e vai para Recife a fim de estudar,

Como na canção de Torquato Neto, minha mãe e meus sete irmãos só me acompanharam até a porta. Apertei suas mãos sem dizer uma única palavra, os dentes cerrados. Se deixasse escapar um singelo adeus, o açude represado de lágrimas romperia. Meu pai me olhava firme, vigilante. Com ele planejara largar a vidinha feliz, conhecer outro mundo, tentar a sorte. Eu me formaria em medicina, levaria os irmãos mais novos ao Recife e ajudaria a educá-los. (BRITO, 2010, p. 39).

Assim como o personagem, o escritor também saiu da casa dos pais, no Crato, ainda adolescente para ir ao Recife estudar medicina. Estes são apenas dois exemplos de inúmeros que povoam a literatura cearense e demonstram que, de

---

<sup>8</sup> Informação obtida no site do autor, disponível em: <https://www.ronaldocorreidebrito.com.br/site2/>  
Acesso em: 17 abr. 2020.

acordo com suas palavras, “A literatura parte de cacos de memória. O resto é invenção.” (BRITO,2013).<sup>9</sup>

É justamente estes “cacos” que nos confirmam que, ao menos no que se refere ao autor em questão, a análise sociológica e psicológica é sim um critério válido para se iniciar uma análise seja de um livro específico, seja de um conjunto de obras e textos, como é o objetivo deste trabalho. Nos tópicos seguintes nos aprofundaremos um pouco mais nessa questão, demonstrando como posicionamentos políticos, experiências de vida e diversos outros elementos são fundamentais para a construção de suas narrativas.

## 1.1 O ASSASSINATO

Brito situa a maior parte de suas narrativas nos espaços que mais marcaram sua vida: Inhamuns, o Crato e a cidade do Recife. Para além da constância de espaços e cenários, um elemento é recuperado em diversas narrativas e oferece um panorama sobre sua literatura em geral.

Em seu texto “ A inovação no Seriado”, Umberto Eco traça um panorama das múltiplas formas de repetição usadas pelos criadores culturais. Embora concentre suas análises na cultura contemporânea, especialmente na televisão, é importante entender que, segundo o próprio teórico, suas considerações podem ser expandidas à “[...] toda história da criatividade artística”(ECO, 1989,p.133).

Dito isso, é também necessário destacar que “repetição”, em sua visão, não se trata de realizar a mesma coisa, mas sim de produzir elementos que, embora reproduzam ideias, técnicas e elementos já realizados, são apresentados como se fossem novos.

Dos diversos tipos de repetição apontados por ele, dou destaque aos conceitos de “Saga” e de “Série”. O primeiro teria como exemplo máximo as obras de Balzac e é caracterizado por se desenrolar em

[...] uma sucessão de eventos, aparentemente sempre novos, que se ligam [...] ao processo “histórico” de um personagem, ou melhor, a uma genealogia de personagens. Na saga os personagens envelhecem , a saga é uma história de envelhecimento (de indivíduos, famílias, povos, grupos). (ECO, 1989, p.125).

---

<sup>9</sup> Em entrevista concedida ao blog “Guerra e Poesia” em 30 de maio de 2020. Disponível em: <http://andreguerraepoesia.blogspot.com/2013/05/entrevista-ronaldo-correia-de-brito.html> Acesso em: 15 dez. 2020.

Esta estratégia me parece ter sido utilizada por um autor brasileiro que adotou a alcunha de “Ciclo” para denominar sua Saga. Falo de José Lins do Rego, um dos mais famosos representantes da segunda geração modernista ou, como é mais comum, do regionalismo de 30. É dele a criação do “Ciclo da Cana-de-açúcar”, conjunto de romances publicados entre 1932 e 1943.<sup>10</sup> Daremos destaque maior a dois deles: *Menino de Engenho* e *Fogo Morto*.

A escolha se dá por critérios objetivos: é em *Menino de Engenho*, romance de estreia de José Lins, que ele apresenta os elementos que irão balizar todos os livros da saga. Já em *Fogo Morto*, último livro da saga, realiza uma síntese do ciclo.

Marcado por um tom memorialístico, *Menino de Engenho* conta a história de Carlinhos que, aos quatro anos de idade, é levado para morar com o avô, no engenho Santa Rosa, localizado no município de Pilar, na Paraíba, após o seu pai assassinar sua mãe a tiros. Lá o menino experimenta uma vida nova que é narrada em primeira pessoa e revela sensações que vão do medo de morrer de asma crônica à curiosidade de saber o que é o sexo e o amor. Os personagens vão surgindo e deixando impressões em Carlinhos, assim como aquelas que a sífilis deixou em seu corpo quando experimentou “depravações” com a negra Luzia.

Mas o livro não trata apenas de seu narrador, na verdade a temática central versa sobre os dramas do nordeste açucareiro. Ao longo das páginas são descritas as vidas dos personagens que compõem os engenhos: os moleques da bagaceira, os escravos do eito, as negras que trabalham na Casa Grande, o padre, os cangaceiros e os agregados que viviam sob os pés do senhor de engenho.

Esse, aliás, figura central no livro. Nas páginas do romance o homem é retratado de maneira ambígua pois, ao mesmo tempo em que grita com os trabalhadores da fazenda, chamando-os de vagabundos, oferecia apoio e proteção às “quatro mil almas” que estavam sob o seu domínio. Isso é latente em um capítulo onde é narrada uma cheia do rio Paraíba que causa grande destruição no engenho e em todas as regiões próximas. Mesmo com um prejuízo imenso, o coronel enviava canoas para salvar os que estavam ilhados, distribuía mantimentos e ordenava a distribuição de mantimentos aos afetados pelas águas.

O livro termina com a ida de Carlinhos à escola na cidade de Itabaiana, um acontecimento marcado pela tristeza.

---

<sup>10</sup> Fazem parte deste conjunto os livros: *Menino de Engenho*, *Doidinho*, *Banguê*, *Usina* e *Fogo Morto*.

Os moleques estavam na beira da linha para me ver passar. - Adeus, adeus, adeus! - com as mãos para mim. E eu com o lenço, sacudindo. Os olhos se encheram de lágrimas. Cortava-me a alma a saudade do meu engenho". (REGO, 2002, p.148).

A tristeza de Carlinhos irá se transfigurar, posteriormente, na tristeza de Carlos de Melo. Homem feito que, em *Banguê*, não consegue administrar o Santa Rosa como o avô e se vê forçado a vender a propriedade à família, que a transforma em uma usina de açúcar. O desdobramento disso se dá em *Usina*, romance publicado em 1937 e que retrata o último estágio de decadência da família e do Santa Rosa.

A leitura desses romances deixa claro que o objetivo maior de José Lins era retratar as mudanças do sistema cultural, social e econômico baseado nos engenhos de açúcar no Nordeste. Segundo José Maurício de Almeida, José Lins é o "[...] romancista da decadência da sociedade patriarcal do Nordeste Brasileiro" (ALMEIDA, 1980, p.185).

Este processo é contado, na maior parte dos livros, a partir da ótica da Casa-Grande. Analisando a produção do escritor, Almeida afirma que

Sem que isso traga qualquer prejuízo à grandeza humana e artística da criação de José Lins do Rego, pode-se facilmente perceber que a ótica do romancista nesta obra ainda é predominantemente patriarcal, impregnada dos valores de sua classe. Menino de Engenho está na verdade muito mais preso à ideologia do Movimento Regionalista do decênio anterior, nostálgico e sentimental, do que à posição conscientemente crítica que domina o romance de 30 e que já se podia assinalar em *Bagaceira*. (ALMEIDA. 1980 p.192).

A este olhar único, se contrapõe os que estão presentes em *Fogo Morto*, considerada a obra prima do autor. O romance é dividido em três partes que giram em torno de personagens centrais: José Amaro, seleiro que vive nas terras do engenho Santa Fé, Coronel Lula, proprietário do engenho citado e Capitão Vitorino Carneiro da Cunha, andarilho que se envolve em tramas políticas da região.

Além disso, enquanto a primeira e a terceira parte ocorre no "presente", primeira década do século XX, a segunda faz um recuo histórico e relata a ascensão e decadência do engenho de Lula. O recurso permite a Zé Lins retomar o ponto principal da saga, ou seja, o retrato da decadência do açúcar, mas também oferecer, a partir de José Amaro e Capitão Vitorino, outros olhares sobre a os problemas enfrentados por aquela sociedade.



Embora não tenham sido pensados, inicialmente, como um ciclo <sup>11</sup> é notório que pelo menos a partir de *Banguê*, a ideia de continuidade já era aceita pelo autor e pela crítica em geral. Em nota introdutória à primeira edição de *Usina*, por exemplo, José Lins afirma que

Com *Usina* termina a série de romances que chamei um tanto enfaticamente de “ciclo da cana-de-açúcar”. A história desses livros é bem simples — comecei querendo apenas escrever umas memórias que fossem as de todos os meninos criados nas casas-grandes dos engenhos nordestinos. Seria apenas um pedaço de vida o que eu queria contar. (REGO, 2013, p. 21).

Zé Lins narrou a vida de diversos personagens que, inseridos em localidades específicas, foram se transformando ao longo do tempo. Nasceram, cresceram, sofreram e experimentaram momentos de alegria em um mundo que estava mudando a passos largos.

Algo semelhante, pelo menos em termos de metodologia, faz Ronaldo Correia de Brito. Em *Faca* (2003) somos introduzidos à história de uma tragédia: Domísio Justino, um cearense casado e pai de oito filhos, ganha a vida comercializando gado na capital do estado. Em uma dessas viagens se apaixona por uma cidadina e compromete-se a casar com a mesma, mas, para fazer isso, decide matar a esposa para livrar-se dela e dos filhos. Como forma de escapar ileso ao crime inventa a falsa história de que Donana o estava traindo

- É mentira! falaram os dois irmãos de Donana, irados, as cabeças baixas, remoendo o ódio.  
- É verdade. Eu vi as marcas do chinelo, no Riacho onde ela toma banho. Chinelos grandes e pequenos. (BRITO, 2009, p.31).

As supostas marcas seriam, de acordo com os irmãos, insuficientes para provar a traição. Exigem provas mais concretas que, uma vez conseguidas, dariam o direito ao homem de “[...] punir os culpados do jeito que é devido” (BRITO, 2009, p.32). Sem conseguir levantar mais falsos testemunhos, Domísio assassina a mulher com uma punhalada nas costas. Os irmãos da vítima partem em busca de vingança.

Esbarram, entretanto, na “lei da hospitalidade sertaneja”. O assassino havia se escondido na casa do irmão, Anacleto Justino, e não podiam fazer nada enquanto ele estivesse lá.

---

<sup>11</sup> A informação é de Paula Maciel Barbosa que, em seu texto “Entre a Casa Grande e o Mocambo: O moleque Ricardo no ciclo da cana-de-açúcar de José Lins do Rego”(2015) afirma que a ideia de apresentar os livros como um ciclo foi do editor José Olympio, na intenção de alavancar as vendas dos romances.

Eu compreendo o ódio de vocês - tentou falar calmo Anacleto Justino- Mas respeitem a casa e as leis da hospitalidade. [...] Por isso eu peço- falou Anacleto-, aqui dentro de casa, não. Em qualquer lugar, nas estradas, no meio do mato, onde vocês o encontrarem, quando ele for embora. (BRITO, 2009, p.33).

Comentando o episódio, Monica dos Santos Melo explica que “o espaço doméstico é dotado de revestimento sagrado e aquele que o invade, sem consentimento, está ofendendo o proprietário, bem como desrespeitando sua autoridade” (MELO, 2014, p.18). O fim do texto deixa em aberto o destino de Domísio, uma vez que não deixa claro se ele foi morto “Ou esquecido, como o punhal que os ciganos largaram no terreiro” (BRITO, 2009, p.33).

A narrativa é retomada em textos posteriores do autor. É neste sentido que no conto “*O que veio de longe*” (2005), somos apresentados à história de um corpo que foi encontrado às margens do rio Jaguaribe e que passa a ser idolatrado pelas pessoas da região. “Construíram para o santo uma vida cheia de juventude, atos generosos e feitos heroicos” (BRITO, 2005, p.11). O santo operava milagres, salvava mulheres de picadas de cobras, ajudava vaqueiros que perdiam réis e até mesmo mulheres com problemas na gestão e crianças doentes.

Um dia, ao passar por aquelas terras, Pedro Miranda ouve relatos sobre o santo e, pela descrição dos objetos encontrados com o corpo, reconhece que na verdade aquele era Domísio, o homem que havia matado sua irmã e que fora assassinado por ele mesmo. Pedro gritava em um restaurante local: “O covarde inventou que minha irmã o traía. É mentira! Ele é que estava apaixonado por outra. O santo de vocês está ardendo no inferno. Não merece uma única reza” (BRITO, 2005, p.14).

Os habitantes escutavam as palavras com atenção e

Estreitavam o círculo em volta do narrador, projetando os corpos silenciosos. Vez por outra, o vento assoprava a chama de um candeeiro sentinela, ameaçando clarear o que muito se ocultava nas trevas. [...] Um relâmpago cortou o céu. Choveu a noite inteira e o jaguaribe botou enchente. Pareceu o dia em que encontraram o corpo do santo. Águas barrentas e profundas, na medida certa para arrastem outro corpo.” (BRITO, 2005, p.14).

Em *Galileia* (2009), entretanto, o caso ganha novas informações e toma proporções místicas. Sobre isso,

A Casa-Grande do Umbuzeiro nos espionava, enchendo de pesadelos nossas noites. Escutávamos os gritos de tio Domísio, preso no quarto escuro. Amarrado a um casamento imposto pela família. Domísio sobrevivia tocando rebanhos de bois para o Recife. Numa das viagens, apaixonou-se por uma

moça jovem e risonha, na cidade de muitas igrejas. Jurou que era solteiro e acertou casamento. Mas, no sertão distante, existiam os filhos e a esposa Donana. A única maneira de livrar-se dela seria matá-la. Procurou os dois cunhados e jurou que Donana o traía. Encontrara rastros de alpagartas e chinelos na areia do riacho onde ela costumava se banhar. Marcas pequenas, de pés femininos, e marcas grandes e profundas, denunciando pertencerem a homem. Os cunhados não acreditaram em Domísio, pediram que arranjasse outras provas. Se a irmã fosse culpada, fizesse a justiça de direito. Mas se tudo não passasse de mentira, eles se vingariam. Domísio matou Donana com um punhal de cabo de madrepérola. Enfiou-o nas costas da mulher. O sangue tingiu o riacho Trici, correu para as águas do rio Jaguaribe e depois para o mar. (BRITO, 2009, p. 54).

Após atirar uma pedra em seu primo Ismael, em episódio que será analisado em outro momento deste trabalho, Adonias dirige-se à casa de seu tio Salomão que, de acordo com o texto, é a mesma onde Anacleto Justino acolheu seu irmão assassino. Entra no quarto onde Domísio se escondia e encontra o mesmo, séculos depois do assassinato.

- Tio João Domísio, é você?

Ele balançou a cabeça dizendo que sim, e continuou sentado. [...] Pediu que o olhasse e só então pude vê-lo em detalhes. Possuía a mesma beleza cantada em versos pelos poetas violeiros, mas as feições haviam perdido os sinais que distinguem o homem da mulher. A voz também perdera o tom grave, subia em agudos como a fala dos adolescentes. Seriam efeitos da escuridão e do silêncio prolongado? (BRITO, 2009, p.105-151).

Também é em *Galileia (2009)* que Donana fala pela primeira vez. Em mais uma passagem repleta de misticismo Adonias conversa com a “tia”

Só quando abro os olhos bem abertos reparo nos trajes de Donana. Ela veste uma longa camisa de algodão branco, a mesma com que tomava banho, quando foi assassinada. Da roupa e dos cabelos molhados não para de escorrer água. [...]

- Por que não se enxuga? Não sente frio?

- Sinto, mas não me importo. O frio me ajuda a ficar acordada, a não esquecer o que Domísio fez comigo.

- Nunca o perdoou?

- Nunca. É por isso que não descanso. (BRITO, 2009, p.168).

Já em *Estive Lá fora (2012)*, o protagonista Cirilo martiriza-se por erro cometidos por parentes pois, ao pensar em “Jogar-se nas águas barrentas do rio Capibaribe, Cirilo não tinha clareza se atuava por vontade própria, ou se apenas repetia a sina ruim de João Domísio” (BRITO, 2012, p.53). Neste livro também é apresentado outro desfecho para a história “[...] Domísio foi encontrado morto, o corpo perfurado de balas, boiando noutro rio, o Jaguaribe. Peixes haviam comido o seu rosto. As feições depuradas em cromossomas e genes perderam-se para sempre” (BRITO, 2012, p.53).

Em um texto publicado em seu blog pessoal, intitulado “Ao lado das mulheres, sempre”, Ronaldo afirma que a história de Domísio e Donana é, ao menos em parte, baseada em fatos reais. Segundo ele,

Esse bruto assassinato aconteceu de verdade na região onde nasci, no Ceará, no final do século XVII, e tanto a vítima como o assassino eram pessoas da minha família. A história foi incorporada à mitologia sertaneja local e eu a ouvi ainda criança. (BRITO, 2014).

Assim como acontece no Ciclo da Cana-de-Açúcar, Brito repete personagens, histórias e enredos em seus livros e, a exemplo do que faz Zé Lins, ele também assume que é seu objetivo construir uma narrativa articulada. Em entrevista ao site “Vaca Tussa” comenta que

Sempre desejei que minhas narrativas se interligassem, as histórias se cruzassem, criando um universo ficcional: meu sertão ou meu não lugar. Balzac fez isso na Comédia Humana e o resultado alcançado impressiona. Os personagens aparecem em vários tempos, em romances diferentes. Isso dá unidade à Comédia.” (BRITO, 2011b)

Para além de Domísio e Donana, o que percebemos é a repetição constante de uma família: a Rego Castro. Em *Galiléia*, por exemplo, enquanto ainda estão no caminho para visitar o avô, Adonias e Ismael conversam sobre o suposto piano que havia sido trazido da Europa até a fazenda da família em tempos antigos.

-As estradas não melhoraram desde que os antepassados trouxeram um piano do porto do Recife.  
-Acho que estão piores, Ismael- comento meio grogue com o devaneio musical. Imagino o instrumento frágil, encomendado na França, em cima de um carro de bois.  
-Será que veio mesmo um piano para esse fim de mundo?  
-Meu pai garante que sim. Vamos atravessar o Riacho onde os bois atolaram com a carga. (BRITO, 2009, p.11).

A mesma narrativa aparece no conto *Redemunho* (2003). Logo no início do texto, Catarina comenta sobre a vinda de um piano europeu para a casa de sua família.

-Eu refiz a conta do tempo e acho que os sulcos no barreiro do rio Jucá tem perto de cento e vinte anos. Foi a maior cheia de que se tem notícia. O carro de bois atravessou a lama e deixou a marca das rodas. Ele estava muito pesado. Além do piano, transportava um monte de móveis. Tudo vindo da Europa. (BRITO, 2003, p.39).

Este é apenas um exemplo de vários outros que poderiam ser elencados para destacar a permanência da família Rego Castro na literatura de Ronaldo Correia. Mais

importante é destacar que, por mais que esta prática se assemelhe àquela empregada por José Lins do Rego, é preciso diferenciá-las.

Não há, diferentemente do que ocorre no ciclo da cana com Carlos de Melo, um personagem principal que ganha mais espaço do que os outros. Se Domísio e Donana são frequentes, raras são as ocasiões em que ocupam o lugar de destaque ou mesmo que assumem a dianteira na narrativa. Brito também não constrói um enredo coeso. Os acontecimentos mesclam-se e, histórias que em determinados textos aconteceram no século XIX, em outros transportam-se para o século XX ou mesmo XXI.

O autor se reserva ao direito de se contradizer, de contar a mesma coisa de formas diferentes. Neste sentido, ao invés de interpretar estes textos como compondo uma saga, acreditamos que eles se revelam como uma série.

Nos dizeres de Eco, uma série literária é caracterizada por compor “[...] uma situação fixa e um certo número de personagens secundários que mudam, exatamente para dar a impressão de que a história seguinte é diferente da história anterior” (ECO, 1989, p.123).

As séries são mais propensas à inovação pois permitem ao escritor abordar os mesmos elementos de formas diferentes. Acreditamos que é isso que acontece quando comparamos os textos de Brito com o ciclo criado por José Lins.

É importante destacar, entretanto, que essa interpretação não está atrelada a nenhum juízo de valor e é, desta maneira, meramente constatativa sem que isso signifique que consideramos os escritos de Ronaldo Correia superiores ou inferiores aos do autor de *Menino de Engenho*.

## **1.2 ENTRE O SAGRADO E O PROFANO**

Não é só com os próprios textos que Brito estabelece um diálogo intertextual, embora os contos precedentes influenciem diretamente em parte dos romances do autor, ele também – como não poderia ser diferente – revisita outras produções. Uma delas é o livro sagrado dos cristãos, a Bíblia.

A primeira referência ao texto sagrado encontrada em seu primeiro romance é óbvia: Galileia. Na Galileia bíblica nasceu Jesus, na de Brito nasceu o patriarca Raimundo Caetano que, como já foi mencionado, não recebeu o nome de Abraão por conta dos caprichos do padre que lhe batizou. Diante do acontecido o patriarca insistiu

em colocar nomes da tradição judaica em todos os seus descendentes homens, o que nos fornece informações interessantes a respeito da religiosidade do homem. Ainda segundo Adonias o avô “Durante toda a vida praticou um catolicismo pagão, misturando o louvor aos santos com credices e superstições” (BRITO, 2009, p.23).

Dessa mistura de judaísmo, catolicismo e certo misticismo sobressai-se, entretanto, um profundo respeito pelas escrituras sagradas cristãs. Raimundo interpretava os textos bíblicos ao pé da letra e, na medida do possível, tentava imitar o que lia.

Benjamim, o filho mais novo de Raimundo e sua esposa Maria Raquel, morreu aos sete anos por causa de um erro médico. A criança ardeu em febre por dias, e durante este período o pai não comeu, não tomou banho e sequer saiu do lado da criança. Limitou-se a rezar e a suplicar que Deus não tomasse seu filho. Quando o menino enfim morreu, ele levantou, se lavou, trocou de roupa e pediu que lhe servissem uma refeição.

Os parentes o repreenderam, indignados com tamanha insensibilidade: - Por que você age assim? Enquanto o menino estava vivo você jejuava, não parava de rezar e lastimar-se. Agora que ele morreu, como se nada tivesse acontecido.

- Enquanto ele vivia - respondeu Raimundo-, eu pensava que o altíssimo se compadeceria dos meus sofrimentos e não levaria meu filho. Agora que o menino está morto, de que vale o meu jejum? (Brito. 2009, p.63).

A passagem é uma citação quase direta dos escritos bíblicos onde, em II Samuel, Davi, ao saber que o seu filho com a esposa de Uriel estava doente, passa a noite em jejum e em oração mas, ao ter conhecimento que a criança morreu “Levantou-se do chão, lavou-se, ungiu-se, mudou de roupa e entrou na casa de Javé para adorar. Depois voltou para casa, pediu que lhe servissem alimento e comeu” (BÍBLIA, 2006, p.408).

Quando questionado pelos servos do porque fazia aquilo, Davi respondeu “Quando o menino estava vivo, jejei e chorei porque pensava ‘quem sabe se Javé não terá compaixão de mim e o menino viverá? “Mas agora que morreu, por que haveria de jejuar?” (BÍBLIA, 2006, p.408). Elizabeth Franchischetto Ribeiro defende, em sua dissertação de mestrado intitulada “A Paródia Bíblica em Galiléia de Ronaldo Correia de Brito”, de 2011, que Raimundo Caetano imitou as atitudes do Rei Davi pois acreditava que – tal qual aconteceu com o personagem bíblico – estava sendo castigado pelo adultério cometido com a empregada da casa, Tereza Araujo com

quem Raimundo teve dois filhos. Ambos dados para serem criados por outras pessoas.

Apesar das inúmeras semelhanças, os episódios possuem também diferenças. Uma das principais diz respeito às consequências dos atos dos pais: Enquanto a morte do filho serviu para unir Davi e sua esposa, a de Benjamim gerou ainda mais ódio entre Raimundo e Maria Raquel.

Deste modo “Quando as referências bíblicas vão sendo cortadas e remendadas no novo texto contemporâneo, novas configurações vão sendo criadas” (RIBEIRO, 2011, p.41). Também caminha nessa direção o pensamento de André de Souza Pinto para quem “[...] o romance de Brito apresenta uma rede complexa de narrativas que remontam aos textos bíblicos, mas que, ao mesmo tempo, atualizam o relato apresentado, pois recriam, em novas versões, os personagens e suas tramas” (PINTO, 2016, p.44).

Ou seja, o autor nordestino, ao se basear no texto sagrado para escrever seu romance, reconstrói e ressignifica as escrituras do mesmo. Isso pode ser percebido, por exemplo, no assassinato de Ismael por Adonias, citado anteriormente.

Os dois primos, embora fossem pessoas com histórias de vida e personalidades completamente diferentes, eram muito próximos um do outro, conseguiram reatar laços. Nutriam respeito e admiração mútua um pelo outro e Ismael, por ser mais forte, cuidou de Adonias quando este machucou o calcanhar quando eram jovens.

No entanto, em um momento de raiva, Adonias atira uma pedra em Ismael e o mata. Pinto (2016) compreende, neste ato, uma citação indireta da narrativa bíblica de Caim e Abel. No texto sagrado, Caim e Abel eram irmãos, filhos de Adão e Eva, e fizeram oferendas a Deus.

Enquanto Abel, que era pastor, sacrificou sua melhor ovelha como oferenda, Caim, agricultor, ofereceu frutos. Deus se agradou da oferta do primeiro, mas não da do segundo. Tomado pela inveja, um dos pecados capitais, Caim matou o irmão e tentou se esconder. Adonias, tomado pela ira, outro pecado capital, lança uma pedra contra o primo, sai correndo do rio. “O que vim fazer aqui? Apenas cometer o crime que a família premeditou há anos. Ser o Caim eleito, o que desfere a pedrada contra o irmão. Matei por inveja, um passo, por inveja, dois passos, por inveja, três passos” (Brito, 2009.p.142).

Ao assassinar Abel, Caim é condenado por Deus a tornasse um fugitivo, sempre vagando pela terra: “Agora maldito sejas tu, longe da terra que por obra tua bebeu o sangue do teu irmão” (BÍBLIA, 2006, p.20). Também recebe uma marca para que nunca esquecesse do que havia feito. Seguindo a linha das interpretações anteriores, é possível aferir que, no assassinato de Ismael por Adonias, a vítima é quem tem marcas no corpo e quem vaga pela terra sem lugar para ficar.

Isto é perceptível quando Ismael afirma que “Não sei pra onde vou. Na verdade, eu continuo sem lugar” (BRITO, 2009, p.132); e, ainda, “Você sabe o que é ser imigrante, um brasileiro com cara de índio, as orelhas furadas e a pele do rosto marcada? (BRITO, 2009, p.136). O descendente de indígenas Ismael era rejeitado na própria terra onde havia nascido e também na Noruega, por possuir marcas tribais. Acreditamos que, dessa forma, Brito inverte a lógica da narrativa bíblica e “transfere” os castigos do crime para a vítima, livrando Adonias de qualquer punição.

Outra personagem que vaga sem rumo pelas estradas é Júlia, uma mulher que era querida por todos na Galileia. “Ela sempre chegava à boca da noite. Tereza Araújo lhe servia a janta, e nós esperávamos na sala” (BRITO, 2009, p. 121). Júlia vivia de domar cavalos quando ninguém mais conseguia, além de realizar rezas em doentes e contar histórias. Sempre que estava em Galileia pedia a Adonias que ele lesse o relato do profeta Daniel sobre uma mulher chamada Suzana.

Segundo o relato bíblico, Suzana era uma das mais belas mulheres da terra e, por causa disso, foi desejada por dois anciãos que bolaram um plano para possuí-la. Esperaram que a mesma fosse tomar banho no rio que passava por sua casa e, quando estava sozinha, surpreenderam-lhe.

Vê, o portão da chácara está fechado, ninguém nos vê e nós ardemos de paixão por ti; consente e entrega-te a nós. Caso contrário, nós te acusaremos dizendo que um jovem estava contigo e por isso mandaste a serva sair (BÍBLIA, 2006, p.1368).

Encurralada a jovem decidiu não se entregar aos homens, mesmo sabendo que com o falso testemunho iria ser condenada à morte, já que era casada. A bíblia continua a relatar “Enquanto Suzana era conduzida à morte, o senhor suscitou o santo Espírito de um adolescente chamado Daniel, o qual se pôs a gritar: ‘Eu sou inocente do sangue desta mulher!’” (BÍBLIA, 2006, p.1368). O jovem Daniel, antes de se tornar profeta, critica seus conterrâneos por julgarem e condenarem uma mulher sem antes averiguar as provas. Separa os dois anciãos e faz uma pergunta a cada um: De baixo



de que árvore você viu Suzana e o rapaz? O primeiro responde que a viu sob a sombra de uma acácia, o segundo afirma que eles estavam debaixo de um carvalho. Diante disso Suzana é inocentada e os anciãos condenados à morte.

Enquanto lê a escritura sagrada, Adonias repara que, todas as vezes em que relata o momento da mentira dos velhos Júlia chora, “grita e puxa os cabelos” (BRITO, 2008, p.124). Mais tarde descobre, graças a Tereza Araújo, que ela também havia sido injustamente acusada de traição e que por causa disso havia perdido a guarda das duas filhas. “O pai arrancou as meninas dos braços da mãe, e ela nunca mais as viu” (BRITO, 2009, p.125).

Diante de todas estas informações, é possível inferir que a bíblia, especialmente os livros que compõem o velho testamento, é uma referência importante na construção do enredo de Galileia. Considerando a importância que os escritos cristãos possuem na vida do autor, acreditamos que destacar a influência deles em suas obras corrobora com a ideia de que, ao contrário do que pregam os defensores da tese da “Morte do autor”, as experiências de vida, as emoções, as vivências e a própria subjetividade como um todo são importantes na construção de um texto literário.

No próximo tópico um último elemento será apresentado para pontuar este debate.

### **1.3 A HISTÓRIA COMO COMPONENTE LITERÁRIO**

Uma das frases mais famosas nas redes sociais, pelo menos no que diz respeito à história e à figura do historiador, é a de Peter Burke. Para ele “O historiador tem a função de lembrar a sociedade daquilo que ela quer esquecer” e, de fato, parece que uma das prerrogativas mais importantes do nosso ofício é tocar em feridas, expor chagas e hecatombes. Fazemos isso não por sadismo ou qualquer outra espécie de deleite com o sofrimento, mas sim para forçar reflexões a respeito de nossa sociedade, de nossa constituição histórica e social.

A literatura, ao meu ver, pode desempenhar funções semelhantes. Quem iria negar a importância de Graciliano Ramos na denúncia dos males que a seca - ou a indústria da seca - provocam em localidades do Nordeste? Quem iria negar que Machado de Assis é leitura fundamental para compreender a mentalidade e as formas de vida da alta burguesia carioca do século XIX? A relação entre literatura e história,

conforme já comentamos na introdução, mudou bastante ao longo dos anos e, embora a maior parte dos trabalhos versem sobre a utilização da primeira como fonte para a segunda, é possível afirmar que o inverso também é passível de acontecer. Ronaldo Correia de Brito faz isso com muita habilidade em seus livros que são recheados de informações históricas apresentadas a partir de diálogos, fluxos de pensamento e durante a narrativa como um todo.

Em *Dora sem véu* (2018), por exemplo, o autor versa sobre alguns acontecimentos dos séculos XIX e XX no Brasil. São debatidos temas como a expedição Thayer que percorreu o Brasil, a ditadura militar que vigorou no país entre 1964 e 1985 também é citada.

O evento histórico mais discutido no livro, entretanto, foi a seca que ocorreu no Ceará em 1932. Neste ano são usados, pela segunda vez no estado, campos de concentração destinados aos retirantes. Brito dedica diversas páginas do romance a tratar sobre essas instituições de repressão, que só podem ser realmente compreendidas em toda a sua complexidade fazendo um recuo histórico até o ano de 1877, quando houve outra seca de proporções desastrosas.

A estiagem iniciada em 77 durou cerca de dois anos e foi uma das que mais vitimou sertanejos em toda a história do Ceará. Estimativas apontam que morreram cerca de 500 mil pessoas por fome, sede e doenças. É neste momento que começa a ser gestado, segundo Frederico de Castro Neves, um medo dos retirantes. Isso ocorre pois, sem outras alternativas viáveis, uma grande leva de flagelados, ocupa as ruas e vielas da cidade de Fortaleza e promovem, segundo crônicas da época, grandes turbulências, ondas de crimes e etc. (NEVES, 1995).

Essa situação se torna ainda mais preocupante quando entendemos que a maioria das secas era acompanhada por epidemias de febre amarela, cólera e, principalmente, de varíola. “Os “retirantes”, de corpos frágeis e subnutridos que buscavam as cidades onde ficavam concentrados em ambientes promíscuos e insalubres, eram os clientes preferenciais da doença” (COSTA, 2014, p.114).

As táticas usadas para lidar com estas pessoas iam desde a repressão sistemática - utilizando, inclusive, a força policial - a pequenas iniciativas assistencialistas que eram resumidas em distribuição de comidas e passagens para fora do estado.

Ao final da seca, o Ceará perdeu um terço de sua população, pela fuga e pela morte. A sua riqueza pastoril, que, antes de 1877, era calculada em 24 mil contos de réis, depois da seca, não valia mais de 200 contos. A agricultura

desapareceu completamente. Desde 1869 até o fim do século, emigraram do Ceará 300.902, sendo 255.526 para o Amazonas e 45.376 para o Sul. (GIRÃO *apud* COSTA, 2014 p.123).

Diante de todos esses problemas, e para evitar que eles se repetissem, as autoridades lidaram de uma forma diferente com a seca de 1915. Neste ano surgiu uma nova instituição que causaria terror e morte: Os campos de concentração. Esta mudança de atitude está diretamente ligada ao contexto social e cultural da época, especialmente no que diz respeito à difusão do discurso sanitarista.

O discurso médico sanitarista surgiu na Europa do século XVII e se manteve muito influente no continente até meados do século XIX. Este pensamento foi a base através da qual foram realizadas diversas reformas urbanas dentre as quais merece destaque a promovida em Paris pelo Barão Haussman. No Brasil o grande exemplo foi a realizada no Rio de Janeiro, sob o mando do prefeito Pereira Passos.

A intensa modificação da paisagem urbana realizada na então capital do país inspirou diversas outras, Fortaleza foi uma delas. Segundo Neves, a capital experimentava, na primeira metade do século XX, um intenso processo de modernização e de “aformoseamento”. A cidade “[...] entrava no século XX com parques, jardins, bondes, asilos, hospitais, praças e ruas calçadas geometricamente planejadas conforme as mais modernas técnicas e estilos de construção” (NEVES,1995, p.12). As grandes aglomerações de 1877 que espalhavam medo, doenças e causavam profunda insegurança nas elites cidadinas não cabiam mais em uma urbe que se queria modernizada, progressista e bela.

Foi nesse contexto que, já em 1915, foi criado o “Campo do Alagadiço” em Fortaleza. Construído na gestão do Coronel Benjamin Liberato Barroso, era apresentado como uma medida eficaz de combate à seca. O governo afirmava que podia comportar com tranquilidade cerca de 3 mil retirantes e que, uma vez concentrados, seria mais fácil alimentá-los e oferecer assistência médica. A realidade, entretanto, mostrava-se muito mais dura e infeliz.

Rachel de Queiroz publicou, em 1930, um livro intitulado “O Quinze”. O romance de estreia da escritora cearense tratava da seca de 1915 e, em meio aos dramas de romances não concretizados, explicita os dramas e dificuldades de uma família de retirantes que migra em direção à capital e, depois de perder dois filhos, fica abrigada nos campos. A narrativa possui muitas similaridades com o último livro de Brito. A título de exemplo é possível citar a história de Pedro, uma das crianças

que emigrava e, diante da possibilidade de passar fome, acaba fugindo com um grupo de comboieiros. Jonas, pai de Francisca em *Dora sem véu*, também foge da fome e da família que emigrava em direção à uma grande cidade.

Conceição, uma das personagens do livro de Queiroz, era uma professora normalista que, embora possuísse raízes no sertão, vivia na capital. Apresentada como uma intelectual de bom coração, ajudava a cuidar dos retirantes concentrados, mas, mesmo que desempenhasse essa função humanitária sempre atravessava o local “em passo ligeiro, fugindo da promiscuidade e do mau cheiro do acampamento. Que custo, atravessar aquele atravancamento de gente imunda, de latas velhas, e trapos sujos!” (QUEIROZ, 2012, p.35).

O mau cheiro era advindo das péssimas condições sanitárias e de vida existentes no campo. “As pessoas, cercadas, comprimiam-se na busca da sobrevivência num precário estado sanitário. A morte rondava o campo de concentração, fazendo suas principais vítimas entre as crianças” (NEVES, 1995, p.6). Com as chuvas que chegavam entre setembro e outubro, o estado sanitário do campo piorou de modo que, já em dezembro, “Os cadáveres empilhavam-se à espera de transporte, ao longo da linha do bonde que passava ao lado do campo” (NEVES, 1995, p.6).

Rachel aponta que a mortalidade, embora atingisse a todos, era pior em um grupo:

Conceição passava agora quase o dia inteiro no Campo de Concentração, ajudando a tratar, vendo morrer às centenas as criancinhas lazentas e trôpegas que as retirantes atiravam no chão, entre montes de trapos, como um lixo humano que aos poucos se integrava de todo no imundo ambiente onde jazia. (QUEIROZ, 2012, p.70).

Uma das principais causas de morte era a fome. Ficava cada vez mais claro que o governo não se esforçava o bastante para suprir as necessidades dos concentrados de modo que a maioria precisava recorrer a outros meios para sobreviver

Novamente a literatura nos ajuda a entender: Dona Inácia, a madrinha que criou Conceição, estava em casa quando uma mulher apareceu à sua porta com uma criança no colo. A criança demonstrava sinais de fraqueza e Inácia perguntou se ela estava com fome. A mulher respondeu:

— Está, inhora sim... Mas, a bem dizer, é mesmo que não estar, porque de comer não serve mais para ele... Não engole mais nada... Eu é que estou com uma fraqueza, em tempo de dar um passamento... ainda não botei um bocado na boca, hoje...

— E no Campo de Concentração não dão mais comida, não? Diz que lá ninguém morre de fome!

— Ora, se não morre! Aquilo é um curral da fome, doninha! (QUEIROZ, 2012, p.71).

Diante deste cenário desolador tornaram-se práticas relativamente comuns o suicídio, assassinatos e até mesmo o canibalismo. Isso acontecia mesmo diante de todos os esforços de vigilância e de fiscalização que as autoridades realizavam dentro do campo. Frederico de Castro resume bem as impressões que pairavam na cabeça dos retirantes da época:

Enfim, em resumo, o Campo de concentração do Alagadiço aglomerou num terreno 'cercado e arborizado' milhares de pessoas num ambiente de poucas instalações físicas e piores condições sanitárias, onde os números de mortes também se concentraram: Em geral era mais fácil morrer dentro do campo do que fora dele! (NEVES, 1995, p.8).

Muito disso se devia à superlotação. Inicialmente construído para concentrar três mil pessoas, o campo de Alagadiço comportou, em seu momento de maior lotação, cerca de 8 mil flagelados.

Mesmo diante de tantos problemas, a medida foi adotada novamente, e com ainda mais intensidade, em 1932. Isso demonstra que, em acordo com Souza, “Com maior ou menor rigor no controle, o aprisionamento dos que incomodam é uma prática de grande recorrência seja com um discurso mais explícito ou com argumentos dissimulados” (SOUZA, 2014, p 127).

Esse aprisionamento era apresentado como necessário uma vez que, ainda na década de 30 e de maneira ainda mais profícua, Fortaleza dava continuidade ao seu processo de modernização. A partir de jornais da época, Souza demonstra que haviam sido construídos novos calçamentos, artérias, avenidas largas e diversos outros símbolos modernos. Destaque é dado à construção do hotel Excelsior que é descrito nas páginas do jornal O povo da seguinte maneira:

O arranha-céu ergue-se imponente e chega a tocar as nuvens. Vários aviões estão sobrevoando a sua cobertura. Há, também, três paraquedas caindo. A apresentação figurativa do edifício sugere o impulso de modernidade pelo qual passa a cidade naquele momento, bem como o progresso que almejava alcançar. (SOUZA, 2014, p.51).

Uma cidade que se queria civilizada nas mesmas “proporções de Recife ou Belém” (Correio do Ceará *apud* SOUZA, 2014, p.48) não poderia conviver com as levadas de imigrantes que tanto prejudicavam a economia e a moral da cidade. Como dos personagens de Brito

Fortaleza não é lugar para essa gente. Pensam o quê? A cidade foi embelezada, custou caro, pertence ao povo de lá. Vocês são sertanejos, outra nação. Mania de baterem pernas. Vão achar o que em Fortaleza? Não é bonito para as famílias decentes o espetáculo de ruas, e praças cheias de mendigos, expostos aos perigos de ordem moral. (BRITO, 2018, p.89)

Os que pertenciam a “outra nação” eram considerados bárbaros. As elites fortalezenses elaboravam e expunham nas diversas mídias, especialmente em jornais, uma visão dos flagelados como perigosos. Essas imagens, de certo modo, terroristas, ganharam fácil projeção na cidade de Fortaleza, pois as experiências em secas anteriores, deixavam os ricos de sobreaviso. “Pouco a pouco ia se consolidando, entre as classes dominantes de Fortaleza, o hábito de temer os pobres da seca” (SOUZA, 2014, p.60).

O medo não era totalmente gratuito, embora tenha sido manejado de maneira propagandística. Neves (1995) aponta como muitos retirantes, para saciar a fome, atacavam armazéns em busca de comida e de mantimentos. É interessante perceber que essas atitudes não eram vistas de maneira negativa pelos seus realizadores, pois “[...] Não havia crime ou pecado em arrombar portas para enganar a fome. A necessidade criava uma nova ética na multidão faminta” (BRITO, 2018, p. 89).

Souza explica que até mesmo na mídia estes atos não eram inteiramente condenados, sendo vistos como “justificáveis” pela situação geral. Não obstante, os jornais não deixavam de exigir medidas para afastar os famintos das praças e ruas da capital. Para impedir tudo isso foram construídos, em 1932, sete campos de concentração que chegaram a abrigar, no conjunto, cerca de 105 mil pessoas.

A disposição dos campos foi estratégica, visavam dificultar ao máximo a chegada à capital. Após um encontro com Padre Cícero, Dora é instigada a ir para o Acre, tentar a vida nos seringais. Mesmo assim,

A beata preveniu a gente sobre os campos de concentração, sete barreira a ultrapassar antes do navio. Tinha a carta do Padre, o salvo-conduto. Difícil era escapar aos guardas, não ser grilado para dentro dos currais, onde se morria de fome ou doença. Dora firme, a menina pequena nos braços, os três filhos vigiados por seus olhos até quando ela dormia. (Brito, 2018, p.89)

Os campos eram apresentados como uma forma de ajuda que o governo prestava aos infelizes que sofriam com a seca. Para complementar o auxílio, as elites constantemente faziam doações de alimentos, dinheiro e produtos de primeira necessidade como uma forma de demonstrar civilidade. É interessante perceber que

estas ações eram quase sempre acompanhadas pela propagação de um discurso religioso, como afirma Souza:

O historiador Geraldo Nobre, um destacado membro do Instituto Histórico do Ceará, ressalta com entusiasmo que os donos das indústrias de Fortaleza eram, nesse tempo, fortemente marcados pela filantropia. Com uma narrativa cheia de elogios ao espírito empreendedor e humanitário dos industriais, o seu livro *O Processo Histórico de Industrialização do Ceará*, publicado em 1989, define o “capitalista cearense” como um “capitalista social-cristão”. Conforme Nobre, a benevolência desses ricos se expressava não apenas nos empregos que geravam, mas também na aplicação de dinheiro em “feitos caritativos e atividades de benemerência. (SOUZA, 2014, p.36-37)

Brito percebe e representa bem este fato em uma das passagens do romance, quando um coronel, que visitava Padre Cícero buscando conseguir uma cura milagrosa para seu filho, afirma que

Ninguém vai negar um prato de comida a quem passa fome, é contra a lei de Deus. Jesus pregou: “Dê o que sobrar de vossa mesa”. Temos poucas sobras, mesmo assim queremos fazer caridade. Mas é preciso ordem. Vocês não podem circular pelas ruas livremente, assustando as famílias e os comerciantes. [...]  
- E vamos ficar onde?  
- Nos campos de concentração.  
- Currais, o senhor quer dizer. (BRITO, 2018, p. 82-83)

Nesta passagem é interessante perceber as múltiplas formas de definir os campos. “Campos de concentração”, nomenclatura oficial destes lugares, para os sertanejos, porém, tratavam-se de currais. Na sua prática da pecuária o sertanejo sabia que os animais precisavam ser presos para não fugirem e o nome do local destinado a isso era curral. “O curral é uma prisão. Mais que isso: é uma prisão de animais. O Campo não era, portanto, um lugar para gente. Era uma prisão que tratava os seres humanos como bichos” (SOUZA, 2014. p.102).

Os campos realmente lembravam uma prisão. Uma vez dentro, o retirante só podia sair com a permissão dos administradores e raramente ela era concedida se o intuito não fosse trabalhar nas obras públicas ou para os grandes burgueses da cidade. A vivência no local também lembrava uma cadeia: existiam horários para tomar banho, comer, acordar, trabalhar e etc.

Eventualmente a seca acabou e muitos sertanejos voltaram para o sertão. Novas estiagens aconteceram, mas nunca mais os campos foram adotados e um dos motivos para isso foi a repercussão mundial dos campos de concentração nazistas. Personagens de Dora debatem a questão

- As soluções encontradas pelos aglomerados de gente, como em Canudos e no Caldeirão, foram combatidas pelo governo. Numa estiagem, aqui no

Ceará, comerciantes, população e poder público descobriram outra maneira de livrar-se dos miseráveis: confiná-los em campos de concentração, onde eram tratados como bichos e morriam. Foi uma limpeza social, algo parecido com os campos nazistas.

- Meu pai discordava do nome campos de concentração. Preferia a maneira como os flagelados se habituaram a chamar: currais do governo.

- Um eufemismo, ao estilo do humor cearense. Mas o número de mortos nos campos foi alarmante.

- Papai falava, talvez para sossegar a consciência, que aqui não houve uma solução final, um plano de aniquilação dos flagelados, como os nazistas fizeram com judeus, ciganos, homossexuais e comunistas. Era bem diferente [...]

- Não sei, Francisca. A existência dos campos nos envergonha e por isso foi ocultada. Só bem recentemente decidiram expor as feridas. Mas ainda precisamos de bastante luz sobre elas. Aqui no Brasil, se costuma falsificar a história. (BRITO, 2018, p.73-74)

Essa falsificação pode ser percebida em *Galileia*. No romance a história do período colonial também é resgatada e utilizada como material para a composição narrativa como um todo. Ainda no início do livro, quando os primos estão na camioneta e seguem em direção à fazenda, é possível destacar um debate interessante entre dois personagens. Ismael, olhando para a estrada, fala

- Imagino os antepassados chegando aqui. Homens, mulheres e crianças, no lombo de animais ou a pé. Havia pasto nos anos de inverno e corriam muitos bichos. Pense no medo que sentiam das flechas dos índios, de cobra, de onça. De noite, nosso povo deitava no chão e olhava as estrelas. (BRITO, 2009, p. 16)

Com uma visão totalmente idílica do processo de colonização, Ismael continua falando das

[...] famílias aparentadas e compadres, que tomavam posse da terra, levantavam casas de taipa e passavam os dias no campo. As mulheres se escondiam dentro de casa. Os machos pastoravam as reses, construíam currais, perseguiram e matavam os índios. E também se matavam, sobretudo pela posse da terra, para criar mais gado.

[...]

- Os primeiros fazendeiros matavam os índios, derrubavam as árvores e pagavam aos caçadores por cada mil periquitos ou papagaios que eles caçassem. Mas faziam isso para garantir os rebanhos e a lavoura. Eles não sabiam as consequências da destruição, como os fazendeiros de hoje. Agiam por ignorância. (BRITO, 2009, p.16)

É interessante perceber que Ismael, mesmo sendo descendente direto de indígenas por parte da mãe, absorve um discurso romantizado do processo de colonização e chega até mesmo a defender que os índios do sertão “[...] foram incorporados” (BRITO, 2009, p.17). Teoriza também sobre uma suposta raça mestiça que, mais resistente ao clima, povoou os sertões e deu origem a um povo mais genuinamente brasileiro (BRITO, 2009).



Adonias questiona, rebate o primo chamando-o de careta e apontando a contradição de que “Em nome dos parentes que o rejeitam, você se orgulha até do massacre dos índios” (BRITO, 2009, p.17). Adonias consegue perceber na fala do seu parente a tentativa de esconder a barbárie da colonização, a história de tribos inteiras que foram dizimadas e que hoje são esquecidas em prol de um discurso atenuante, romântico.

A discussão sobre a formação social brasileira continua nas páginas seguintes, desta vez destacando a genealogia da família Rego Castro que, segundo muitos dos narradores da família, tem origem nos

Muitos Judeus Sefarditas que fugiram da Ibéria para a Holanda (e) mudaram-se para Pernambuco na comitiva do conde Maurício de Nassau, e ali viveram a salvo de perseguições, com a rua de comércio e sinagoga, até serem expulsos com os flamengos. (BRITO, 2009, p 24)

A família de que trata o romance acredita descender diretamente de algum dos ramos destes judeus e, nas conversas entre eles,

[...] ganhou fama um antepassado no décimo grau, de quem se conhecia não apenas a cidade de origem em Portugal, como os detalhes de suas andanças e sofrimentos. Tratava-se de Francisco Álvares de Castro, nascido em Bragança, cidade famosa como um dos principais centros do criptojudaísmo português, até começarem as perseguições e julgamentos nos autos de fé do Sagrado Tribunal da Inquisição. Habitado a usar uma máscara diante do mundo, a simular ser um cristão na rua e em casa viver da maneira como o seu povo transmitira, Francisco de Castro e a família se expunham às denúncias comuns naquele tempo. (BRITO, 2009, pp. 24-25)

A história de Francisco se desenrola nas páginas seguintes, acompanhando a narrativa de Adonias percebemos que ele

[...] aos dezesseis anos residia na Espanha, na cidade de Málaga, para onde fugira em busca de clandestinidade. De Málaga seguiu para Osuna, e depois Alcalá, onde estudou artes, filosofia, teologia e medicina.

[...]

Francisco Álvares de Castro assistiu à Peste de Málaga, em que morreram milhares de pessoas. Foi aprisionado em Sevilha pela Inquisição, e logo depois liberto. Transformou-se num judeu errante, tentou a vida em Cádiz, novamente em Sevilha, e por último em Valência, onde morreram as esperanças de livrar-se do medo e da dissimulação que marcaram sua existência. Mas os sofrimentos só diminuíram quando ele deixou os lugares que supunha amar, uma pátria imaginada em terras de Espanha e Portugal. Fugiu para a França, e de lá alcançou a Holanda e a liberdade. (BRITO, 2009, p.25-26)

Essa biografia, tão bem descrita e recheada de aventuras e experiências maravilhosas, era contada como verdade irrefutável dentro das rodas de conversas familiares. A partir dela os Castro explicavam algumas de suas características como “A errância e o nomadismo, o gosto pelo comércio”, e o “sentimento de que

pertencemos a todos os recantos e a nenhum” (BRITO, 2008, p.23). Salomão, entretanto, questionava aquilo e descobriu, após leituras e pesquisas, que a

[...] narrativa fantasiosa do nosso antepassado nada mais era do que a história real de um ilustre personagem da comunidade judaica de Amsterdã: Baltazar Álvares de Castro, que mudou o nome para Isaac Oróbio de Castro após chegar à Holanda e judaizar. (BRITO, 2008, p.26)

Salomão descobriu também que Isaac nunca tinha vindo para o Brasil e que “Foi sepultado no cemitério da Congregação Judaico-Portuguesa Talmud Torah, em Ouderkek, Holanda, no ano de 1687” (BRITO, 2008, p.26). O erudito passou, então, a defender uma versão menos honrosa do passado da família: a de que descendiam de cristãos-novos do Norte português que buscavam enriquecer no comércio mascate e que “[...] deixaram uma prole numerosa de bastardos, nascidos de transas ligeiras com as índias jucás” (BRITO, 2008, p.28).

Mesmo apresentando provas de que a história de Francisco Castro era uma farsa, a família não se importou muito e continuou repetindo a história e Adonias explicava o porquê

Inconformados com a crônica medíocre da nossa trajetória para o Brasil, sem heróis nem bravatas no além-mar, nós romanceamos as vidas comuns da família, inventamos personagens e remendamos neles pedaços de narrativas, dramas e farsas da tradição oral e dos livros clássicos. Os parentes letrados e genealogistas muito contribuíram com as suas leituras. Sempre fomos uma família de mentirosos e fabuladores. (BRITO, 2008, pp. 26-27)

Quando analisados em conjunto, os comentários de Brito sobre o processo de colonização, a discussão sobre a genealogia da família protagonista em *Galileia* e os relatos dos campos de concentração em *Dora sem Véu*, demonstram que Ronaldo Correia realiza uma intensa pesquisa histórica antes de escrever seus livros. Mas, para além disso, externaliza o compromisso do autor em problematizar questões do passado, em “lançar uma luz” sobre temáticas que foram obscurecidas por nossa história oficial.

Para além de sua própria visão de mundo, experiências biográficas e interesses específicos, o meio cultural e social também influenciam na construção de narrativas. A relação entre o ambiente cultural nordestino e a literatura de Brito será o tema do próximo capítulo.

## CAPÍTULO 2 - O REGIONALISMO E O NORDESTE DE RONALDO CORREIA

No processo de independência e de formação das nações latino-americanas existia um sentimento de que o novo continente estava destinado a grandes feitos e realizações. O Brasil não ficou de fora deste contexto e, pouco depois da separação para com Portugal, investiu na afirmação de que possuía uma cultura e uma identidade própria, de que a população era dotada de um grande destino e que a maior prova disto era a nossa natureza. Pujante, grandioso, diverso e, principalmente, rico, o meio natural oferecia um vislumbre do Brasil do futuro, um país que, por ter uma natureza tão exuberante, só precisaria de tempo até se tornar uma pátria, entendida em um sentido cultural, político e econômico, grande e potente.

É neste sentido que surge o romantismo, primeiro grande movimento cultural e literário do Pós-1822. Inspirados pelo nacionalismo, os românticos buscavam destacar o que o país tinha de singular. Seguindo o sentimento comum, apontaram como tipicamente nacionais a natureza e o índio, vistos quase como complementares, duas faces da mesma moeda. Os escritores assumiram uma postura militante, escreviam para destacar a riqueza da nação, para que sua “realidade” fosse conhecida por todos.

Estas pesquisas sobre o país desembocaram no surgimento de um primeiro regionalismo. O regionalismo romântico surge do gosto pelo exótico e pela expressão local. Tinha como principal característica a descrição das realidades distantes da do homem da cidade, destacavam o modo de vida e o ambiente em que viviam o sertanejo, o gaúcho e o homem do interior de forma geral. Era, principalmente, um instrumento de descoberta (ARAÚJO, 2008).

Isso fez com que o romance regionalista adotasse um caráter descritivo e documental. A ideia era apresentar uma síntese dos costumes e da natureza de todas as regiões que compunham o país para, a partir disso, construir uma síntese nacional. É por isso que, embora imitassem as formas e a estética europeia<sup>12</sup>, o regionalismo deste período representou um importante elemento na busca pela autonomia literária.

---

<sup>12</sup> Muitos, inclusive, chegavam a escrever em línguas estrangeiras como mostra CANDIDO (1989) “Pires de Almeida, que publicou já no começo deste século, em francês, uma peça nativista, composta provavelmente alguns decênios antes[...] Mas o fato é realmente significativo quando ligado a autores e obras de qualidade, como Cláudio Manuel da Costa, que deixou larga e boa produção em italiano. Ou Joaquim Nabuco, típico exemplar da oligarquia cosmopolita de sentimentos liberais na segunda metade do século XIX, que escreveu em francês trechos autobiográficos.”

Isso nos faz perceber que, desde o seu nascedouro, o regionalismo esteve relacionado a elementos extraliterários. Sua motivação, sentido e características só podem ser completamente compreendidas a partir de uma análise que leve em consideração a intrínseca relação entre o social, o cultural e o político. Isso é especialmente notório quando se trata do regionalismo romântico nordestino.

Para a historiadora Rosa Godoy Silveira, autora do clássico “O regionalismo Nordeste: Existência e consciência da Desigualdade Regional” (2009), o discurso regionalista do século XIX precisa ser compreendido a partir de uma apreciação a respeito da história do Brasil. Retomando o período da colonização, a autora demonstra como todo o espaço brasileiro foi organizado a partir de uma ótica mercantilista, caberia ao país produzir excedentes para serem comercializados na Europa gerando, assim, vultosos lucros à metrópole. Neste contexto, o litoral do que hoje é o Nordeste teve uma importância ímpar por ser dotado de características climáticas e geográficas que lhe permitiam ser um dos maiores produtores de açúcar do mundo, produto muito valorizado no mercado europeu.

A chegada do século XIX, entretanto, trouxe mudanças importantes para o mundo ocidental e para o Brasil. A reestruturação produtiva causada pelo avanço da industrialização europeia impulsionou uma nova reorganização do espaço brasileiro, a queda do preço mundial do açúcar e a valorização do café também contribuíram para este processo.

Como demonstra Godoy

A divisão do trabalho internamente ao Brasil seria, em consequência, profundamente alterada durante o reajuste dos espaços subordinados - ou, mais apropriadamente, das regiões voltadas para o capital, dentro do país às novas ‘solicitações’ que o capital lhes punha. Neste processo, algumas regiões não se adaptam ao novo sentido do sistema econômico, outras regiões surgem com melhores condições de adaptação, e mesmo as ‘regiões’ históricas, não estruturadas para o capital, mas articuladas com regiões para o capital, são afetadas pelas mudanças que nestas estão em ocorrência. (SILVEIRA, 2009, p.81-82)

Partindo de pressupostos materialistas, a autora demonstra que o Sul do Brasil, especialmente as áreas produtoras de café, conseguiu se dinamizar e se inserir com maior eficácia nesta nova situação econômica e social. Enquanto isso, o Nordeste permanecia preso a determinadas práticas, como o plantio do açúcar, e instituições, como a escravidão, que já davam claros sinais de esgotamento.

---

A abolição do tráfico negreiro representará um ponto de ruptura, a partir deste momento as duas regiões supracitadas começam a se diferenciar cada vez mais uma da outra. O Nordeste vai perdendo, junto ao poder econômico, influência política. Começa a ser gestada, entre as elites, uma consciência de que existe uma crise e é relacionado a ela que surge um primeiro regionalismo.

Três elementos se destacam no discurso regionalista da época: A delimitação do espaço regional, que congregava, principalmente, as áreas produtoras de algodão e de açúcar; as condições econômicas do espaço naquele momento, ou seja, uma crise causada por condições climáticas (seca) e políticas, especialmente o descaso do governo central para com a região; e uma formulação de uma identidade em comum, baseada em acontecimentos históricos que foram partilhados pelas regiões como as revoltas de 1817, 1824 e a luta contra o quilombo dos palmares. (SILVEIRA, 2009)

Também é sintomático deste discurso um sentimento de “[...] superioridade sobre outros espaços regionais: (que) além de denotar verdadeiramente uma percepção de diferença [...] criava uma positividade, uma espécie de autoconfiança” (SILVEIRA, 2009, p.163).

A influência destes discursos podem ser percebidas, em certo sentido, na literatura de Franklin Távora, especialmente em seu livro “O Cabelereira” publicado em 1876. No livro, Távora conta a história do cangaceiro José Gomes, conhecido como Cabelereira, e seu pai Joaquim Gomes.

Seguindo a cartilha da época, o autor afirma já no prefácio que o objetivo maior de seu livro é apresentar o

Pará e Amazonas, que não me são de todo desconhecidos; Ceará, torrão do meu nascimento; *todo o Norte enfim, se Deus ajudar, virá a figurar nestes escritos*, que não se destinam a alcançar outro fim senão mostrar aos que não a conhecem, ou por falso juízo a desprezam, a rica mina das tradições e crônicas das nossas províncias setentrionais. (TÁVORA, 1876, paginação irregular)

Antonio Candido defende que Távora é o primeiro “romancista do Nordeste”. Sua literatura é marcada por três elementos: O senso da terra e sua relação com o homem, o patriotismo regional e, especialmente, a superioridade do Norte perante o restante do país (CANDIDO, 1997). Esta pretensa preeminência da região é explicada a partir de sua historicidade pois “[...] mais no Norte do que no Sul abundam os elementos para a formação de uma literatura propriamente brasileira, filha da terra. A

razão é óbvia: O Norte ainda não foi invadido como está sendo o Sul de dia em dia pelo estrangeiro” (TÁVORA, 1876, paginação irregular).

Condizente com o projeto nacionalista, entretanto, ele afirma

Não vai nisto, meu amigo, um baixo sentimento de rivalidade que não aninho em meu coração brasileiro. Proclamo uma verdade irrecusável. Norte e Sul são irmãos, mas são dois. Cada um tem uma literatura sua, porque o gênio de um não se confunde com o do outro. Cada um tem suas aspirações, seus interesses e há de ter, se já não tem, sua política. (TÁVORA, 1876, paginação irregular)

Távora demonstra em seus escritos a perda de importância do Norte perante o Sul que, como vimos, se tornava mais dinâmico e hegemônico economicamente e politicamente. Ainda de acordo com Candido, ao chamar atenção para o que havia de característico na região, não apenas em uma perspectiva naturalista, mas também social, o escritor abriu caminho para uma linhagem de escritores da estirpe de um José Lins do Rego, de um Graciliano Ramos, de uma Rachel de Queiroz, entre outros.

## 2.1 O REGIONALISMO DE 30

No início do século XX o processo de decadência a que nos referimos anteriormente se torna ainda mais visível, aumentando a diferença do Nordeste para com São Paulo que, impulsionada pelos altos preços alcançados pelo café no comércio europeu, galgava a posição de estado mais dinâmico e desenvolvido economicamente. Como afirma José Maurício Gomes de Almeida

A São Paulo de 1920 era, do ponto de vista do desenvolvimento urbano (conquanto não da arquitetura), uma cidade praticamente moderna, onde a herança colonial e imperial, já de si modesta, ia se dissolvendo a cada dia no intenso dinamismo gerado pelos imigrantes, pela riqueza do café e pelo acelerado processo de industrialização. (ALMEIDA, 2003, p. 318)

Apesar desta importância econômica paulista, o Rio de Janeiro, então capital do país, ainda exercia uma hegemonia cultural que se traduzia na presença de instituições como a Academia Brasileira de Letras. É contra esta situação que irão atuar os modernistas paulistas.

A semana de arte moderna de 1922 foi a culminância de um movimento que lutava, especialmente, por uma renovação estética. Defendiam uma linguagem que fosse capaz de expressar a modernidade paulista. Textos programáticos do movimento como “O Prefácio Interessantíssimo”, “A escrava não é Isaura”, e o

“Manifesto da Poesia Pau-Brasil” demonstram a forte preocupação com a estética e com a técnica de produção literária (ALMEIDA, 2003) (ARRUDA, 2011).

Diferente do modernismo paulista, liderado pelos poetas Mário de Andrade e Oswald de Andrade, o movimento de renovação artística e cultural ocorrido no Nordeste dos anos 20 é impulsionado por um cientista social. Freyre começou a expor suas ideias regionalistas ainda quando estava estudando nos Estados Unidos, em suas contribuições ao Diário de Pernambuco na série de artigos intitulada “ Da outra América”. Mas vão ser nos “Artigos Enumerados”, escritos quando ele já estava de volta ao Brasil, que Freyre vai expor com mais afinco a sua concepção de regionalismo.

Os textos tratavam de diversas temáticas, mas algumas são mais importantes para os nossos objetivos: a defesa incansável das tradições regionais e a crença de que, justamente por causa delas, o Nordeste representava o que existia de “mais brasileiro” no Brasil. Em um artigo intitulado “Nordeste Separatista?” publicado no Diário de Pernambuco em 26 de março de 1926, o sociólogo afirma que

Aviva-se entre os nordestinos a consciência de representarem um Brasil mais brasileiro que o representado pelo rio, por exemplo; e sob essa consciência, o desejo de procurarem animar sua vida, em expressões novas, modernas, actuaes, do espírito tradicionalmente brasileiro que ali se encontra ainda. (FREYRE, 1926)

E, continua, criticando o que chamava de “mania de imitar”

É regionalista no sentido de procurar oppor as sugestões da paisagem regional, da vida regional, da tradição regional ao perigo da imitação do Rio, de S. Paulo ou da Suissa. Queremos impedir que o fácil romantismo da distância, a que é tão sensível o brasileiro acabe por nos reduzir a imitadores. A tristes imitadores incapazes de fecundar as bellezas locais que nos offerecem virgens e núas. (FREYRE, 1926)

Apesar de defender essa primazia do Nordeste, o autor não reconhece nisso um sentimento separatista. Ainda no mesmo artigo ele, em um tom irônico, diz que

Perguntam-me pela idéa separatista no Nordeste, chôro de criança monstruosa que não sei porque mal assombrado foi ouvido no Rio. O que posso dizer é que desconheço o monstrozinho. À sombra das mansas bananeiras do Nordeste de certo não nasceu semelhante coisa. Nem está p’ra nascer. Os patriotas do Rio que se inquietaram com o chôro mal assombrado, que se aquietem. (FREYRE, 1926)

Neste artigo fica claro que a mesma matriz de pensamento que influenciou Franklin Távora também deixou marcas no pensamento de Freyre. Na verdade, estas noções -a defesa da tradição nordestina e a ideia de que a região representava o que

existia de mais “brasileiro” no país- estão presentes em todo o discurso regionalista da década de 20. É o que fica claro no documento de fundação centro regionalista do Nordeste, em 28 de abril de 1924. Os objetivos do centro eram

1- O centro regionalista do Nordeste, com sede no Recife, tem por fim desenvolver o sentimento de unidade do Nordeste, já tão claramente caracterizada na sua condição geográfica e evolução histórica, e ao mesmo tempo, trabalhar em prol dos interesses da região nos seus aspectos diversos: sociais, econômicos e culturais.

2- Para isso será o centro constituído e organizado dentro do espírito de comunhão regional, aproveitando os bons elementos da inteligência nordestina, com exclusão de qualquer particularismo provinciano, quer quanto às cousas quer quanto às pessoas.

3- O centro conservará a sua ação livre de injunções das correntes partidárias, colaborando com todos os grandes movimentos políticos que visem ao desenvolvimento material e moral do Nordeste.

4- Perante o governo da União, o centro defenderá os interesses do Nordeste na sua solidariedade, sem sacrificar as questões fundamentais da região às vantagens particulares de cada Estado.

5- A fim de congregar os elementos da vida e da cultura nordestina, o Centro procurará

A) Organizar conferências, exposições de arte, visitas, excursões

B) Manter em sua sede biblioteca e sala de leitura, onde se achem representadas as produções intelectuais do Nordeste, no passado e no presente

C) Promover cada ano ou de dois em dois anos, em uma cidade do Nordeste, um congresso regional

D) Editar uma revista de alta cultura, O Nordeste, dedicada especialmente ao estudo das questões nordestinas e ao registro da vida regional. (AZEVEDO, 1996, p.146)

Embora não tenha durado muito tempo, o centro conseguiu realizar o primeiro congresso regionalista do Nordeste. Analisando as notícias e reportagens a respeito do evento, especialmente as que foram publicadas no Diário de Pernambuco, Neroaldo Pontes de Azevedo afirma que as principais temáticas debatidas foram a preservação dos prédios e da arquitetura tradicional da região, a criação de uma cadeira universitária dedicada a estudos sobre o Nordeste e luta pela manutenção dos valores e elementos culturais considerados “típicos do Nordeste”. O pesquisador vê nisso uma resposta reacionária à questão da acusação de bairrismo ou de separatismo que era, em certa medida, imposta ao regionalistas pois eles pregavam a defesa absoluta das tradições “Como se fosse possível um fechar-se em si, que garantisse a permanência da ‘originalidade’ da região” (AZEVEDO, 1996, p.162).

No que diz respeito à nossa pesquisa, o mais importante é destacar que não houve, nem no congresso e nem na própria elaboração do centro regionalista do Nordeste, uma preocupação a respeito da literatura. Quando analisamos o programa



do centro, por exemplo, a única proposta relacionada à temática é a criação de uma revista, cujo título seria Nordeste, mas que não chega a ser publicada.

No congresso não aconteceram discussões sobre o assunto. É verdade que, na abertura, alguns poemas foram recitados, mas o momento parece ter sido pensado como uma forma de recreação, como deixa transparecer a notícia do Diário de Pernambuco

A seguir, o presidente do Congresso convidou o sr. Ascenso Ferreira a recitar alguns dos seus poemas regionais. O sr. Ascenso Ferreira parece antes um atleta de circo de cavalinhos, mas a verdade é que é um interessante poeta e um feliz intérprete de seus poemas, nos quais procura reproduzir sinteticamente as vozes, os sons, as meio-tristonhas melodias da gente da vida de engenho e de sertão. Em seguida o 'Ceguinho', curioso artista alagoano, mestre no violão e no realejo, deu alguns números de música: recitando depois o apreciado 'caipirista', sr. Samuel Campelo, alguns versos caipiras a propósito do Congresso Regionalista. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1926)

Também não houve grandes preocupações com a literatura em outro momento da propaganda do regionalismo nordestino: *O Livro do Nordeste*. Publicado pela primeira vez em 1925, o livro era resultado da comemoração do centenário do Diário de Pernambuco e é amplamente reconhecido como um grande símbolo do movimento<sup>13</sup>. Organizado por Gilberto Freyre, então redator do jornal, era composto por uma série de artigos, ensaios<sup>14</sup>, ilustrações e um poema que coadunavam com o ideário regionalista, especialmente em sua defesa às tradições e à visão de que o Nordeste era a região onde existia a cultura mais autenticamente brasileira (AZEVEDO, 1996).

Ao comentar, em uma edição posterior, a respeito da falta de preocupação mais detida com a literatura, Freyre afirma

Alguém pode reparar: O livro do Nordeste não traçou normas à modernização da literatura brasileira como fez o Movimento de São Paulo. Ou como fez, na mesma década, o do Rio. Será que lhe faltaram, nesse setor, orientadores como em São Paulo, os Andrade, os Cassiano, os Menotti e, no Rio, os Graça-Aranha, os Ronaldo de Carvalho, os Manuel Bandeira? Crítica talvez com alguma coisa de válida. Dos Regionalistas do Recife nenhum se arvorou em mestre ostensivamente didático. Nem o livro do Nordeste se caracteriza por qualquer empenho doutrinário. (FREYRE, 1979, p.16)

---

<sup>13</sup> DANTAS (2015), AZEVEDO (1996), ALBUQUERQUE (2012).

<sup>14</sup> Dos trinta e um ensaios que compõem o escrito, apenas um trata diretamente da literatura, ainda que em uma perspectiva histórica. Da autoria de França Pereira, o texto 'Um século de vida literária em Pernambuco' realiza um panorama político-social e literário da literatura produzida no estado de Pernambuco e critica o modernismo paulista.

Escrevendo quase cinquenta anos após a primeira publicação do livro, e em um contexto onde a literatura nordestina já tinha alcançado um grande patamar de respeito e de sucesso editorial no país, Freyre afirma

A verdade é que o Livro do Nordeste evitou ser dirigista. Procurou antes suscitar, provocar, estimular inteligências e sensibilidades para as quais abriu perspectivas porventura novas, com seu inquérito à vida e à cultura regionais. Perspectivas e combinações de perspectivas. Impossível deixar-se de considerar como efeitos dessas suas provocações o que, dada sua independência de convenções literárias ou artísticas, dentre então as mais dominantes, começou a se manifestar, por diferentes formas, como novas expressões literárias - uma delas seria o chamado Romance Social Regional do Nordeste. (FREYRE, 1979, p.16)

De fato, as perspectivas abertas por toda a ação de Freyre e dos regionalistas em geral influenciaram, em maior ou em menor medida, os autores do romance de trinta.

## 2.2 CRÍTICA E TRADIÇÃO

Diante de tudo o que foi exposto é possível afirmar que o regionalismo constitui uma espécie de tradição na literatura brasileira. Escritores regionalistas marcaram presença no romantismo, no naturalismo, realismo, no modernismo e, como veremos, até mesmo na literatura contemporânea. Este movimento foi recheado de complexidades, contradições e foi interpretado de maneira diversa ao longo do tempo.

Neste sentido o texto da pesquisadora e escritora Marisa Lajolo, *Regionalismo e História da Literatura: Quem é o vilão da História?*, publicado em 2010 no livro *Historiografia Brasileira em Perspectiva* é de fundamental importância. Traçando um breve percurso sobre a relação entre regionalismo e crítica literária, a autora afirma que as primeiras observações críticas a respeito da literatura brasileira partiram de escritores europeus, ainda no século XIX. As produções brasileiras eram vistas como uma espécie de ramo da literatura europeia, mas que sinalizavam, na perspectiva de pensadores como Friederich Bouterwek, Sismonde de Sismondi e Ferdinand Denis, possibilidades de alto desenvolvimento estético caso procurassem se inspirar em “temas tropicais”, como a natureza e os animais.

Em termos semelhantes escreve o crítico brasileiro Araripe Júnior

De impressões completamente estranhas, de uma natureza tão cheia de esplendores como a da América, dessas florestas seculares, desses rios colossais, não deve por certo surgir senão uma literatura original, melancólica e ao mesmo tempo pasmosa, impregnada desse poderosíssimo sentimento religioso que por si só se expande toda vez que o homem curva-se ante o senhor, abismado pelos portentos da criação. Poesia soberba!

poesia filha do assombro e da admiração! Foi da contemplação dos magníficos espetáculos do encantado novo mundo, que nasceram os Ercilla, os Chateaubriand, os Cooper, os Durão e os Basílio da Gama (JÚNIOR *apud* LAJOLO, 2010, p.307)

Neste ponto, como já frisamos anteriormente, era notória a tentativa de valorização do que era nacional a partir da literatura. Tudo aquilo que remetesse à suposta singularidade do país deveria ser exaltado pelas letras e escritores nacionais.

Uma mudança de perspectiva ocorre, ainda segundo Lajolo, a partir da publicação, em 1873, de um ensaio escrito por Machado de Assis. No texto intitulado *Instinto de nacionalidade* o escritor tece críticas, com a sutil ironia que lhe era característica, à suposta supremacia do local em nossas letras. O ensaio, publicado primeiramente em um jornal americano, inicia com um tom descritivo.

Quem examina a literatura brasileira reconhece-lhe logo, como primeiro traço, certo instinto de nacionalidade. Poesia, romance, todas as formas literárias do pensamento buscam vestir-se com as cores do país, e não há de negar que semelhante preocupação é sintoma de validade e abono futuro. (ASSIS, 1873, p. 1)

Chega, inclusive, a associar este tratamento das temáticas locais a uma certa independência que “[...] não tem sete de setembro nem campo do Ipiranga; não se fará num dia, mas pausadamente, para sair mais duradoura; não será obra de uma geração nem de duas; muitas trabalharão até perfazê-la de todo” (ASSIS, 1873, p.1).

No decorrer do texto, no entanto, o escritor tece críticas ao que considera um erro desta busca pela independência literária: o de só reconhecer “[...] espírito nacional nas obras que tratam de assunto local, doutrina que, a ser exata, limitaria muito os cabedais da nossa literatura” (ASSIS, 1873, p. 2).

Contra esta percepção, Machado defende que sejam consideradas nacionais e, portanto, valorizadas, as obras que possuam um “[...] certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e de seu país, ainda que trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.” (ASSIS, 1873, p.3). O escritor não explica o que configuraria este “sentimento íntimo”, mas deixa entrever que uma crítica bem realizada, coisa que ele não acreditava existir no Brasil da época, deveria ser capaz de identificar nos autores este sentimento.

Lajolo identifica aí a defesa de uma estética, praticada pelo próprio Machado em seu romance *Helena* e em obras posteriores, voltada para a análise interior (LAJOLO, 2010, p.309). De fato, ao mesmo tempo em que tece críticas ao romance produzido até então, ele exalta este outro modelo: “Do Romance puramente de

análise raríssimo exemplar temos, ou porque a nossa índole não nos chame para aí, ou porque seja esta casta de obras ainda incompatível com a nossa adolescência literária” (ASSIS, 1873, p.3).

E, continuando a tratar desta “casta”, afirma que

Esta é, na verdade, uma das partes mais difíceis do romance, e ao mesmo tempo das mais superiores. Naturalmente exige da parte do escritor dotes não vulgares de observação que, ainda em literaturas mais adiantadas, não andam a rodo nem são a partilha do maior número. (ASSIS, 1873, p.4)

Machado abre espaço para a crítica ao nacionalismo estreito praticado em nossa literatura, problematiza o que é local demais, o que é está preso a gostos, costumes e descrições de paisagens em prol de uma literatura que buscasse compreender a essência humana, o que supostamente nos caracteriza de um ponto de vista “universal”. Ainda de acordo com Lajolo, esta linha crítica vai desembocar na obra de Lúcia Miguel de Pereira, responsável pela publicação do importante livro *História da literatura brasileira: Prosa de ficção. (1870-1920)* em 1950.

Pereira defende que os escritos regionalistas desviam-se dos caminhos habituais da ficção ao terem como objetivo primordial a fixação de tipos, costumes e linguagens locais que não são condizentes com os existentes na “civilização niveladora”. Chega a afirmar que “[...] pela sua natureza (o regionalismo) desvia-se do caminho habitual da ficção” (PEREIRA, *apud* LAJOLO, 2010).

Escrevendo em um mundo urbano, para leitores urbanos e em uma época onde a modernidade e a modernização pautavam grande parte dos debates públicos, Lúcia Miguel observa os escritos que tratam do mundo “Não-urbano” de maneira etnocêntrica, destacando o que considera suas “faltas”. Por exemplo, enquanto a ficção “não-regionalista”, portanto, habitual

vê *um* homem em seu meio - ou contra o seu meio- mas vê também o homem, alguém que por suas reações mais profundas se imana, por sobre as diversidades de expressão, aos outros seres; interessa-se pelos indivíduos especificamente, mas na medida em que integram a humanidade. (PEREIRA *apud* LAJOLO, 2010, p.316)

As obras regionalistas

entendem o indivíduo apenas como síntese do meio a que pertence e na medida em que desintegra da humanidade [...] busca nas personagens não o que encerram de pessoal e relativamente livre, mas o que as liga a seu ambiente. (PEREIRA *apud* LAJOLO, 2010)

Algo semelhante defende Antonio Candido, especialmente em seu texto *Literatura e subdesenvolvimento*. Para o autor, o regionalismo está ligado ao

subdesenvolvimento e à consciência de que ele existe. Em um primeiro momento, como vimos no início deste capítulo, predominou a noção de um país novo, fadado ao sucesso e, por isso, as obras desta fase foram marcadas por um deslumbramento perante a realidade nacional. Estas obras acabavam por reduzir “[...] os problemas humanos a elemento pitoresco, fazendo da paixão e do sofrimento do homem rural, ou das populações de cor, um equivalente dos mamões e dos abacaxis” (CANDIDO, 1989. p.156).

Nos anos 30 do século passado essa literatura cedeu lugar a outra, de caráter mais social. É a geração de autores como José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz e diversos outros que

[...] ao menos em parte da sua obra, fazem um tipo de romance social bastante relacionado com os aspectos regionais, e não raro com os restos de pitoresco negativo, que se combina a um certo esquematismo humanitário para comprometer o alcance do que escrevem. O que os caracteriza, todavia, é a superação do otimismo patriótico e a adoção de um tipo de pessimismo diferente do que ocorria na ficção naturalista. Enquanto este focalizava o homem pobre como elemento refratário ao progresso, eles desvendam a situação na sua complexidade, voltando-se contra as classes dominantes e vendo na degradação do homem uma consequência da espoliação econômica, não do seu destino individual. (CANDIDO, 1989, p.163)

Mesmo esta denúncia dos males sociais que afligiam os homens do campo não são suficientes para erigir estas obras ao status de boa literatura uma vez que, na visão do teórico, a alta literatura brasileira sempre foi a urbana e, por mais que os regionalistas da segunda geração modernista tivessem conseguido produzir algumas obras significativas, só o fizeram quando a tendência já estava ultrapassada em países vizinhos como o Chile, a Argentina e o Uruguai. (CANDIDO, 1989). Candido, aliás, reedita a separação entre regionalismo e literatura urbana proposta por Lúcia Miguel Pereira, ao definir o primeiro como “ficção vinculada à descrição das regiões e dos costume rurais desde o Romantismo” (1989, p.157) e afirmar que ela está fadada ao desaparecimento, bastando que para isso o país se desenvolva.

O teórico Alfredo Bosi também se dedicou ao estudo desta literatura e reconheceu, entre os anos trinta e quarenta, o surgimento de uma nova fase nas letras brasileiras. Segundo o autor,

O Modernismo e, num plano histórico mais geral, os abalos que sofreu a vida brasileira em torno de 1930 (a crise cafeeira, a Revolução, o acelerado declínio do Nordeste, as fendas nas estruturas locais) condicionaram novos estilos ficcionais marcados pela rudeza, pela captação direta dos fatos, enfim por *uma retomada do naturalismo*, bastante funcional no plano da narração-documento que então prevaleceria. (BOSI, 2015, 314. Grifos meus)

Predominou, entretanto, não um naturalismo determinista que tinha na natureza o seu ponto nodal, mas sim um “Realismo Bruto”, ou seja, uma literatura fortemente inspirada na crítica social que tinha por característica principal a utilização da linguagem de maneira a provocar uma agressão, transgressão e protesto. Desenvolvendo a análise, parte de Lucien Goldmann para afirmar que existem homologias entre “[...] a estrutura da obra literária e a estrutura social, e, mesmo, grupal, em que se insere o seu autor” (BOSI, 2015, p.315).

Vivendo em uma sociedade que impossibilita a execução de valores que ela mesma prega como justos, como a liberdade, a justiça e o amor, os romancistas tenderam a construir personagens que entravam em conflito com as estruturas sociais. Para o teórico, no Brasil essas tensões entre o herói e a estrutura social deram origem a romances que seguiram uma de quatro diretrizes principais: *Romances de tensão mínima*, onde os personagens não se destacam muito da estrutura social e são condicionados pela mesma; *Romances de tensão crítica*, marcada pela luta dos personagens contra as pressões da natureza e do meio social; *Romances de tensão interiorizada*, onde o herói evade-se do conflito aberto, subjetivando-o e, por fim, *romances de tensão transfigurada*, que ocorre quando o herói busca ultrapassar o conflito que surge a partir da transfiguração mítica da realidade (BOSI, 2015).

Seguindo esta lógica, a maior parte dos romances regionalistas de 30 se encontravam na primeira perspectiva e eram marcados pelo

[...] aberto apelo às coordenadas espaciais e históricas e, não raro, um alto consumo de cor local e de fatos de crônica; as ações são situadas e datadas, como na reportagem ou no documentário, gêneros que lhe estão mais próximos; quanto ao entrecho, o cuidado com o verossímil leva a escrúpulos neorrealistas que se percebem também na reprodução frequente coloquial de mistura com a literária. (BOSI, 2015, 317)

São, desta maneira, escritos mais simples em que não há grande elaboração estética, mas que devem ser valorizadas por seu caráter documental. Fazem parte deste grupo autores como José Américo de Almeida, com o livro *Bagaceira*, e Rachel de Queiroz, especialmente com os romances *O Quinze* e *João Miguel*. Nestes livros predomina um tom de crônica da decadência do Nordeste que é entrecortado por diálogos que lembram novelas populares.

Alguns outros encontram-se em uma zona fronteira entre a tensão mínima e a tensão crítica. José Lins do Rego é um destes pois, no início de sua produção,

elaborou obras marcadas por um intenso tom memorialista e pela observação arguta da realidade social nordestina, especialmente a encontrada na região canavieira da Paraíba e de Pernambuco.

Os romances iniciais do ciclo-da-cana são marcados por uma tensão mínima uma vez que expressam um sentimento nostálgico em relação à sua infância vivida no Engenho Santa Rosa onde tinha medo das histórias noturnas contadas pelas escravas, experimentava os sabores e receios da puberdade e admirava o avô José Paulino. Tudo isso ao mesmo tempo em que sentia o “[...] mal-estar que o desfazer-se de todo um estilo de vida iria gerar na consciência do herdeiro inepto e sonhador” (BOSI, 2015, p.323).

A este José Lins, apresentado quase como um memorialista ingênuo, é contraposto o de *Fogo Morto*. Em sua obra-prima o escritor eleva a tensão entre os personagens e a realidade, possibilitando àqueles se relacionarem com o real de maneira menos condicionada. Nesta obra o escritor superaria o espontaneísmo e apresentaria personagens que representassem expressões maduras dos conflitos humanos em uma região decadente.

Neste sentido, Lins se encaixaria em outra categoria das citadas acima, a de tensão crítica. Nestes livros

[...] os fatos assumem significação menos “ingênua” e servem para revelar as graves lesões que a vida em sociedade produz no tecido da pessoa humana: logram por isso alcançar uma densidade moral e uma verdade histórica muito mais profunda. Há menor proliferação de tipos secundários e pitorescos: as figuras são tratadas em seu nexos dinâmico com a paisagem e a realidade socioeconômica [...], e é dessa relação que nasce o enredo. Passa-se do “tipo” à expressão; e, embora sem intimismo, talha-se o caráter do protagonista. (BOSI, 2015, p.317)

O protagonista desta vertente será Graciliano Ramos. A sua carreira literária começa com a publicação de *Caetés*, em 1933, livro elaborado a partir de uma memória que é formalizada a partir de uma estética realista. Bosi entende este romance como um ponto de partida para toda a produção posterior do alagoano.

Romances como *Vidas Secas*, *São Bernardo* e *Angústia* são escritos a partir de um realismo que “[...] não é orgânico nem espontâneo. É crítico. O ‘herói’ é sempre um problema: não aceita o mundo, nem os outros, nem a si mesmo” (BOSI, 2015, p.326). Esta tensão crítica entre o protagonista e o meio social, cultural e natural seriam responsáveis por alçar Graciliano ao topo da literatura brasileira e, por isso,

[...] parecer precária, se não falsa, a nota de regionalismo que se costuma dar a obras em tudo universais como *São Bernardo* e *Vidas Secas*. Nelas, a

paisagem capta-se melhor por descrições miúdas que por uma série de tomadas cortantes; e a natureza interessa ao romancista só enquanto propõe o momento da realidade hostil a que a personagem responderá como lutador em São Bernardo, retirante em Vidas Secas, assassino e suicida em Angústia. (BOSI, 2015, p.326)

Graciliano é exaltado como um escritor que, por não realizar descrições profundas do meio em que se desenrolam os enredos, é universal. Fica claro, então, que Bosi percebe o regionalismo a partir de seu caráter documental e descritivo e que, aquele que escapa a este modelo, sequer deve ser considerado como parte do movimento.

Isso nos leva a intuir que, em sua visão, as obras regionalistas de 30 possuem um status inferior perante as universais e que, embora tenham avançado em termos de elaboração estética, não conseguiram alcançar o status de alta literatura. O fato é que o tom assumido pelos críticos, que são extremamente influentes na crítica brasileira, acabou criando uma espécie de ojeriza aos escritos regionalistas. Com o passar do tempo, o termo virou sinônimo de baixa literatura, de má qualidade estética, algo que deveria ser superado.

### **2.3 BRITO DIANTE DO REGIONALISMO**

As considerações propostas no tópico anterior são especialmente importantes quando pensamos a obra de Ronaldo Correia de Brito. Uma constante nas diversas leituras que são feitas a respeito de seus textos é a utilização da categoria regionalismo, seja para caracterizá-los, seja para rejeitar o seu uso.

É o que acontece com a resenha publicada pela professora Eleuda Carvalho. Em sua visão, apesar de situar os seus personagens no sertão e de tocar em temáticas já semelhantes à da geração de 30, os escritos de Brito não podem ser considerados regionalistas pois, e aqui já podemos perceber a influência das interpretações citadas anteriormente, essa tendência supostamente estaria ligada ao que é arcaico, ao tradicional e, exatamente por isso, circunscrita ao passado.

Os contos de Brito, por outro lado, “[...] vieram ao mundo para durar. São feitos de matéria viva, pulsante, volátil mas também dotados da rijeza irmã do chão cristalino dos Inhamuns, aonde ele nasceu” (CARVALHO, 2005). Ou seja, possuem uma vitalidade que não condiz com a produção regionalista e, além disso,



apresentam uma mensagem universal. O sertão, neste ponto, seria apenas um cenário onde se desenrolam tramas que dizem respeito aos homens de qualquer lugar.

Argumento semelhante é defendido pela jornalista e crítica literária Vivien Lando. Em um texto no jornal “Folha Online”, por ocasião da publicação de *Galileia*, ela realiza uma rápida resenha da obra. Começa destacando as influências bíblicas no romance e logo chama atenção para a mistura de culturas, temas e espacialidades no Nordeste correiano

Da confluência autorizada entre o rio Jaguaribe e o Jordão, onde o trem azul do Cariri nem faz mais curva, onde o Muro das Lamentações esbarra no Santo Sepulcro situado a poucos metros da estátua do Padim Cícero, no Juazeiro do Norte, e onde a seca da caatinga chama chuva forte para enxaguar mágoas, Ronaldo Correia de Brito extraiu um livro denso, preciso e, às vezes, esquemático. (LANDO,2008)

O ponto principal de sua resenha vem logo após, quando defende que o texto “Felizmente, passa longe do new regionalismo que tentam lhe atribuir: se finca no presente e permanece atento a uma realidade na qual, até segunda ordem, a globalização é soberana” (LANDO, 2008). Lando também identifica o regionalismo como algo restrito ao passado, que não tem nada a dizer ou acrescentar sobre o presente, pois ele é marcado pela globalização.

O escritor Dimas Macedo, ao se propor a resenhar os contos de Brito publicados no livro *As noites e os Dias* (1996)<sup>15</sup>, destaca o diálogo que este estabelece com a tradição mas, logo após, afirma que o escritor só retira do regionalismo aquilo que “[...] interessa à essência do ser humano” (MACEDO, 1996) esquivando-se do que considera “umbilical e bairrista” na tendência literária. Desse modo o autor constrói, na visão do crítico, uma literatura que é universal.

É importante destacar alguns elementos destas resenhas. O primeiro é o de que embora se fale tanto sobre esse aspecto, nenhum dos críticos definiu o que entendia por universalidade, o que já dificulta uma reflexão sobre a mesma. A leitura das análises deixa entrever apenas que ser “universal” é afastar os personagens do cenário do texto, destacando neles as características que seriam comuns a todos os homens.

---

<sup>15</sup> Todos os contos desta coletânea foram publicados posteriormente, em FACA.

O cenário, portanto, é elemento sem importância e que não afeta, de nenhuma maneira, o desenrolar dos acontecimentos. É quase como se fosse possível transportar os personagens para Dublin, São Paulo, Nova York ou qualquer outra cidade sem prejuízo nenhum para a trama. O objetivo maior parece ser, valorizar os textos, afastando-os ao máximo da “pecha” de regionalista.

O próprio autor constantemente se posiciona sobre o assunto. A respeito da vitória de Galileia no Prêmio São Paulo de Literatura, em uma matéria com título sugestivo <sup>16</sup>, afirma que "O que faço não tem nada a ver com o manifesto regionalista, com os planos e pressupostos da época" (BRITO, 2009). Na sessão de SAC do seu site reafirma que “Eu não dispenso que me vinculem ao meu lugar de origem, à minha paisagem, ao meu mundo. Dispensando que me filiem ao Romance de 30, ao Movimento Regionalista criado por Gilberto Freyre, em 1926. Com este, não tenho nada a ver.” <sup>17</sup>(BRITO)

Em entrevista concedida a José Inácio Vieira de Melo, discorre com maior aprofundamento sobre a temática.

Desde que Gilberto Freyre estabeleceu os cânones do Movimento Regionalista, e surgiu o Romance de 30, que tentam enquadrar a nossa produção nessa cartilha, esquecendo que já se passaram 70 anos, e que todo escritor escreve na perspectiva do seu tempo. Essa cartilha nos prestou um grande desserviço. Regionalismo virou palavrão. Chamar um autor de regionalista é uma maneira de diminuir o valor do seu trabalho, reduzi-lo a estereótipos, enquadrá-lo em chavões, tratá-lo com preconceito e deboche. Pior do que ser chamado de regionalista só mesmo ser chamado de folclórico. Ou de contador de causos. Escrevi um artigo para a revista Continente com o título *Regionalista é a Mãe*. O título foi censurado. (BRITO, 2005. Grifos do autor)

As mesmas opiniões são defendidas em suas próprias obras. Em *Galileia* ele utiliza a metalinguagem e expõe, a partir do fluxo de pensamento de Adonias, personagem com características autobiográficas, críticas ao regionalismo. Ao descrever Salomão, tio de Adonias, o constrói como um homem ligado às tradições regionalistas.

Percebia seu esforço em busca do que é permanente e sobrevive ao furor das mudanças e admirava o quanto ele insistia numa consciência regional, procurando desenvolver um pensamento e uma prática cosmopolita. Separado de um passado mítico e irrecuperável, esforçava-se por achar no presente um caminho para ele e seu mundo sertanejo. (BRITO, 2008, p.162)

---

<sup>16</sup> Matéria intitulada “Vencedor rejeita o título de Regionalista” disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0508200916.htm> Acesso em: 05 jun. 2021.

<sup>17</sup> Não há como apontar o ano em que o texto foi escrito, pois a informação não consta na fonte.

Diante de tais características, Adonias posiciona-se

Sem grandes convicções nacionalistas, eu acho o papo furado, conversa de quem não descobre jeito de trepar. Tio Salomão preenche a falta de sexo com delírio míticos sobre a mistura dos ibéricos, índios e negros, dando origem ao povo do sertão. (BRITO, 2009, p.161)

Como um golpe final, profere seu distanciamento de tudo aquilo que o tio representa “-Tio Salomão é um regionalista. Existe coisa mais fora de moda do que um regionalista?” (BRITO, 2009, p.163). A análise das falas do autor deixa claro dois elementos importantes: o de que ele recusa veementemente ser associado ao regionalismo e o de que esta recusa está pautada por elementos muito próximos aos apresentados pelos resenhistas citados anteriormente, ou seja, a crença de que o regionalismo é sinônimo de má literatura ou de que está ultrapassado.

A crítica acadêmica, dividida em artigos, dissertações, teses e capítulos de livros discorda do próprio autor e parte de pressupostos diferentes para analisar os textos. Defende, essencialmente, que o cenário não é mero palco para o desenvolvimento do enredo.

É o caso de Nathália Perry Clarck, que em sua dissertação de mestrado intitulada *Faca-face de um feminino sertanejo: impressões do regionalismo contemporâneo em Ronaldo Correia de Brito* (2012) afirma que Brito está fincado nas tradições e, por mais que apresente temáticas e personagens universais, utiliza o sertão não apenas como cenário, mas como um importante elemento narrativo. Segundo a autora, o sertão é a “casa” do escritor, é a base sob o qual constrói seus personagens. “Em Aloísio de Azevedo podia-se dizer que o sertão era apenas um pano de fundo. Em Brito não, ele é a mais forte estrutura fundante de sua obra” (CLARK, 2012, p.67). Diante disso é enfática: “Ronaldo Correia retoma o velho regionalismo, mostrando sua atualidade, desmascarando esse passado vivo e também em progresso como em outras regiões” (CLARK, 2012. p.67).

Monica Santos de Mello trabalha em termos similares ao de Clark. Em sua dissertação *“A resignificação do sertão em Galileia, de Ronaldo Correia de Brito: Problematização da dimensão regional do romance no contexto da contemporaneidade* (2014), afirma que não se deve encaixar Ronaldo Correia em

rótulos ou associá-lo sem ressalvas a qualquer tradição literária, mas reconhece que existe uma identificação do escritor com o regionalismo de trinta.

Esta influência, entretanto, é reelaborada através da linguagem. Para Mello “O escritor explora, em certa medida, a dimensão regional para empreender reinvenções no que diz respeito a elaborações artísticas” (MELO, 2014, p.85). Estas inovações passam, também, pela formulação de uma nova imagem sobre o sertão nordestino, “Brito investe na construção de um cenário contemporâneo, de uma imagem de sertão para além de estereótipos ou do que foi modelado pela produção regionalista, sobretudo a partir de 1930” (MELO, 2014, p.85)

A autora, então, destaca a inserção de Brito e de outros autores <sup>18</sup>em um novo contexto literário de

[...] produção de obras que constituem, em maior ou menor medida, representações de lugarejos interioranos, de espaços provincianos e de sertão, guardando, mais profundamente, preocupações estéticas, existencialistas e linguísticas. (MELO, 2014, p. 90)

É importante perceber, entretanto, que ela não aponta estes autores como pertencentes a uma mesma categoria e tenta fugir de generalizações que, em sua visão, são quase sempre forçosas. Aponta a constante necessidade da análise aprofundada de cada autor, destacando seu estilo, sua forma de manipulação da linguagem, suas temáticas e etc. (MELO, 2014).

Passos um pouco mais ousados, pelo menos em nossa interpretação, são dados por Herasmo Braga de Oliveira Brito. Em sua tese de doutorado *A configuração do neorregionalismo literário brasileiro* (2016), o pesquisador se propõe a analisar a obra de escritores como Assis Brasil, Milton Hatoum, Francisco Dantas e Ronaldo Correia de Brito, entendidos por ele como representantes de uma nova tendência da literatura brasileira: o neorregionalismo.

Esta tendência surgiu na década de sessenta e é marcada, como seu próprio nome já demonstra, por um intenso diálogo com o regionalismo de trinta. Essa relação pode ser percebida na persistência de problematizações sociais, na forma pela qual os autores dialogam com a sociedade e o tempo em que vivem e, de uma maneira mais profunda, no engajamento estético-social das obras. (BRITO, 2016).

---

<sup>18</sup> A exemplo de Francisco Dantas, Milton Hatoum, Raduan Nassar, Antonio Torres e Raimundo Carrero.

No entanto, longe de meramente repetir enunciados anteriores, os neorregionalistas também trouxeram novidades: uma nova interpretação do feminino, uma vez que em suas obras as mulheres assumem o protagonismo; a elaboração do espaço como um elemento importante, que influencia e condiciona (mas não determina) as ações dos personagens, funcionando como uma espécie de elo entre o ser interno dos indivíduos e as experiências vividas por eles, algo semelhante ao que os pesquisadores acima citados já retratavam na obra de Brito. Neste sentido

Sendo assim, a estaticidade do espaço não é algo presente nas obras e nem se restringe apenas à materialidade geográfica ou física. Também há outras modalidades presentes como espaço-personagem, espaço-memória, espaço-conflito. (BRITO, 2016, p.23)

Este espaço muitas vezes desperta conflitos, marca dualidades pois, segundo o teórico, uma das principais características dessa literatura é a transição entre o espaço rural, marcante no regionalismo de 30, e um espaço urbano. Muitos personagens do neorregionalismo são *personas* que viveram no mundo rural e que migraram para o urbano mas, em algum momento, precisam retornar ao primeiro e, neste processo, enfrentam sentimentos de deslocamento, de inquietação, pois aquele espaço lhes desperta memórias que não estavam aptos a enfrentar.

A memória age também como um bastião na defesa de elementos culturais “tradicionais” contra o que o autor chama de imposição de homogeneização cultural empreendida pelos meios de comunicação de massa.

Herasmu Braga se insere em uma linha interpretativa que quer revalorizar o regionalismo e parte, principalmente, das considerações de Chiappini para fazer isso. A pesquisadora defende que o regionalismo não é uma tendência morta, pelo contrário, em análises e pesquisas realizadas no Brasil e no exterior ela comprovou que o final do século XX foi marcado por um crescimento nas publicações, sejam elas de teor literário ou científico, sobre o regionalismo.

Isso se daria porque, em sua visão, o regionalismo não é estático. Na sétima tese de seu texto *Do Beco ao Belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura*, afirma que “Só podemos sustentar que um Faulkner ou um Guimarães Rosa são regionalistas, se entendermos que o regionalismo, como toda tendência literária, não é estático. Evolui. É histórico enquanto atravessa e é atravessado pela história” (CHIAPPINI, 1994, p.157).

Essas diferentes concepções a respeito de uma mesma obra, ou de um conjunto de obras, apontam para uma questão importante: a influência do público sob o escritor. Para Antonio Candido, o público é a própria razão de existência de toda criação artística e, na literatura em especial, tem grande influência na construção dos enredos, das intrigas, dos cenários etc.<sup>19</sup>

Ainda segundo o teórico

Se a obra é mediadora entre o autor e o público, este é mediador entre o autor e a obra, na medida em que o autor só adquire plena consciência da obra quando ela lhe é mostrada através da reação de terceiros. Isto quer dizer que o público é condição para o autor conhecer a si próprio, pois esta revelação da obra é a sua revelação. (CANDIDO, 2006, p.89)

Em um nível mais profundo, isso significa que as interpretações propostas por alguns leitores podem modificar a forma pela qual outros leitores e até mesmo o próprio autor enxergam sua obra e, no caso deste último, a si mesmo. Defendemos que foi isso que aconteceu com Brito pois, uma vez que seus textos começaram a ser analisados academicamente e, como vimos, predomina nestes últimos uma tentativa de revitalização ou, pelo menos, de “não-rechaçamento” do regionalismo, o escritor relativizou suas primeiras posições a respeito do tema.

Em texto intitulado “Somos regionalistas?” ele afirma que “

Considerem que existiram cânones do regionalismo e do romance de 30. Passados noventa anos, não se escreve mais com essa linguagem, a menos que seja um caso de anacronismo. Mas se vocês consideram ter nascido, morar e viver numa região e vivenciar a cultural local como regionalismo, eu me assumo regionalista. Na Feira de Frankfurt, em 2013, onde eu era o único escritor residente no Nordeste, na comitiva do Brasil, fiquei orgulhoso em estar ao lado de Guimarães Rosa, apresentados como escritores regionalistas. (BRITO, 2020)<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> “Existem, numa sociedade contemporânea, várias dessas coleções informes de pessoas, espalhadas por toda parte, formando os vários públicos das artes. Elas aumentam e se fragmentam à medida que cresce a complexidade da estrutura social, tendo como denominador comum apenas o interesse estético. A sua ação é enorme sobre o artista. Desgostoso com a pouca ressonância dos seus romances, Thomas Hardy abandona a ficção e se dedica exclusivamente à poesia. Premido pela exigência dos leitores, Conan Doyle ressuscita Sherlock Holmes — que lhe interessava secundariamente — e prolonga por mais vinte anos a série das suas aventuras. Desejosos de fama e bens materiais, muitos autores modernos se ajustam às normas do romance comercial.” (CANDIDO, 2006, p.44).

<sup>20</sup> Disponível em: <https://www.ronaldocorreiaebrit.com.br/site2/2020/06/somos-regionalistas/>  
Acesso em: 06 abr. 2021.

Se antes defendia que o regionalismo era um palavrão que deveria ser retirado do vocabulário<sup>21</sup>, agora o escritor assume o título, ainda que não sem realizar algumas ressalvas. A postura é claramente diferente, quase militante. No fim do texto aponta que

Semelhante a Kafka eu também poderia ter assumido o não lugar, o não pertencimento, como muitos nordestinos fazem por sobrevivência. Mas isso seria impossível, em tudo o que escrevo afirmo minha geografia de nascimento, a origem, onde vivi no passado e onde escolhi morar no presente. (BRITO, 2020)<sup>22</sup>

Não é o objetivo deste trabalho definir uma resposta, emitir um veredito se Brito é ou não um regionalista. A discussão destes aspectos caminha no sentido de jogar luz sobre a intensa relação entre a crítica, suas obras e a questão regionalista. No entanto, é possível propor um caminho de reflexão.

Em nossa visão, fica claro que Brito rejeitava o título de “regionalista” por causa da visão da crítica a respeito do mesmo e esta, por sua vez, assumia tons condenatórios devido ao caráter “retratista” da corrente. Sem negar este aspecto, aliás, destacado pelos próprios escritores<sup>23</sup>, acreditamos que é importante tentar entender os motivos que levaram a ele e que fizeram com que as obras regionalistas fossem tão diferente das modernistas, por exemplo. Os regionalistas não poderiam louvar o moderno e a inovação como fizeram os paulistas pois a crise econômica do século XIX não amenizou. Pelo contrário

[...] mais ou menos na mesma fase em que explode o desenvolvimento econômico paulista, acentua-se o declínio do Nordeste: o açúcar, fundamento da economia nordestina desde o século 16, que, ao longo do tempo, alternara períodos de esplendor e depressão, entra em irreversível decadência nas décadas finais do século 19 e início do século 20,

---

<sup>21</sup> Como fica claro na seguinte fala concedida em entrevista “O que virou um clichê imperdoável foi associar o espaço geográfico do sertão às piores formas de ‘regionalismo’, ressaltadas pelo cinema do ciclo do cangaço e pelas novelas de televisão que carregam esse sotaque. Como escreveu Luiz Antonio de Assis Brasil: Devemos, a bem da limpeza conceitual, não usar mais o termo regionalista, para os casos contemporâneos. A higiene literária assim o deseja” (BRITO *apud* FERREIRA, 2012, p.30).

<sup>22</sup> Disponível em: <https://www.ronaldocorreiedebrito.com.br/site2/2020/06/somos-regionalistas/>  
Acesso em: 06 abr. 2021.

<sup>23</sup> O próprio Graciliano Ramos, em artigo publicado no Diário de Pernambuco em 1935, afirma que “Em todos os livros do Nordeste, nota-se que os autores tiveram o cuidado de tornar a narrativa não absolutamente verdadeira, mas verossímil. Ninguém se afasta do ambiente, ninguém confia demasiado na imaginação.” (RAMOS, 1935).

pressionado pela concorrência de Cuba e do açúcar de beterraba europeu. Com isso, toda uma sociedade que se erigira em torno da cultura canavieira - com seus valores, seus hábitos, suas realizações culturais- entra igualmente em fase de estagnação e decadência. (ALMEIDA, 2003, p.320)

Diante dessa situação, eles se colocam como agentes sociais empenhados que desejam uma transformação social. Isso, na verdade, coadunava com a própria tradição intelectual da região - que, como vimos, tinha como alguns de seus expoentes Franklin Távora e Gilberto Freyre - e, em um sentido mais amplo, com o próprio ambiente cultural do Brasil nos anos 30. Esta década inaugurou uma nova fase no pensamento brasileiro, segundo Arruda (2011) “O novo momento do país fez germinar uma cultura menos da experimentação e mais consentânea com as agudas realidades locais, revelando as relações entre a literatura e a história intelectual” (p.201).

A preocupação latente em analisar e estudar a sociedade brasileira pode ser percebida na publicação de diversos ensaios, livros e textos dedicados a interpretar diferentes aspectos do Brasil. A título de exemplo é possível citar a tríade clássica do pensamento social brasileiro: Casa-Grande e Senzala (1933), Raízes do Brasil (1936) e Evolução Política do Brasil (1933) além de diversos outros estudos publicados em coleções como a Brasileira, coleção azul, problemas políticos contemporâneos e etc.

Lembre-se nesta chave o papel dos recém-fundados cursos superiores de Filosofia, Ciências Sociais, História, Letras, bem como a difusão do ensino da Sociologia no nível médio. Isto contribuiu para desenvolver o espírito analítico nos estudos sobre o Brasil, com incremento do interesse pelos grupos até então menos estudados, ou estudados com ilusões deformadoras: além do negro, o índio, o trabalhador rural, o operário, o pobre. (CANDIDO, 1989, p.186)

Dessa maneira, acreditamos que as características assumidas pelos escritores regionalistas de trinta eram perfeitamente condizentes com o momento em que se vivia e, principalmente, com a região sobre a qual se escrevia. Sendo assim, consideramos que longe de considerá-la sinônimo de atraso, a crítica ganharia muito se tentasse entendê-lo, assim como fizeram os estudiosos das dissertações e teses citadas aqui, em uma perspectiva histórica, destacando suas ressignificações.

Em um plano mais profundo, isso é fundamental pois nos permite compreender de maneira mais profunda a relação entre o regionalismo e o próprio Nordeste.

## **2.4 REGIONALISMO E NORDESTE**



A relação entre o regionalismo e a instituição de uma imagem a respeito do Nordeste é abordada pelo historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior em diversos de seus livros, especialmente o *A invenção do Nordeste e outras artes*, fruto de sua tese de doutorado. O objetivo principal do texto é compreender em que momento e, principalmente, como se deu a emergência do Nordeste.

Embora seja apresentada com uma linguagem clara, a tese do autor é complexa, é nosso intuito esboçar alguns de seus principais argumentos a fim de discuti-los, visando contribuir com o debate a respeito da relação entre literatura e Nordeste.

Durval começa seu texto com argumentos que são lugar comum na discussão sobre o Nordeste e que já foram, inclusive, debatidos neste trabalho. O autor parte do século XIX para demonstrar que as elites que sofreram perdas econômicas com a seca de 1877 receberam auxílio econômico do governo imperial para lidar com o problema.

Diante do grande volume de verbas recebidas, estes grupos perceberam que o “discurso da seca” poderia ser mobilizado em prol de seus interesses particulares. É neste momento que a estiagem passa a ser apresentada como o fundamento de todos os problemas sociais enfrentados pela região. Utilizando-se de argumentos naturalistas e deterministas, estes homens explicavam o cangaço, o messianismo, a pobreza, fome e miséria como um resultado direto da falta de chuvas e que, para enfrentá-los era necessário, sempre que acontecesse a seca, o envio de recursos. Na visão de Durval, a partir desse momento o fenômeno climático transformou-se em uma máquina discursiva utilizada pelos grandes proprietários para conseguirem se apropriar dos recursos que eram enviados aos estados.

É a partir daí que o termo “Nordeste” é criado, significando um local do Norte que sofre com as estiagens. Isso demonstra, ainda segundo o historiador, que o Nordeste é “[...] filho das secas; produto imagético-discurso de toda uma série de imagens e textos, produzidos a respeito deste fenômeno” (ALBUQUERQUE, 2009, p.81).

Se em fins do século XIX este discurso alocou uma grande quantidade de recursos para os estados da região, nas primeiras décadas do século seguinte o contexto internacional e nacional muda e dá origem a novas formulações discursivas. Vivia-se no Brasil desta época um momento de fervor nacionalista que se constituía

a partir de um desejo de conhecer e interpretar a nação, apontando a possibilidade de construí-la como um todo coeso. Neste sentido

Diferentes saberes, seja no campo da arte ou da ciência, são mobilizados, no sentido de compreender a nação, a partir de um jogo de olhares que perscruta, permanentemente, as outras áreas e volta-se para si próprio, para calcular a distância, a diferença, e para buscar as formas de apagar estas descontinuidades que bloqueiam a emergência da síntese nacional. (ALBUQUERQUE, 2009, p.53)

Esta busca pelo apagamento das diferenças e descontinuidades promove, por outro lado, uma luta entre diversas elites regionais que se chocam na intenção de fazer com que os seus costumes, crenças e práticas sejam generalizados para o restante do país. Por causa de sua associação à seca e ao flagelo do retirante, o Nordeste passa a ser encarado de uma forma negativa, não faltaram discursos afirmando que ela estava fadada ao fracasso, que suas populações eram bárbaras e, até mesmo, que o melhor seria promover a migração em massa para outros locais mais desenvolvidos.

Muitos desses discursos eram agenciados pelas elites do Sudeste, notadamente as de São Paulo. Durval traz uma série de citações que demonstram como jornais, livros e veículos de mídia em geral apresentavam o nordestino como um ser atrasado. Isso acontecia pois, como já foi comentado neste texto, São Paulo ocupa o lugar que antes pertencia ao Norte no que diz respeito ao potencial econômico e influência política. Isso coloca os paulistas em uma posição vantajosa na empreitada de definir os rumos que o Brasil deveria tomar.

Neste sentido é significativo que o modernismo, entendido por Durval como o regionalismo paulista, apresente-se como de superioridade. Para o autor

O regionalismo paulista se configura, pois, como um 'regionalismo de superioridade', que se sustenta no desprezo pelos outros nacionais e no orgulho de sua ascendência europeia e branca. São Paulo seria, para este discurso regionalista, o berço de uma nação 'civilizada, progressista e desenvolvimentista'. As mudanças urbanas que estavam ocorrendo na cidade de São Paulo, [...] são símbolos da modernidade, da civilização que São Paulo estaria em condição de generalizar para todo o país. (ALBUQUERQUE, 2009, p.57)

Enquanto que o regionalismo nordestino, pelas questões apresentadas acima, estava fadado a passar uma imagem de inferioridade. Uma mudança no tom vai vir com Gilberto Freyre e o movimento que se organizou em torno dele. Embora muito do conteúdo anterior seja recuperado, este novo discurso adquire tons muito mais sociológicos e, como vimos anteriormente, busca apresentar o Nordeste como a

região mais autêntica do Brasil, aquela onde a cultura e as tradições foram preservadas da influência estrangeira.

Ainda segundo Durval, os objetivos são claros: diante da perda de importância, as elites da região, das quais Freyre é a voz, buscam manter uma importância cultural no cenário brasileiro. Apresentar-se como a região “mais brasileira” era uma espécie de compensação à real situação econômica e política.

Segundo Durval, a influência do pensamento Freyriano vai se estender por diversas áreas que vão da pintura à música. Destaque especial o autor dá ao romance de 30, apontando-o como fundamental no processo de invenção da região.

O historiador divide os autores regionalistas em dois grandes grupos de acordo com as temáticas abordadas. Dedicando um capítulo para cada agrupamento, inicia a discussão a partir dos autores que ele considera como embebedos de saudade. Saudade do passado, da época onde os patriarcas comandavam quase absolutos em territórios quase do tamanho de países europeus. Apontado como um “tradutor” da sociologia Freyreana para as páginas da literatura, o escritor José Lins do Rego é tido como representante máximo dessa corrente que apresenta um sentimento de incerteza e até de rancor para com a modernidade que chegava.

O segundo grupo parte de outras temáticas para falar sobre a região. É dessa leva autores como Jorge Amado e Graciliano Ramos que, em maior ou em menor medida, são influenciados pelo marxismo e apresentam em seus textos uma crítica às relações sociais que se estabeleciam ali. O Nordeste é descrito como um território recheado de contradições, onde a pobreza e a miséria extrema são consequências não só de problemas climáticos mas, principalmente, da exploração do homem sobre o homem.

A tristeza aqui dá lugar à revolta e à esperança de construção de um mundo melhor e de uma realidade mais justa e igualitária. É sintomático dessas obras, especialmente em Jorge Amado, o tom panfletário. Seguindo o que Durval chama de “realismo socialista”, os personagens são guerreiros que, após a organização por uma vanguarda, lutam contra a injustiça.

Embora partam de lógicas diferentes, o historiador aponta algumas semelhanças entre estes grupos. A primeira delas é o sentimento anti moderno que é expresso por um apego ao passado, no caso do grupo de José Lins, ou pela descrença de que a modernidade capitalista poderá trazer melhorias efetivas e que, por isso, deve ser substituída por uma outra, de viés socialista ou comunista. É

importante perceber que, ainda segundo Durval, por mais diferentes que sejam, os efeitos das visões são os mesmos: reforçam a imagem do Nordeste como uma região que foi abandonada pelo governo federal e que sofre com o imperialismo do Sul.

Também é significativo que os autores deste momento busquem representar os problemas, potencialidades e contradições reais de seus estados. Sobre isso, Durval afirma que

Vamos tratar aqui de uma maquinaria literária que aparece fundada na representação de um referente tido como fixo: a realidade da região Nordeste. Este é tomado como um objeto preexistente, como uma espacialidade “natural”, sobre a qual se constitui essa camada de discurso literário. (ALBUQUERQUE, 2009, p.123)

Apesar disso, não devem ser entendidas como uma representação do real pelo simples fato de que não existe, de acordo com o historiador, uma correspondência entre as palavras e as coisas. Em diversos momentos de seu texto ele deixa claro que não entende a literatura como capaz de oferecer algum conhecimento real sobre a região pois “A visibilidade e a dizibilidade da região Nordeste, como de qualquer espaço, são compostas também de produtos da imaginação, a que se atribuem realidade.” (ALBUQUERQUE, 2009, p.217)

Na verdade, a própria região não tem existência concreta fora da linguagem posto que

As diversas formas de linguagem, consideradas neste trabalho, como a literatura, o cinema, a música, a pintura, o teatro, a produção acadêmica, o são como ações, práticas inseparáveis de uma instituição. Estas linguagens não apenas representam o real, mas instituem reais. Os discursos não se enunciam, a partir de um espaço objetivamente determinado do exterior, são eles próprios que inscrevem seus espaços, que os produzem e os pressupõem para se legitimarem. O discurso regionalista não é emitido, a partir de uma região objetivamente exterior a si, é na sua própria locução que esta região é encenada, produzida, e pressuposta. [...] antes de inventar o regionalismo, as regiões são produtos deste discurso. (ALBUQUERQUE, 2009, p.34)

A região é, portanto, inventada pela linguagem e não possui existência fora desta. Mesmo as obras que tinham por objetivo principal expor as desigualdades sociais existentes no Nordeste não faziam mais do que

[...] reforçar uma série de imagens e enunciados ligados à região que emergiram com o discurso da seca, já no final do século passado. Vindo ao encontro, em grande parte, da imagem de espaço-vítima, espoliado; espaço da carência, construído pelo discurso de suas oligarquias. Eles lançam mão de uma verdadeira mitologia do Nordeste, já fabricada pelos discursos anteriores, e a submete a uma leitura ‘marxista’ que a inverte de sentido, mantendo-a, no entanto, presa à mesma lógica e questões.” (ALBUQUERQUE, 2009, p.216)

Os romances de 30, ao invés de expressar uma realidade concreta, não faziam mais do que repetir discursos já proferidos, imagens já pintadas e palavras já ditas. Essa noção me parece próxima da que Barthes apresenta em texto já citado no primeiro capítulo. Para o teórico francês a escrita não passa de um agenciamento de ideias e discursos já proferidos, de modo que todo texto é “[...] um tecido de citações, saídas dos mil focos da cultura” (BARTHES, 2004, p.3)

Essa repetição produziu uma série de estereótipos e de mitos que foram incorporados por pessoas de “fora” e de “dentro” da região. Comentando sobre a aceitação desta invenção pelas camadas populares, Durval afirma que

Nesse discurso, a ideia de popular se confunde com as de tradicional e antimoderno, fazendo com que a elaboração imagético-discursiva Nordeste tenha enorme poder de impregnação nas camadas populares, já que estas facilmente se reconhecem em sua visibilidade e dizibilidade. (ALBUQUERQUE, 2009, p.92)

O interesse por trás de toda essa construção “mitológica” era construir uma trincheira que servisse de base para a requisição de benefícios, recursos, verbas e cargos no aparelho do estado para serem usufruídas pelas elites. A invenção do Nordeste serve aos interesses de uma classe abastada que, no início do século XX, vê suas possibilidades de crescimento e de acumulação entrarem em decadência por causa da elevação de outra região ao posto de principal polo econômico e político do país.

É difícil exagerar a importância do livro de Durval para a historiografia brasileira e, especialmente, a que trata sobre o Nordeste. Uma rápida pesquisa no indexador “Google Acadêmico” mostra que o livro já foi citado por mais de mil trabalhos acadêmicos que se dividem em livros, artigos, teses, dissertações etc. Recentemente o texto atravessou as barreiras acadêmicas e inspirou uma peça de teatro interpretada pelo Grupo Carmin, do Rio Grande do Norte.

Não obstante, existem alguns pontos que devem ser ressaltados antes de continuarmos nossa discussão. O primeiro deles diz respeito ao papel dos escritores regionalistas na tese durvalina. Declarando abertamente que se propõe a fazer uma história “mais de conceitos do que de homens”, o historiador se concentra na análise dos textos e relega a segundo plano a vida e experiências pessoais dos autores.

Segundo ele

Os autores e artistas escolhidos para a análise de suas obras o foram, à medida que se constituíram em grandes emissores de signos, que deram

textos e imagens à região. Por isso pouco se levou em conta a trajetória de cada um como indivíduo, a não ser aquelas informações que tiveram ressonância em suas obras e interferiram nessa forma de ver e dizer a realidade regional. (ALBUQUERQUE, 2009, p.42)

Como vimos no primeiro capítulo, nos posicionamos de maneira diametralmente oposta a esta. Embora não defendamos extremos, como a crença de que as características psicológicas dos escritores são suficientes para “explicarem” uma obra, acreditamos que é de fundamental importância realizar um tratamento adequado da biografia, dos posicionamentos, das ideologias e dos valores dos escritores a fim de que se possa construir uma análise realmente satisfatória.

Outro ponto de discordância, e este ainda mais importante, diz respeito à própria forma de pensar a relação entre a literatura e o “real”, entendido por nós como o conjunto de relações sociais, econômicas, culturais, políticas e até ambientais que os homens estabelecem entre si e com o meio em que vivem. Como vimos, para Durval não existe uma relação necessária entre ambas esferas, sendo o discurso literário relativamente autônomo.

Embora não aceitemos as posições que defendem que a literatura é um reflexo do real ou uma tradução, para o campo literário, do mesmo, não entendemos que exista aí uma autonomia ou mesmo uma separação relativa entre as partes. Seguindo Candido, acreditamos que

A arte e, portanto, a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. *Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando uma atitude de gratuidade.* Gratuidade tanto do criador, no momento de conceber e executar, quanto do receptor, no momento de sentir e apreciar. Isto ocorre em qualquer tipo de arte, primitiva e civilizada. (CANDIDO, 2006, p.63. Grifos meus)

Ou seja, entendemos que toda obra de literatura é social pois é produzida dentro de um contexto específico, por um autor específico que vê o mundo de uma determinada maneira e que expressa, em maior ou em menor medida, suas ideias, valores e sentimentos em seus textos. Repetimos: isso não quer dizer que aconteça aí uma transposição direta de uma realidade para a página, mas sim que existem elementos naquela que condicionam a produção artística.

Em termos semelhantes parece trabalhar o historiador Roger Chartier, um dos grandes expoentes da história cultural na atualidade. Para ele existem alguns “constrangimentos” que o meio impõe ao autor na hora de escrever. Entre estes estão

elementos de ordem estética (linguagem disponível naquele momento, teoria da representação própria à cada forma de expressão) e aqueles que o autor chama de “vivências coletivas”, ou seja, o conjunto de relações sociais, econômicas, fenômenos históricos etc.

Um exemplo de como Chartier trabalha essas questões pode ser encontrado em seu texto *A construção estética da realidade* (2004), em que ele se pergunta, já no primeiro parágrafo, se é

[...] possível distinguir entre a realidade social e suas representações estéticas e, portanto, considerar o estudo das primeiras como o domínio próprio dos historiadores e reservar a análise das segundas aos que interpretam formas e ficções? (CHARTIER, 2004, p.1)

Para responder à indagação, o historiador analisa uma série de livros publicados na “Biblioteca Azul”, coleção de textos baratos que eram vendidos por mascates às populações menos favorecidas economicamente. Alguns desses livros alcançaram grande sucesso e tiveram diversas edições.

Não obstante, vivia-se na Europa do período uma crise econômica e um empobrecimento geral da população que são explicados nos seguintes termos pelo historiador

As razões socioeconômicas do aumento da população pauperizada e, com frequência, marginalizada durante os anos 1570-1650 são bem conhecidas: o empobrecimento de uma parte importante dos camponeses, causado pelo crescimento demográfico; a repetição das crises cíclicas, que conduzem os que buscam pão e trabalho em direção às cidades; a pauperização presente nas cidades, causada pela diminuição dos salários reais, devido ao aumento dos preços, e pela impossibilidade da incorporação dos novos imigrantes às estruturas artesanais e gremiais. (CHARTIER, 2004, p.5)

Essa situação acabou impulsionando a venda dos livros que tinham como temática principal de seus enredos justamente o aumento do número de mendigos e de pessoas pobres. Nesse sentido, o êxito editorial

[...] vincula-se a duas experiências coletivas da presença dos marginais nas sociedades européias do final do século XVI e do começo do século XVII. A primeira era urbana e tinha suas raízes na consciência inquieta frente ao que se percebia como um aumento sem precedentes do número de mendigos e vagabundos na população urbana. Proliferaram, então, os textos que denunciavam a invasão das cidades e, particularmente, das maiores entre elas, pelos mendigos forasteiros. (CHARTIER, 2004, p.4)

Nesses textos ficcionais eram explicadas as gírias, as formas de atuação, as táticas e as estratégias desses mendigos, de modo que permitiam “[...] compreender e dominar o mundo inquietante e perigoso dos marginais, decifrando-o de acordo com

a ordem familiar das corporações e das confrarias.” (CHARTIER, 2004, p.6). É claro que estas noções não eram totalmente exatas já que a literatura tem sempre um grau de gratuidade e de abstração e/ou invenção.

Análise proposta por Chartier, entretanto, nos mostra que a literatura possui, sim, um vínculo com o real. Em um texto já clássico em nosso país, ele explica que as representações, incluindo a literatura, são “[...] classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real” (2002, p.17). Ou seja, é através das representações que o homem constrói sentidos para entender e explicar o mundo ao seu redor. Para ele, é impossível falar sobre divisões de classe, processos econômicos ou qualquer outro elemento do real sem que se pense, também, nos processos culturais que dão origem ou validam aqueles. Nesse sentido, as representações passam a ser elementos constituintes da própria realidade.

Pesavento caminha em termos semelhantes a este quando propõe, seguindo Castoriadis, que a construção social da realidade se dá a partir da linguagem e do pensamento. No entanto, diferente do que aponta Durval, para ela “[...] a realidade é apreendida pela linguagem e nesta encontra significado, mas o imaginário pressupõe o real como referente” (PESAVENTO, 2003, p.5). Dito de maneira mais objetiva, é possível afirmar que esta corrente de pensamento defende a existência de um real que é delimitado, apreendido e explicado através das representações e que estas, uma vez difundidas, passam a atuar naquele real.

Para Chartier, uma das formas de atuação das representações se dá na formulação de identidades sociais.<sup>24</sup> Algo semelhante é apontado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu em seu texto *A identidade e a representação: Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de Região* publicado em Portugal no livro “O Poder Simbólico” em 1989.

Segundo Bourdieu, as identidades são fruto de atos de

[...] representações mentais, quer dizer, de atos de percepção e de apreciação, de conhecimento e de reconhecimento em que os agentes investem os seus interesses e os seus pressupostos, e de representações objectais, em coisas (emblemas, bandeiras, insígnias, etc.) ou em actos, estratégias interessadas de manipulação simbólica que têm em vista

---

<sup>24</sup> Para ele, as representações permitem articular o mundo social com “[...] as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exhibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição” (CHARTIER, 2002, p. 21).



determinar a representação mental que os outros podem ter destas propriedades e dos seus portadores. (1989, p.112)

As identidades, portanto, nunca estão dadas pela “natureza” ou por quaisquer outros fatores. São construções agenciadas por grupos que, por possuírem autoridade e reconhecimento, se arrogam no direito de dizer quem são e, mais ainda, quem são os outros, quais são as suas características. É fundamental compreender, entretanto, que

[...] O efeito de conhecimento que o facto da objectivação no discurso exerce não depende apenas do reconhecimento consentido àquele que o detém; *ele depende também do grau em que o discurso, que o anuncia ao grupo a sua identidade, está fundamentado na objectividade do grupo a que ele se dirige*, isto é, no reconhecimento e na crença que lhe concedem os membros deste grupo assim como nas propriedades econômicas ou culturais que eles têm em comum, pois é somente em função de um princípio determinado de pertinência que pode aparecer a relação entre estas propriedades. (1989, p.117. Grifos meus)

Um discurso identitário, por mais que seja proferido por elites, como foi o que aconteceu no regionalismo nordestino, só consegue ter penetração nas camadas populares, como atestou o próprio Durval, se ele estiver fundamentado nas condições objetivas, materiais, culturais e históricas deste grupo. É um equívoco pensar que um determinado modelo de identidade fosse fruto exclusivamente das elaborações de uma elite ressentida com o poder ou que “A eficácia, a veracidade do que dizem sobre a região, baseiam-se muito pouco no próprio “Nordeste”, e não podem instrumentalmente depender dele (ALBUQUERQUE, 2011, p.128).

Nesse sentido, concordamos que a literatura foi um dos principais fatores no processo de construção de uma identidade nordestina no início do século passado. Entretanto, defendemos que essas obras estavam pautadas em condições objetivas e subjetivas que tinham existência concreta e que, portanto, influenciavam diretamente na vida das pessoas da região.

É importante chamar atenção para a percepção de que os discursos que construíram a identidade foram apropriados de forma diferente por diversos atores sociais. Ainda nos valendo de Chartier, percebemos que a “Apropriação [...] tem por objetivo uma História social das interpretações, remetidas para suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que a produzem” (2002, p.26-7).

Os sentidos e significados construídos a partir da leitura dos textos regionalistas são diversos e dependem, essencialmente, da costura de elementos

sociais, culturais, políticos e econômicos que permeiam o leitor. Se para, Gilberto Freyre, as obras de José Lins do Rego eram um monumento que louvava o Nordeste ou, em outro exemplo, Graciliano defendia que estava realizando a denúncia de problemas concretos, para boa parte das elites do sudeste essas páginas significaram uma possibilidade de rebaixar um polo socioeconômico que, embora estivesse em decadência, ainda possuía influência e importância no cenário cultural.

Como São Paulo ainda hoje é dominante economicamente e politicamente no país, essas imagens se perpetuaram no tempo e são veiculadas nos grandes veículos de mídia, formadores de opinião por excelência. Não obstante, existe um combate efetivo por uma ressignificação da imagem do Nordeste e o Brito toma posição nesse cenário. Primeiramente através da negação do título de escritor regionalista, pelo menos enquanto este era dotado de um sentido negativo, mas, principalmente, pela rejeição de que o Nordeste representado em seus livros seja o mesmo do que foi pregado anteriormente.

Em entrevista, diz que

O Sertão é a periferia das cidades. Galileia é um romance que apresenta o sertão não mais como um mítico, não mais como esse lugar metafísico e poético de Guimarães, não mais como o sertão romântico de Alencar, Nem como um sertão quase geográfico de Euclides. Mas um olhar moderno, ou pós-moderno, que é esse de ver o sertão não mais o que ele foi ou imaginam, ou querem que ele continue sendo, mas sim como esse deserto sem Deus, esse não lugar ou essa periferia de cidades. Isso é tentar dialogar com o tempo, isso é tentar falar para o tempo. (BRITO, 2018,)

Negando estereótipos, preconceitos e, principalmente, relacionando-se com o tempo e com as discontinuidades propostas por ele, Brito constrói uma imagem moderna sobre o Nordeste, que dialoga com questões do presente. As principais características do “seu” Nordeste serão tema do próximo capítulo.

### CAPÍTULO 3 - ENTRE O GLOBAL E O REGIONAL

É corrente, nas ciências humanas, especialmente na vertente da história cultural, a ideia de que um leitor, ao se deparar com um texto qualquer, absorve do mesmo informações e sensações através de um filtro próprio, composto a partir de sua subjetividade. “A leitura, enfim, é uma prática criadora - tão importante quanto o gesto da escritura do livro” (BARROS, 2010, p.56).

É nesse sentido que nos propomos, neste capítulo, a pensar com maior profundidade alguns dos livros de Ronaldo Correia de Brito, especialmente os seus romances *Galileia* e *Dora sem Véu*. Embora não seja objetivo do escritor descrever as paisagens do Nordeste e nem apresentar os costumes e tradições do povo que vive nesta região, acreditamos que, em uma leitura atenta, é possível extrair informações que permitam compor um quadro sobre a representação do Nordeste construída pelo autor.

Os dois romances citados são narrados, em grande parte, por pessoas que haviam entrado em contato com o sertão em determinado momento e que retornam ao mesmo depois de muito tempo. É interessante perceber que ambas narrativas começam em uma viagem, um traslado a partir do qual memórias, sentimentos e receios começam a ser resgatados.

Adonias, dirigindo a camioneta do primo Ismael, se incomoda com o calor que “[...] vem das pedras que afloram por todos os lados, como planta rasteira. Nada lembra mais o silêncio do que a pedra, matéria-prima do sertão que percorremos em alta velocidade” (BRITO, 2009, p.7).

Ao passo de que Francisca percebe que

Ao prenúncio de chuva o rebanho se aconchega entre as tábuas da carroceria. Caem pingos no calor sufocante e se evaporam antes de tocarem o chão. A tarde de sol muda bruscamente em noite escura. De pé, olho o asfalto e as árvores assombrando as margens da estrada. Não canto. Nunca soube cantar. Ouço as vozes subirem do piso do carro, impressões da viagem que começa” (BRITO, 2018, p.8)

Nessas viagens se deparam com um mundo que, embora ainda esteja em construção, já se distancia muito daquele em que eles nasceram. São essas mudanças que serão tema deste capítulo.

### 3.1. O GLOBAL NO REGIONAL

No segundo capítulo tratamos, ainda que de maneira breve, da situação econômica do Nordeste entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Demonstramos como a literatura produzida na região era afetada, em maior ou em menor medida, por essa situação, destacando como a pobreza, a desigualdade e a exploração impactavam a vida das pessoas que ali viviam.

As obras de Brito se passam, via de regra, no Nordeste contemporâneo. A maior parte das narrativas do autor são localizadas entre o final do século XX e o presente. Seu último romance, por exemplo, faz referências a acontecimentos políticos do Brasil recente, como o impeachment da então presidenta Dilma Rousseff em 2016. Entendendo, como já nos referimos, que os textos se relacionam com o ambiente em que foram gestados, consideramos importante tecer algumas considerações a respeito da situação econômica da região na atualidade.

É isso que fazem os autores do artigo *Desenvolvimento do Nordeste nos governos FHC e Lula* (2017). Os pesquisadores tratam sobre a situação socioeconômica da região entre 1990 e 2010, realizando recuos históricos mais largos sempre que necessário. É nesse sentido que, citando Tânia Bacelar de Araújo, explicam que , durante a maior parte da segunda metade do século XX, o Nordeste teve um crescimento econômico acima da média nacional. Apontam, também que, após o início da atuação da SUDENE, nos anos 60, o “[...] PIB nordestino apresentou um desempenho no patamar da média do Brasil nos anos de 1960 a 1970, superando-o na década de 1980” (GONÇALVES; MONTENEGRO; AGRA, 2017, p.11)

Esses índices foram puxados para cima pela instalação de empresas e indústrias estrangeiras na região, o que acarretou no enriquecimento de uma minoria ao mesmo tempo em que os recursos para a promoção sistema público de saúde, de educação, de saneamento e de habitação continuavam insuficientes para atender as necessidades da população. O resultado foi o agravamento de problemas que já eram extremamente graves, como a concentração de renda, a pobreza e a desigualdade social.

A situação permanece e, em certa medida, até piora com o governo de Fernando Henrique Cardoso. Partindo de uma lógica neoliberal, que tinha como maior objetivo controlar a inflação, FHC conseguiu aumentar do poder de compra do

brasileiro médio (por causa da diminuição dos preços), reduzir a pobreza ( que entre os anos 1993 e 1999 caiu 10,8%) e o aumentar da receita do Tesouro Nacional (especialmente devido às privatizações). No que diz respeito ao Nordeste, entretanto, as políticas de redução de gastos e de investimento público, representadas pela extinção da SUDENE em 2001, desaceleraram o seu crescimento e, conseqüentemente, reduziram a sua participação no PIB nacional, que caiu de 17% para 13% no período entre 1995-2002.

O governo de Lula, apesar de manter a política macroeconômica, promoveu algumas alterações significativas no modo como o Estado lidava com o Nordeste. Medidas como o Programa de aceleração do crescimento (PAC), o aumento no limite de endividamento dos estados e municípios e programas assistencialistas como o Bolsa-Família permitiram que a região tivesse um crescimento médio do PIB de 4,6% ao ano, acima da média nacional que foi 4%.

Em números absolutos o Nordeste também teve melhoria em diversos indicadores sociais como na diminuição do analfabetismo, o crescimento exponencial no número de empregos formais, na renda per capita etc. Esse processo foi concomitante - e se relacionou- com outro de maior alcance e profundidade: a globalização.

Desde o seu início, em meados do século XIV, o capitalismo expande-se para abarcar outras regiões e transformá-las em regiões produtivas e/ou consumidoras. Para Octavio Ianni, a história do capitalismo é, portanto, a história da mundialização da economia, da conectividade entre diferentes espaços. “Emergem ou desenvolvem-se relações, processos e estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais, acentuando e generalizando a mundialização” (2013, p.56).

Esse processo teve um impulso a partir dos anos 80 do século passado, quando o neoliberalismo se tornou a política econômica principal de países do eixo central do capitalismo como Inglaterra, EUA e Alemanha. Pregando, entre outras coisas, a livre circulação de bens, mercadorias e capitais, além da desregulamentação das relações trabalhistas, os economistas e pensadores neoliberais forneceram um aparato teórico que orientou as práticas responsáveis pela consolidação da globalização.

Isso não quer dizer que a globalização seja apenas um fenômeno de cunho econômico. Embora esteja relacionada ao crescimento da importância dos mercados financeiros de alcance mundial, ao deslocamento de mercadorias e informações, este

fenômeno contemporâneo também tem sentidos e implicações muito mais sutis. Para Giddens, a globalização é composta por processos complexos que podem ser, inclusive, antagônicos entre si. Nesse sentido,

É errado pensar que a globalização afeta unicamente os grandes sistemas, como a ordem financeira mundial. A globalização não diz respeito apenas ao que 'está lá fora', afastado e muito distante do indivíduo. É também um fenômeno que se dá 'aqui dentro', influenciando aspectos íntimos e pessoais de nossas vidas'. (GIDDENS, 2007, p.22)

Ou seja, mais do que um sistema "macro", a globalização também se expressa no "micro", afetando e modificando as formas pelas quais concebemos a família, o sexo, a identidade e até mesmo as formas de nos divertimos. A literatura é uma importante maneira de compreender essa questão pois, de acordo com o que postulamos no capítulo anterior, permite perceber sensibilidades, formas de enxergar e atuar no mundo que muitas vezes escapam aos outros tipos de fontes. Os textos de Brito, por exemplo, elucidam algumas das formas pelas quais a globalização impactou o Nordeste e, principalmente, o nordestino.

Essas impressões são percebidas especialmente a partir do olhar dos protagonistas dos romances. Na primeira página de *Galileia*, Adonias percorre o caminho em direção à fazenda onde cresceu e pensa que "Tudo se assemelha ao passado, até os caminhos repetidos e o silêncio dos mortos" (BRITO, 2009, p.8).

Uma curva depois, entretanto, se depara com uma situação que chama sua atenção. "Mulher em motocicleta carrega uma velha na garupa e tange três vacas magras. Dois mitos se desfazem diante dos meus olhos num só instante: o vaqueiro macho, encourado, e o cavalo das histórias de heróis, quando se puxavam bois pelo rabo" (BRITO, 2009, p.9). Acreditamos que essa página representa um momento fundamental do romance pois o baque provocado no narrador é tamanho que, a partir daí, começa a se sentir cada vez mais ansioso, passa a engolir compulsivamente ansiolíticos e experimentar uma "[...] lassidão conhecida, o corpo entregue à poltrona do carro, o raciocínio preguiçoso" (BRITO, 2009, p.79).

A ansiedade vem do fato de que aquela simples imagem representava uma mudança enorme, o questionamento de imagens e de mitos que estavam arraigados no próprio personagem. O fato de o gado estar sendo tangido por uma moto e, principalmente, que ela está sendo pilotada por mulheres, desperta nele a consciência de que algo está diferente e que o sertão que ele conhecia pode não mais existir.

Logo “O barulho forte as máquinas e as luzes dos faróis me deixam a impressão de que estou noutra planeta” (BRITO, 2009, p.8).

É sintomático que no próximo parágrafo, com um certo sentimento apocalíptico que parece nos atingir quando temos grandes surpresas, ele imagine “[...] a casa dos meus avós derrubada por tratores, dando lugar a uma rodovia.” (BRITO, 2009, p.8). Toda essa ansiedade pode ser melhor compreendida quando entendemos que Adonias morava no Recife, uma das dez maiores cidades do Brasil, há muito tempo e fazia anos que não visitava a fazenda onde cresceu. Quando partiu de Galileia, ela ainda era arcaica e mal tinha entrado em contato com elementos da modernidade.

Francisca também se espanta diante das transformações. Mesmo tendo visitado o Juazeiro inúmeras vezes quando ainda estava nos anos de formação, só quando voltou à região sem pretensões acadêmicas é que conseguiu perceber as mudanças que palpitavam por todos os lados. Chega a dizer que olhava “[...] as pessoas como se as visse pela primeira vez” (BRITO, 2018, p.25).

Uma dessas pessoas era um músico popular, que não recebe nome na narrativa. Sua casa era “[...] uma pequena construção de taipa, num recanto onde a cidade começava a invadir a serra. [...] De vez em quando subiam e desciam carros pela rua estreita, projetando a luz do farol” (BRITO, 2018, p.98).

O músico relatava que, quando mais jovem, costumava passar dias sozinho na floresta, dormindo no topo de árvores durante o dia e se alimentando dos animais que caçava na noite, enquanto eles dormiam. Nesses tempos sentia que poderia viver para sempre na floresta e até mesmo escapar de uma Terceira Guerra Mundial pois, uma vez dentro da mata, tornava-se invisível.

No presente, entretanto, perdera a crença em seus poderes pois “Não havia lugar onde os homens não tivessem chegado com os carros, helicópteros, aviões, filmando e fotografando, expondo o que antes parecia oculto.” (BRITO, 2018, p.98). Francisca relata que, enquanto falava, o homem “[...] fechava a mão em punho sobre o estômago, como se algo explodisse dentro dele, e numa agonia extrema me confessava que os mistérios haviam findado” (BRITO, 2018, p.99).

Esses trechos, assim como outros que se espalham ao longo dos livros, dão a entender que Brito procura problematizar o Nordeste atual. Uma região afetada pela globalização e que está diante de novos problemas, contradições e elementos sociais que não condizem mais com aqueles que foram abordados pelas gerações anteriores de escritores.

Como diz em uma entrevista,

O meu sertão é complexamente urbano [...]. Em cinqüenta anos, o Brasil deixou de ser um país rural e transformou-se numa nação predominantemente urbana. Oitenta por cento de nossa população vive em cidades com mais de vinte mil habitantes. Em Galiléia o sertão são as cidades ou a lembrança delas. (BRITO, 2011)<sup>25</sup>

O Nordeste representado por Brito é complexo e multifacetado. Isso pode ser observado na própria configuração dos personagens e nas formas pelas quais eles se relacionam. Salomão, por exemplo, tio de Adonias, é descrito como uma espécie de “Talibã Sertanejo”, profundamente ligado à história de sua região e defensor do que considera serem suas tradições. O sobrinho percebia “[...] seu esforço em busca do que é permanente e sobrevive ao furor das mudanças. [...] Separado de um passado mítico e irrecuperável, esforçava-se por achar no presente um caminho para ele e seu mundo sertanejo” (BRITO, 2009, p.162). Outro personagem que segue uma descrição semelhante é Natan, outro tio de Adonias e pai do já mencionado Ismael. Foi ele quem ficou responsável pela administração da fazenda quando Raimundo Caetano adoeceu e, portanto, é considerado uma espécie de “chefe da família”. É através de Adonias que descobrimos que ele é um homem rude, grosso e sem paciência para as palavras, além de constantemente utilizar-se de sua posição de mando e autoridade para deitar-se com mulheres sem se responsabilizar pelos seus atos.

Relatando a história da concepção de Ismael, Adonias afirma que

Acostumado a possuir mulheres em que botava os olhos, Maria Rodrigues, a quem ele nunca perguntou o nome de tribo, foi caça fácil. Nos anos em que manteve o comércio em barra do Corda, tio Natan usou os serviços da índia [...]. Numa ida ao Maranhão, Natan encontrou Maria Rodrigues Barriguda. Ela tentara todas as ervas abortivas que as mulheres de seu povo conheciam, mas a criança fizera questão de vingar. Natan não reconheceu a paternidade do mestiço. (BRITO, 2009, p.95)

Natan, assim como Salomão, era extremamente apegado à Galileia.

Para o tio, tudo começa e finda ali. Se o levarem ao edifício mais alto de Tóquio e perguntarem o que avista, certamente ele dirá: Galileia. As janelas abertas por Natan, em qualquer hotel de luxo ou pensão escura, relevam um terreiro e cinco casas. As cidades são mundos irrealis, pois só existe Galileia. (BRITO, 2009, p.92)

Ambos personagens são representações de um mundo tradicional que, embora abalado, ainda se mantém em pé. São apresentados como conservadores,

---

<sup>25</sup> Entrevista concedida a Rogério Pereira. Disponível em: <https://rascunho.com.br/noticias/ronaldo-correia-de-brito/> Acesso em: 19 Out. 2020.



presos a um estilo de vida que deita raízes no passado. Suas formas de agir e de ver o mundo podem ser melhor compreendidas através das considerações de Stuart Hall, em seu livro *A identidade Cultural na Pós-Modernidade*, publicado pela primeira vez em 1992.

O teórico defende que a identidade foi concebida de formas diferentes ao longo do tempo e que, portanto, possui uma história. Se na idade média, por exemplo, o sujeito era determinado pela posição que ocupava na ordem estabelecida e legitimada religiosamente, com as mudanças ocorridas entre os séculos XIV e XVIII surge uma nova percepção.

A reforma protestante, o humanismo, a revolução científica e, em um período posterior, o iluminismo, embora tivessem raízes, causas e objetivos diferentes, se comunicavam ao defender a existência do *indivíduo* como um ser único, com uma essência, dotado de razão e de capacidade de ação. O individualismo decorrente dessa postura pregava a existência de um núcleo de personalidade e capacidades que, embora pudesse se desenvolver, permanecia o mesmo ao longo do tempo.

Uma outra forma de enxergar a identidade está ligada à cultura nacional. Hall aponta que “As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a ‘nação’, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades” (HALL, 2006, p.51). Esses sentidos são construídos e difundidos a partir de diversas estratégias como a formulação de uma história nacional, a criação de um mito fundador da nação, a defesa de uma unidade étnica etc. Ao longo do capítulo o autor continua discorrendo sobre as múltiplas estratégias utilizadas pelos estados nacionais para construir um discurso que englobe os habitantes de um determinado território em uma cultura e, conseqüentemente, em uma identidade.

Para nossos objetivos, entretanto, importa mais debater a relação entre identidade e contemporaneidade. A pergunta “Como a globalização afetou as identidades culturais?” é o mote dessa discussão. Um dos caminhos para entender isso é perceber que as identidades culturais são profundamente baseadas no espaço e no tempo e que, como a relação do homem com essas instâncias foi alterada pelo desenvolvimento das tecnologias de comunicação e de transporte, houve grandes alterações também na própria forma de conceber a identidade.

Segundo alguns teóricos citados por Hall, esses desenvolvimentos expandiram os contatos entre as pessoas a níveis jamais imaginados. De fato, fala-se em uma espécie de “Aldeia Global” em que as mensagens, produtos e ideias circulam com

tamanha facilidade que estaríamos caminhando em direção a uma homogeneização da cultura.

Embora concorde com a ideia de que existe uma expansão e até mesmo uma imposição de determinados valores e visões de mundo, Hall afirma que a questão é mais complexa do que parece à primeira vista. Isso porque, longe de apenas absorver o que recebem, muitas pessoas da periferia do capitalismo experimentam um reforço de identidades locais e/ou comunitárias (HALL, 2006).

É o que parece se dar com Natan e Salomão. Diante de um mundo que muda rápido demais, eles se apegam ao que é tradicional na tentativa de manter posições de poder, seja diante da família, de mulheres ou da sociedade de uma maneira geral. Essas estratégias, entretanto, são ridicularizadas por Adonias. Já citamos, no segundo capítulo, o que ele acha das posições de Salomão, chamando-o de “fora de moda” e de ultrapassado, mas é com Natan que o personagem parece demonstrar maior repulsa.

Logo ao chegar na Galileia, o protagonista do romance se depara com o tio.

Fico de pé, comparo nossas alturas. Pedirei a ele que se encoste na parede, que saque a faca da bainha e risque com a lâmina o lugar onde termina sua cabeça. Quero fazer o mesmo que fazia quando Elias, Ismael e eu éramos crianças. Media-nos. E ria de mim porque demorei a crescer. Chamava-me de nanico. Natan era o gigante Golias, de tamanho assombroso. Agora me parece tão menor do que sou. Rio nas costas dele [...] Cresci acima de Natan e isso me deixa alegre, abre meu apetite. (BRITO, 2009, p.93)

Adonias ridiculariza Natan, assim como fez com Salomão. A interpretação possível disso é a de que Brito tece críticas àqueles que tentam encontrar no presente um passado que já não existe mais, que foi ultrapassado. Longe de escrever sobre um mundo de certezas, o autor adentra nas incertezas típicas do mundo contemporâneo. Seus protagonistas são rodeados por inseguranças, medos e ansiedades. Sofrem por não encontrar um lugar no mundo.

Adonias, por exemplo, fez doutorado na Inglaterra e viveu lá por muitos anos, algo semelhante com o que passou Francisca, que completou sua formação acadêmica e iniciou sua vida profissional em Paris. Apesar de terem entrado em contato com culturas diferentes, não as absorveram por completo e nem se mantiveram “presos” ao passado no mundo rural.

Nesse sentido, enquanto Adonias afirma que

Vago numa terra de ninguém, um espaço mal definido entre campo e cidade. Possuo referências do sertão, mas não sobreviveria muito tempo por aqui.

Criei-me na cidade, mas também não aprendi a gíngua nem o sotaque urbanos. Aqui ou lá me sinto estrangeiro. (BRITO, 2009, p.160).

Algo semelhante vive Francisca que, em uma reunião com antigos colegas de faculdade de seu marido, se pergunta “Até quando vou transitar por mundos tão desencontrados? O mundo de Dora, meu por herança. Esse mundinho que me sufoca, o dos meus pares. (BRITO, 2018, p.53)

Esses sentimentos parecem ser característicos de um outro efeito que a globalização proporciona nas identidades culturais: o descentramento. Ainda nos valendo de Hall, apontamos que

Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições ; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado. (HALL, 2006, p.88)

O avanço dos meios de comunicação e da globalização em geral acabam por provocar o surgimento desses sujeitos cindidos em diversos locais. Segundo o antropólogo Nestor Garcia Canclini, estamos vivendo um período onde predominam os hibridismos culturais, definidos por ele como “[...] processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2003, p.19).

A mescla de elementos culturais não é novidade na história do mundo, é verdade. É possível apontar processos de miscigenação na antiguidade clássica ocidental, com os latinos e os etruscos, na formação de Portugal e em diversos momentos da história do Brasil, desde os idos da colônia. A “novidade” está na intensidade e na velocidade destas mudanças: a criação de um sistema monetário internacional, o crescimento das migrações e a explosão da indústria cultural proporcionam processos de contato, mistura e conflitos entre culturas a níveis jamais observados na história da humanidade.

Um exemplo disso é a banda que Adonias vê ensaiando em um restaurante no caminho para Galileia. A cena é retratada da seguinte maneira

Os músicos arrumam os instrumentos: teclado, guitarra, baixo, sanfona e bateria. Um rapaz que bebia no balcão se encaminha para o grupo. É o vocalista. Usa três argolas na orelha esquerda, um piercing no nariz e roupa preta brilhosa. Passa a mão nos cabelos pintados de louro, endurecidos pelo excesso de gel fixador. Repete o gesto inúmeras vezes, mas nem um único fio de cabelo se move. [...] O dono da bodega reconhece que somos de fora, outro tipo de gente. Retorna à nossa mesa, desculpa-se pelo transtorno, é apenas o ensaio de uma banda de forró. Se nos incomodar, os rapazes tocarão mais tarde. (BRITO, 2009, p.34)

O trecho é interessante pois nos permite pensar a relação entre forró e identidade nordestina, assim como as múltiplas práticas e processos de hibridização que ocorrem na música regional. Identificado muitas vezes como um elemento da “essência” nordestina, a história do forró mescla-se com a de seus principais intérpretes.

Luiz Gonzaga nasceu em Exu, no sertão pernambucano em 1912. Vivendo uma infância pobre, começou a gostar de música por influência de seu pai, “Seu Januário”, que trabalhava consertando sanfonas e, para complementar a renda, tocava em festas aos fins de semana. Luiz, ainda criança, começou a se apresentar nesses locais tocando sanfona e, após se alistar no exército e exercer a função de corneteiro, resolveu se dedicar exclusivamente à música (ALBUQUERQUE, 2011; LIMA, 2014).

Apresentava-se em cabarés, bares e nas ruas do Rio de Janeiro interpretando estilos como o bolero, o tango, e diversos sons estrangeiros. Foi só depois que, desafiado por um grupo de estudantes cearenses, começou a performar músicas e sons que havia aprendido na infância. A mistura de influências musicais rurais com alguns ritmos urbanos, dá ensejo ao baião, um gênero musical que antecedeu o forró.

O sucesso nacional veio na década de 40 quando, através da gravadora RCA Victor, lançou a música *baião*, música mais tocada nas rádios brasileiras entre 1946 e 1954, alcançando inclusive repercussão no exterior (ALBUQUERQUE, 2011). Abordando temas como a seca, o cangaço e a saudade do sertão, as músicas de Gonzaga se comunicavam com uma grande leva de imigrantes nordestinos que moravam no Sul e no Sudeste. Também contribuiu para o seu sucesso o fervor nacionalista da época que, buscando valorizar o que era brasileiro, dava muito espaço aos artistas e músicos que falavam sobre a nação.

No fim da década de 60, a chegada da Bossa Nova fez com que o baião fosse perdendo espaço e, em meio a isso, Gonzaga promoveu algumas alterações no ritmo que comumente usava dando origem ao forró.<sup>26</sup> A partir daí o estilo musical passou a ser cada vez mais identificado ao nordeste e ao nordestino, sendo erigido como o

---

<sup>26</sup> A informação é de Ana Cláudia Dantas Lima que, em seu texto *Os desdobramentos do forró nordestino: de Luiz Gonzaga à Mastruz com Leite (1940 - 1991) (2014)*. afirma que, diante da perda de popularidade do Baião, Gonzaga mudou algumas características daquele e deu origem ao forró.

principal estilo musical da região. Os principais instrumentos eram o triângulo, a zabumba e a sanfona.

Nos anos 90 uma modificação mais drástica vai acontecer no gênero. Inserido no contexto em que estamos tratando, ou seja, de avanço da globalização sobre a região, o forró vai se modernizar e beber da fonte de ritmos variados, principalmente estrangeiros. Significativo disso foi a banda Mastruz com Leite, criada pelo empresário Emanuel Gurgel.

Gurgel percebeu que estava vivenciando mudanças e lançou a banda em um momento em que as antigas bandas de forró já estavam em decadência. Segundo o próprio,

A Mastruz com Leite foi criada para tocar forró e para modernizar o forró. Ninguém tava nem aí pra forró, não tocava mais no rádio [...] e o forró tava atrasado para o momento que a gente tava vivendo, só falava das mesmas coisas, de sertão, de luz de candeeiro, de Padre Cícero, de seca e tal... as coisas do tempo de Gonzaga. Qual o jovem que quer saber disso? E tocava aquelas coisas do mesmo jeito antigo, só usava o trio, não tinha peso nos instrumentos, um som fraquinho, sem iluminação, sem balé [coreografia]. O mundo é outro, cara, e a gente tem que acompanhar. Aí eu comecei a juntar músicos, compositores românticos, para fazer um forró moderno. E tive que dizer isso pra todo mundo pelo rádio, pela TV, tive que mostrar a diferença pra ajudar a vender. Foi só isso mesmo. O resto, todo mundo já sabe. (GURGEL *apud* SANTOS, 2012, p.680)

A banda operou uma verdadeira revolução no estilo, apostando em instrumentos diversos como o teclado, o baixo, a guitarra e a bateria. Além disso, também investiu em letras com teor mais sensual e que tratam de temas do cotidiano urbano e da vida de uma nova juventude que, sem perspectivas de futuro em um mundo rural decadente, percebem nas cidades novas maneiras de viver e consumir. O estilo criado por Mastruz com Leite logo ficou conhecido como “Forró Eletrônico” e inspirou bandas como Garota Safada, Saia Rodada, Aviões do Forró etc.

Acreditamos que essas bandas demonstram a presença dos processos de hibridização cultural que povoam o Nordeste. A banda descrita por Adonias caminha nesse sentido. Vivendo em um mundo onde, de acordo com o dono do restaurante citado anteriormente, “Os rapazes não querem mais usar roupa de couro” (BRITO, 2009, p.39), os músicos adaptaram-se: mudaram as vestimentas, pintaram os cabelos e utilizam instrumentos modernos. Algo parecido fez Wires, jovem com quem Francisca engata um caso amoroso em *Dora Sem Véu* (2018). Os personagens se conhecem durante a viagem à Juazeiro, conversam pela primeira vez em cima do

caminhão e logo descobrimos que ele está cumprindo uma promessa: havia sofrido um grande acidente e, para sobreviver, prometera fazer a romaria.

Apesar de ser pobre, Wires é muito vaidoso e desde o início despertou a atenção da protagonista do romance. Tinha as pernas depiladas e as mãos finas, com “[...] unhas limpas e bem aparadas” (BRITO, 2018, p.42). Ao ser questionado se trabalhava como agricultor, respondeu que não. Era costureiro

- Lingerie feminina, calcinhas e sutiãs.
- Verdade? Não acredito.
- Por que o espanto? É proibido a homem?
- Desculpe, o sertão mudou ligeiro demais e eu demoro a me acostumar. Há dez anos seria impensável.
- Moro no agreste. Homens como eu, casados ou solteiros, trabalham nisso. Não tem outro meio de vida. (BRITO, 2018.p.42)

Os apontamentos de Brito em seus livros nos ajudam a questionar noções essencialistas a respeito da identidade de um povo. Ao descrever o Nordeste como uma região complexa onde instrumentos normalmente associados ao Rock podem ser usados para tocar forró; ou que homens se depilam e trabalham com costura de peças íntimas, o autor está lutando por um novo olhar, uma nova compreensão.

Isso não significa dizer que a globalização destruiu todos os traços específicos da cultura regional. Os apontamentos de Hall e de Canclini nos permitem pensar que as influências decorrentes da globalização são ressignificadas e que este processo toma por base as próprias práticas culturais que já existiam na região. A cultura regional atua como um filtro para o que vem de fora, ora aceitando, ora rejeitando. Se é verdade que a banda de forró está tocando com instrumentos normalmente associados ao Rock, também é preciso perceber que ela continua sendo uma banda de forró.

É certo que este processo não se dá sempre de forma pacífica, a globalização não escapa às relações de poder e se dá, em muitos momentos, em meio a conflitos.

### **3.2 GLOBALIZAÇÃO PERVERSA**

Em um de seus livros mais famosos, o geógrafo Milton Santos apontou que a globalização e a modernidade capitalista, ao atingir países subdesenvolvidos, nem sempre proporcionaram experiências positivas. O que se percebe, na verdade, é uma ampliação da pobreza, o aumento da desigualdade social e a diminuição da qualidade de vida média. Segundo o autor,

Fala-se, por exemplo, em aldeia global para fazer crer que a difusão instantânea de notícias realmente informa as pessoas. A partir deste mito e do encurtamento das distâncias- para aqueles que realmente podem viajar- também se difunde a noção de tempo e de espaço contraídos. É como se o mundo tivesse se tornado para todos ao alcance da mão. Um mercado avassalador dito global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta quando, na verdade, as diferenças locais são aprofundadas. Há uma busca de uniformidade, ao serviço dos atores hegemônicos, mas o mundo se torna menos unido, tornando mais distante o sonho de uma cidadania verdadeiramente universal. (SANTOS, 2001, p.19)

Nos romances abordados neste capítulo são frequentes as citações que transmitem essa imagem de decadência. Em *Dora sem Véu (2018)*, por exemplo, Francisca olha com tristeza para um

[...] boi morto, as pernas tesas, as vísceras e os olhos devorados. [...] O mau cheiro sufoca. Wires me conduz de volta à estrada. Olho pela última vez na direção do engenho e da casa, ambos entorpecidos de sono. Os tijolos e as telhas voltam ao barro, de onde nunca deveriam ter saído. Cobertas de mato e mofo, as construções perderam o estilo, o ar senhorial, o relógio das horas marcando anoitecer e madrugada. Mais que saudade, agora sinto medo e desamparo” (BRITO, 2018,P.121)

Cenas parecidas são encontradas em *Galileia (2009)*, como quando Adonias percebe a situação da fazenda de seu avô.

Parece que um meteoro caiu sobre a Galileia, queimou os pastos, matou os rebanhos, pôs os currais abaixo. Até os aboios dos vaqueiros são ouvidos apenas nos programas de rádio. Nos fogões de lenha não se torra café, nem manteiga, nem se produz o sabão da gordura de porcos e bois. Pannels de barro e cobre, cuias, jarras, potes e alguidares perderam a função. Minguaram, substituídos sem saudade por plásticos e acrílicos. (BRITO, 2009, p.69)

Embora sejam passagens que transmitam imagens fortes, os efeitos da globalização perversa, tal como formulou Santos, ficam mais perceptíveis em um plano mais subjetivo. Em determinado momento, Wires relata histórias do hospital onde havia ficado internado, um dos casos chama a atenção.

Dois garotos de dezessete anos se internaram com várias fraturas. Presos durante uma perseguição policial, fugiam em um carro roubado O veículo capotou algumas vezes, sem matar ninguém. Quatro militares vigiavam os menores, além dos dois agentes civis responsáveis por Lucas. O clima nas enfermarias tornou-se igual ao das prisões, tumultuado e explosivo, com armas expostas, prontas para disparar. As fardas, os coletes à prova de bala, os revólveres e fuzis se misturavam aos ingredientes hospitalares: gritos, sangue, fezes e pus. (BRITO, 2018, p.140)

Aqueles que estavam ali para vigiá-los não escondiam suas vontades.

Os policiais queriam que os presidiários morressem, proclamavam aos berros que se tratavam de indivíduos irrecuperáveis para a sociedade. A

violência das ruas se reproduzia no espaço de cura, o mesmo ódio e a mesma indiferença. De um lado, prisioneiros considerados bandidos. Do outro, policiais armados, esperando uma chance de agir. (BRITO, 2018, p.141)

Nos livros de Ronaldo Correia a violência é uma constante, torna-se parte do cotidiano e infecta as relações sociais, atingindo, principalmente, os mais vulneráveis. Em um dos raros momentos em que Davi e Ismael conversam ao longo do romance, um relato doloroso chama atenção.

Irmão, por essa estrada passamos em Pena Forte?

-Onde tem a balança do Fisco?

-Sim.

-O que você perdeu por lá?

-Nada. Dizem que por conta da pesagem de cargas, os caminhões ficam semanas esperando. Os fiscais são lentos e corruptos, não mudam nunca. Chegam motoristas de todos os cantos do Brasil, e enquanto esperam não têm o que fazer. As pessoas da cidade também não têm o que fazer, sobretudo os meninos e as meninas. São pobres, por dois reais topam qualquer parada. Melhor do que passar fome. (BRITO, 2009, p.48)

Esses relatos podem ser analisados como resultado do crescente individualismo da sociedade moderna. O estado atual da economia, onde as oportunidades são escassas e concentradas nas mãos de poucos, impulsiona a competitividade em todos os âmbitos da vida. Segundo Milton Santos, a competitividade se diferencia da concorrência pois, enquanto a primeira é pautada pela ética, a segunda tem a guerra como modelo de ação. “Há, a todo custo, que vencer o outro, esmagando-o, para tomar o seu lugar” (SANTOS, 2001, p.46).

Essa situação cria a percepção do outro como coisa, algo a ser utilizado e descartado. (SANTOS, 2001). Os garotos pobres são utilizados como instrumentos de prazer para os caminhoneiros ao mesmo tempo em que os que cometeram crimes, por não serem “úteis” à sociedade, pelo menos na visão dos policiais, deveriam ser eliminados.

Mensagens com esse teor são propagadas através de diversos meios, especialmente pelos chamados meios de comunicação de massas como a televisão e o rádio. A chegada dos meios de comunicação de massa ao Brasil se dá ainda na primeira metade do século XX. A primeira transmissão de rádio, por exemplo, aconteceu em 1922, em meio às comemorações do centenário da independência. Nesse momento foram transmitidas, para vários pontos do Rio de Janeiro e de São Paulo, discursos e concertos musicais.



Durante o resto da década, entretanto, as transmissões radiofônicas eram esporádicas e financiadas por grupos em membros da elite que custeavam todo o processo. É no início dos anos 30 que a situação começa a mudar, surgindo as primeiras estações de rádio comercial.

Segundo Rodrigo Duarte (2010), entre 1932 e 1937, foram criadas 63 estações de rádio em diversos estados do Brasil. Até os anos 50, o rádio seria o meio de comunicação mais influente do Brasil, principalmente por causa da ação de Getúlio Vargas. Como é sabido, Vargas deu um autogolpe em 1937 e inaugurou o período ditatorial chamado de “Estado Novo” e um dos seus principais objetivos era divulgar a ideologia do regime ao maior número possível de pessoas. O rádio se mostrou muito eficaz para isso.

A chegada da televisão, entretanto, provocou uma mudança drástica nos meios de comunicação brasileiros. A primeira transmissão ocorreu em São Paulo, nos estúdios da TV Tupi, fundada por Assis Chateaubriand e de lá para cá conquistou cada vez mais espaço na sociedade brasileira. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2018 apontou que apenas 2,8% das casas brasileiras não possuíam acesso à televisão.<sup>27</sup>

Os efeitos da indústria cultural nas sociedades humanas foram estudados por diversos pesquisadores, especialmente os fundadores da escola de Frankfurt Theodor Adorno e Max Horkheimer. Em seu livro *Dialética do Esclarecimento*, publicado em 1947, os autores apontam que um dos principais problemas da cultura de massas, advinda da indústria cultural, é que ela é uniformizada e padronizada.

Isso impede o desenvolvimento intelectual dos indivíduos, alienando-os e conduzindo sua conduta de modo a favorecer os objetivos desta indústria e do sistema capitalista de uma maneira geral. Como dizem os filósofos

Quanto mais firmes se tornam as posições da indústria cultural, mais sumariamente ela pode proceder com as necessidades dos consumidores, produzindo-as, dirigindo-as, disciplinando-as e, inclusive suspendendo a diversão: nenhuma barreira se eleva contra o progresso cultural. (ADORNO e HORKHEIMER, 2014)<sup>28</sup>

Vivendo em um ambiente em que, como vimos, existe um processo de desenvolvimento, expansão e aprofundamento dos meios de comunicação de massa,

---

<sup>27</sup> Informação disponível em: <https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/apenas-28-das-casas-do-brasil-nao-tem-acesso-a-televisao-diz-pesquisa-do-ibge> Acesso em: 25 jul. 2021.

<sup>28</sup> O livro foi consultado em um leitor digital e, portanto, possui a paginação irregular.

os personagens de *Galileia (2009)* e *Dora sem Véu (2018)* são impactados por essas tecnologias e, em alguma medida, “controlados” por elas. Significativo disso é o caso do roubo do celular, narrado pelo já citado dono da bodega.

O filho do homem havia roubado um celular em uma loja na cidade onde estudava. O relato inicia nos seguintes termos

O rapazinho meu filho roubou o aparelho por vaidade, por luxo. E foi preso porque arrombou a loja. Desceu pelo telhado, quebrou o gesso e levou o celular mais caro. Descobriram fácil que foi ele. É um besta, coitado, nem sabe direito o que fez. Toda noite, quando ia para a escola, na cidade que o senhor passou, ele ficava imitando que telefonava, para se mostrar aos colegas. (BRITO, 2009, p.39)

O garoto fingia que ligava para outras pessoas pois não tinha o número de ninguém, já que o aparelho não funcionava na cidade onde havia nascido e crescido. O que leva a um questionamento: por qual motivo havia desejado um aparelho que não tinha utilidade? O pai tem uma interpretação peculiar.

É o Diabo quem inventa essas coisas, só pode ser. E também é o Diabo quem tenta a gente pra querer o que não precisa. Ele aparece na televisão, ludibriando, prometendo maravilhas, mandando comprar, fazer qualquer sacrifício para possuir essas porcarias. A cada hora inventam uma coisa diferente. (BRITO, 2009, p.40)

A figura do diabo é central no catolicismo de cunho popular no Brasil pois é associado à malícia e à tentação. Isso ocorre, principalmente, por causa dos versículos bíblicos onde a serpente, a representação do mal, alicia Eva para que ela coma o fruto da árvore proibida. Não satisfeita em desobedecer a Deus, a mulher também incita Adão para que faça o mesmo.

Deus pune os dois: expulsa-os do paraíso e os proíbe de voltar, colocando querubins com espadas flamejantes como guardas. Algo parecido acontece com o garoto que roubou o celular. Ainda segundo seu pai

Nosso menino esqueceu a honra. Esqueceu tudo. Roubou o celular e está preso. Quando viu que não aguentava a cadeia- chamam com outro nome a prisão pra menores, mas é pior que cadeia- , quando viu que não aguentava a cadeia, tentou se enforcar. Passou uma corda no pescoço e não morreu porque os guardas chegaram a tempo. Da segunda vez, tomou água sanitária e foi internado num hospital. A mãe está com ele. Certas horas eu esqueço que é nosso filho, de tanto desgosto. Tudo por causa de uma coisinha dessas, que fala com gente que a gente nem vê. Deve ser o Diabo quem chia no ouvido das pessoas. Só pode ser ele. E meu filho caiu na tentação. Acho bom que ele morra, que nem volte mais pra casa. Fique por lá mesmo, no meio dos que não prestam. (BRITO, 2009, p.40)

Em uma análise sociológica, percebemos que relatos como esses demonstram a capacidade da publicidade e do marketing em manipular o comportamento das

peças, tal qual haviam considerado Adorno e Horkheimer em citações anteriores. Em uma linha de interpretação similar caminha Milton Santos, quando este afirma que vivemos em uma era onde a propaganda antecede a fabricação dos produtos e que agora, por agir em larga escala, a publicidade “produz o consumidor” antes da mercadoria (SANTOS, 2001).

Isso cria uma situação onde o consumo ocupa um lugar central em nossa sociedade, pautando todas as relações sociais e adentrando até mesmo no “sagrado”. Enquanto observava uma cega tocando rabeca em frente à uma igreja, Francisca percebeu que os romeiros estavam mais interessados em comprar souvenirs e lembrancinhas do que em frequentar o sagrado (BRITO, 2018, p. 67).

O consumo também passa a definir hierarquias sociais, diferenciando aqueles que podem consumir daqueles que não podem. Para Santos, se torna “[...] um denominador comum para todos os indivíduos, atribui um papel central ao dinheiro nas suas diferentes manifestações; juntos, o dinheiro e o consumo aparecem como reguladores da vida individual” (SANTOS, 2001, p.56). Em um dos raros momentos em que fala através de sua própria voz, Raimundo Caetano se compara ao neto Elias que, por ser rico e possuir um helicóptero, é mais importante e está “acima” de seu avô.

Embora sejam importantes e instigantes, as discussões propostas por Brito não raro apresentam um tom conservador. Essa relação entre indústria cultural e consumo que debatemos a partir de seus escritos, por exemplo, parecem sempre caminhar na direção de considerar os homens e mulheres do interior como vítimas de um processo de alienação e até mesmo de aculturação.

Em um texto publicado no livro *Crônicas para ler na escola (2011)* tece críticas à decoração de natal de um Shopping center pois bonecos do personagem Mickey Mouse, das animações produzidas pela empresa estadunidense Disney, haviam substituído os presépios e as imagens de Jesus. Chega a comparar a decoração com a catequese realizada pelos jesuítas nos indígenas e povos nativos da América. Ambos operacionalizam, em sua visão, um processo de aculturação, de destruição de uma identidade brasileira.

Num cansativo e monótono passeio pela decoração do Shopping do Recife não vi um único objeto que lembrasse a cultura brasileira.[...]. A catequese dos padres jesuítas e dos pastores evangélicos cedeu lugar às campanhas das agências de publicidade. Ninguém mais corre atrás das promessas de uma vida melhor na eternidade; todos querem ser felizes, aqui e agora,

comprando tudo o que for possível, mesmo que não possua nenhuma utilidade. (BRITO, 2011, p.44)

Os trechos analisados neste tópico buscam destacar que na visão do autor, a indústria cultural tem um papel degradante, tóxico<sup>29</sup> e aculturador. Consideramos ser essa uma percepção contraditória com seu próprio projeto literário de escrever sobre o “Nordeste do nosso tempo” e de um Nordeste que não é mais rural, mas sim uma “periferia das cidades”. Além disso, é contraditório com seus próprios personagens que, como vimos, não estão fechados em uma única cultura e compartilham elementos de diversas tradições e países.

Também parece ignorar que a indústria cultural também possui um potencial problematizador e, em certo sentido, emancipatório. Teixeira Coelho afirma, em seu livro *O que é indústria cultural* (2003), que existem diversos argumentos que apontam para possíveis efeitos benéficos dos meios de comunicação de massa. Entre eles está o de que, por serem baratos e amplamente divulgados, acabam proporcionando uma difusão maior dos bens culturais, tornando-os acessíveis à populações que de outra maneira não teriam acesso a eles.

Desse modo, ao invés de alienar e aculturar, este ramo da indústria seria responsável por promover e impulsionar mudanças sociais, questionando preconceitos e práticas opressoras. De qualquer maneira, Ronaldo Correia também procura destacar movimentos de resistência a diversos tipos de opressão. No próximo tópico veremos como, em certo sentido, isso acontece.

### 3.3 O PATRIARCALISMO

Como dito anteriormente, Brito demonstra em seus escritos a preferência por algumas temáticas e uma das que mais se sobressaem é a família patriarcal. Este modelo familiar tem raízes que se perdem no tempo, já na Roma da antiguidade clássica o pai tinha imensos poderes sobre seus filhos, esposa e agregados. O próprio vocábulo “família” denota esta dominação, uma vez que vem de “*famulus*”, que

---

<sup>29</sup> Em uma passagem de Galileia, Adonias relata que “Ficamos em silêncio, olhando casas de luzes apagadas, com antenas parabólicas nas cumeeiras dos telhados. Eram bem poucas no planalto extenso, multiplicando-se próximo às cidades. Desejei bater à porta de uma delas, dar boa noite às pessoas, xeretar o programa a que assistiam. Não consigo imaginá-las atravessando a porta para os afazeres nos currais e roçados, depois de se intoxicarem de novelas.” (BRITO, 2009, p.15).

significa “escravo doméstico”. Mesmo após a expansão do cristianismo e, portanto, de uma nova ordem cultural e política, a mulher continuou sendo submissa ao homem. Se é verdade que ambos ocupavam um mesmo patamar espiritual, uma vez que eram considerados filhos de Deus, no dia-a-dia e nas questões práticas - e mesmo jurídicas- era possível observar a superioridade masculina.

Essa visão vai se espalhar ao longo do tempo e do espaço, adquirindo notável influência em Portugal. Para os ibéricos o catolicismo não era apenas uma ligação com o sobrenatural, uma forma de explicar o mundo. A religião tinha influência no dia-a-dia das pessoas, em suas práticas e vivências. Foi este modelo de pensamento que veio para o Brasil já que,

O Brasil formou-se, despreocupados os seus colonizadores da unidade ou pureza de raça. Durante quase todo o século XVI a colônia esteve escancarada a estrangeiros, só importando às autoridades coloniais que fosse de fé ou religião católica. Handelman notou que para ser admitido como colono do Brasil no século XVI a principal exigência era professar a religião cristã: ‘somente cristãos’ – e em Portugal isso queria dizer católicos – ‘podiam adquirir sesmarias’. ‘Ainda não se opunha todavia’, continua o historiador alemão, ‘restrição alguma no que diz respeito à nacionalidade: assim é que católicos estrangeiros podiam emigrar para o Brasil e aí estabelecer-se f...].’ (...) O perigo não estava no estrangeiro nem no indivíduo disgênico ou cacogênico, mas no herege. (FREYRE, 2003, p.91)

Outra demonstração disso pode ser percebida na própria definição de crime naquele país.

A lei de 7 de janeiro de 1453, de D. Dinis, diz-nos o general Moraes Sarmiento, que “mandava tirar a língua pelo pescoço e queimar vivos os que descreiam de Deus ou dirigiam doestos a Deus ou aos Santos”; e por usar de feitiçarias “per que uma pessoa queira bem ou mal a outra...”, como por outros crimes místicos ou imaginários, era o português nos séculos XVI e XVII ‘degredado para sempre para o Brasil’. Em um país de formação antes religiosa do que etnocêntrica, eram esses os grandes crimes bem diversa da moderna, ou da dos países de formação menos religiosa, a perspectiva criminal. (FREYRE, 2003, p.82).

Foi este tipo de pensamento que desembarcou nas terras tupiniquins no ano de 1500, reproduzindo-se ao longo dos séculos. Este processo foi estudado por historiadores clássicos do nosso pensamento social, como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda. É através de seus livros, *Casa-Grande & Senzala*, escrito por Freyre; e, *Raízes do Brasil*, escrito por Holanda, que entendemos que, interessados no comércio de especiarias com o oriente, a coroa portuguesa delegou a particulares o papel de ocupação e exploração do território recém-descoberto. Neste sentido

A família, não o indivíduo, nem tampouco o Estado nem nenhuma companhia de comércio, é desde o século XVI o grande fator colonizador no Brasil, a unidade produtiva, o capital que desbrava o solo, instala as fazendas, compra escravos, bois, ferramentas, a força social que se desdobra em política,

constituindo-se na aristocracia colonial mais poderosa da América. Sobre ela o rei de Portugal quase reina sem governar. Os Senados de Câmara, expressões desse familismo político, cedo limitam o poder dos reis e mais tarde o próprio imperialismo ou, antes, parasitismo econômico, que procura estender do reino às colônias os seus tentáculos absorventes. (FREYRE, 2003, p.40)

Além dos motivos econômicos citados anteriormente, essa estratégia também tinha motivações demográficas. Freyre explica que Portugal não era um país muito povoado e, por isso, estimulava os seus colonizadores a expandir sua prole através de um intenso processo de miscigenação. Os descendentes serviriam ao projeto estatal nas ambíguas posições de exploradores e explorados.

De qualquer maneira, é importante entender que estas primeiras famílias gozaram de uma grande liberdade de ação e organizaram-se aos moldes clássicos do direito romano-canônico onde os filhos, familiares e agregados eram considerados membros do corpo do *Pater*. Como afirma Holanda: “Nos domínios rurais, a autoridade do proprietário de terras não sofria réplica. Tudo se fazia consoante sua vontade, muitas vezes caprichosa e despótica” (HOLANDA, 1995. p.80).

Neste momento, urge chamar atenção para dois detalhes referentes à família patriarcal e sua relação com a formação social brasileira. O primeiro é que, desde a década de 60, diversos estudos vêm demonstrando que não é possível apontar o modelo patriarcal como o único existente no Brasil. Eni de Mesquita Samara, em seu texto *Relendo os clássicos e interpretando o Brasil: Freyre e os estudos da família* (2003)<sup>30</sup>, explica que existiam diversos tipos de arranjos familiares já no Brasil do século XVI e que a descoberta das riquezas em Minas Gerais, o desenvolvimento do mundo urbano e o estabelecimento de relações capitalistas tornaram o quadro ainda mais complexo.

Não obstante, a mesma autora confirma que, na região hoje compreendida como Nordeste, prevaleceu o tipo patriarcal apontado por Freyre e Holanda nas obras citadas acima. Mesmo com o desenvolvimento do mundo urbano, ainda persistiram padrões de comportamento rurais, uma visão de mundo ligada ao pater.

---

<sup>30</sup> Em: KOSMINSKY, Ethel volfzon; LÉPINE, Claude; PEIXOTO, Fernanda Arêas (org.) Gilberto Freyre em quatro tempos. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

Para Sérgio Buarque de Holanda isso é um sinal claro da “ditadura” que os domínios rurais exerceram sobre as cidades durante boa parte do século XIX. Isto explica-se pelo fato de que

Na ausência de uma burguesia urbana independente, os candidatos às funções novamente criadas recrutam-se, por força, entre indivíduos da mesma massa dos antigos senhores rurais, portadores de mentalidade e tendência características dessa classe. Toda a ordem administrativa do país, durante o Império e mesmo depois, já no regime republicano, há de comportar, por isso, elementos estreitamente vinculados ao velho sistema senhorial. (HOLANDA, 1995, p. 105).

Nascidos e criados no mundo rural, estes homens vão ocupar posições de mando no mundo urbano recém-nascido e reproduzirão, em suas práticas, uma lógica patriarcal. A razão desta manutenção pode ser melhor compreendida a partir da sociologia, especialmente utilizando-se de esquemas teóricos propostos pelo filósofo e sociólogo Pierre Bourdieu. Uma das principais preocupações deste pensador é compreender como se dá a relação entre o meio e o indivíduo, ou, mais especificamente, como as estruturas sociais influenciam as ações do indivíduo e como estes agem, de maneira dialética, nas estruturas. É neste sentido que ele retoma o conceito de *Habitus*.

Segundo a professora Maria da Graça Jacintho Setton, em seu texto *A teoria do Habitus em Pierre Bourdieu: Uma leitura contemporânea* (2002), o conceito tem raízes no pensamento de Aristóteles e passa por Émile Durkheim antes de ser apropriado pelo francês. Bourdieu, entretanto, utiliza-o de maneira diferente dos seus antecessores. Para ele, *Habitus* é

[...] um sistema de disposições *duráveis* e *transponíveis* que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas [...]. (BOURDIEU *apud* SETTON, 2002, p.2. Grifos meus)

Bourdieu defende que o conjunto composto por contatos familiares, vivências com amigos e a ação da mídia acabam por formar nos indivíduos um sistema de disposições que está na raiz de uma série de esquemas de percepção da realidade que são, por sua vez, matrizes geradoras de práticas. De maneira mais objetiva, é possível afirmar que o *Habitus* condiciona as formas pelas quais os indivíduos pensam e agem.

Como visto na citação acima, uma das características do *Habitus* é sua durabilidade, ou seja, a sua persistência ao longo da vida do indivíduo. Isso acontece

porque boa parte dos elementos que vão compor este sistema de disposições são formados durante a infância, na primeira fase de socialização, onde há uma primazia dos contatos familiares. Argumentos semelhantes são desenvolvidos em diversos estudos na área da psicologia. Eurídice Freitas, por exemplo, salienta que os agrupamentos familiares possuem um papel ímpar no desenvolvimento cultural, social e psicológico dos indivíduos. A autora afirma que as aspirações, ideias, práticas, normas e visões de mundo da família são transmitidas às crianças que, desta maneira, têm um primeiro contato com a cultura da sociedade em que nasceu. Este processo é responsável por auxiliar a criança no desenvolvimento de competências, habilidades e padrões de comportamentos necessários ao papel que a sociedade espera que ela desempenhe quando atingir a idade adulta (FREITAS, 1968).

Em uma sociedade marcada pelo predomínio da família patriarcal, como foi - e ainda é - a nossa, é perceptível que a socialização familiar é uma das principais responsáveis pelas persistências de práticas opressivas e que privilegiam a dominação masculina. Isso naturaliza a dominação masculina, apresentando-a como evidente, necessária. Como diz Bourdieu

A dominação masculina está suficientemente assegurada para precisar de justificação: ela pode se contentar em ser e em se dizer nas práticas e discursos que enunciam o ser como se fosse uma evidência, concorrendo assim para fazê-lo ser de acordo com o dizer. (BOURDIEU, 1995, p. 137).

É contra isso que parece se insurgir Eufrázia Menezes, personagem de Brito em um conto homônimo. A mulher, insatisfeita com o modo pelo qual o filho é criado, tenta agir diferente, ensinando-lhe “[...] o pranto e a saudade. [Enquanto] O pai ensina-lhe a dureza e a coragem. Quero este filho só para mim. Fazê-lo ao meu modo é a maior vingança contra meu marido, que me trouxe para cá, terras do Sulidão.” (BRITO, 2005, p.20).

Esforços individuais como os de Eufrázia não são suficientes para mudar a sociedade por completo e os efeitos disso podem ser percebidos em outro conto. Em *A escolha* (2009). Aldenora casou-se com Luís Silbrino que logo “[...] cansou do enfado de ser marido e partiu para São Paulo, destino dos que desistem de abrir a terra com a enxada.” (BRITO, 2009, p.80). Quando questionou a decisão do companheiro, levou uma bofetada no rosto e foi abandonada. Mesmo sob os protestos dos pais, que acreditavam que os laços do matrimônio eram eternos, ela passou a viver com Livino Gonçalves, homem bom que a acolheu. Dezoito anos se



passaram até que Luís voltou à cidade, despertando o desespero da mulher. “[...] ele estava ali, para sua perdição.” (BRITO, 2009, p.90).

Ela estava indecisa, perdida, não sabia se seguia o coração e ficava com o homem que amava ou se ia de encontro às convenções e ficava com o marido, homem que a espancou e a abandonou. A força das tradições patriarcais fica em evidência no final do texto quando “Antes de cair morto, de bruços, sangrando em jorro de uma nascente nas costas, Livino Gonçalves compreendeu que o tiro não partira do rifle que sustentava na mão direita. Aldenora Novais escolhera outra vez” (BRITO, 2009, p.95).

Ainda com Bourdieu, aprendemos que todo poder “[...] comporta uma dimensão simbólica: ele deve obter dos dominados uma forma de adesão que não repousa sobre a decisão deliberada de uma consciência esclarecida, mas sobre a submissão imediata e pré-reflexiva de corpos socializados.” (1995, p.142). Aldenora, mesmo sabendo que aquilo lhe traria infelicidade, assassinou Livino e abriu espaço para uma perpetuação da opressão em que se encontrava. Fez isso porque foi o que lhe pareceu natural, correto.

A outra característica do *Habitus* apontada pelo pensador francês e que pode nos ajudar a refletir sobre a literatura de Brito diz respeito à sua transponibilidade. Os agentes sociais aplicam os mesmos esquemas de percepção e análise a outras esferas da realidade. No caso do patriarcalismo isso quer dizer que,

A visão dominante da divisão sexual exprime-se nos discursos tais como os ditados, os provérbios, os enigmas, os cantos, os poemas ou nas representações gráficas tais como as decorações murais, os motivos das cerâmicas ou dos tecidos. Mas ela se exprime igualmente bem nos objetos técnicos ou nas práticas: por exemplo na estrutura do espaço, e em particular nas divisões interiores da casa ou na oposição entre a casa e o campo, ou ainda na organização do tempo, da jornada ou do ano agrário, e, mais amplamente, em todas as práticas, quase sempre ao mesmo tempo técnicas e rituais, e muito especialmente nas técnicas do corpo, posturas, maneiras, porte. (BOURDIEU, 1995, p.5)

Ou seja, o sistema patriarcal perpassa diversos âmbitos da vida e expressa-se de diferentes formas, uma delas é na arquitetura das residências. Gilberto Freyre dedica muitas páginas de sua imensa obra para defender a ideia de que a Casa-Grande representa a cultura e o poder dos senhores patriarcais. Segundo alguns estudiosos de sua obra, para Freyre que a casa tem uma importância ímpar pois constitui-se como base do processo de produção ao mesmo tempo em que reproduz uma visão específica de mundo, um “[...] ponto de encontro por excelência do pessoal

com o social, e materializa de modo particularmente expressivo a cultura brasileira.” (ROSALES, 2015, p.130)<sup>31</sup>.

Essa imagem é muito forte no conto *Eufrasia Meneses*, citado acima. A personagem principal descreve a casa em que vive com o filho e o marido:

Atrás de nós, uma casa nos ata ao mundo. É imensa, caiada de branco, com portas e janelas ocupando o cansaço de um dia em abri-las e fechá-las. Fechada, a casa lacra a alegria dos seus antigos donos, seus retratos nas paredes, selas gastas, metais azinhavrados, telhado alto que a pucumã vestiu. Ela julga e condena os nossos atos, pela antiga moral de seus senhores, de quem meu marido é herdeiro[...]. Sou escrava destas paredes, prisioneira de pessoas mortas há anos que, agora, se nutrem de mim. (BRITO, 2005, p.18)

Sensação parecida tem a personagem Delmira, do conto *Mentira de amor* (2009). Na narrativa a mulher vive com duas filhas isoladas do mundo, ignorantes do que se passa para além do jardim. O único que transpassa esse espaço é o marido, que só aparece em casa para comer e fazer valer o seu “direito de marido” sobre o corpo da esposa.

Esquecida de que além das portas e janelas fechadas de sua casa o mundo pulsava de vida, Delmira acostumou-se à prisão domiciliar, aceitando que as filhas não frequentassem escola e de que ela própria não recebesse visita nem dos parentes e amigos mais próximos. Com o passar dos anos esqueceu os prazeres simples de ir às compras e ao cinema, chegando ao temor de sair sozinha. (BRITO, 2009, p.100)

A segregação era um castigo imposto pelo marido depois que a filha mais velha havia morrido. Desde que o caixão de sua filha havia sido coberto de terra, Delmira vivia os dias monótonos, fazendo sempre as mesmas coisas.

Nem as folhinhas do calendário, onde procurava o nome do santo do dia, Delmira lembrava-se de arrancar. Sem corda, os relógios marcavam eternamente as mesmas horas, medindo-se o tempo pela luz escoada através do telhado. [...] A cozinha estabelecia o ritmo dos afazeres e do tédio em café, almoço e jantar de cardápio simples, ao gosto do frugal apetite de Juvêncio, intendente das compras de mercado. (BRITO, 2009, p.100)

Todas as noites ela sonhava com a liberdade, queria o retorno de sua filha morta. “Em seus braços alados de anjo, queria libertar-se do cativo a que estava condenada, subindo para as lonjuras do céu” (BRITO, 2009, p.101). As chaves, entretanto, estavam sempre no bolso da calça do marido que, ao dormir, tinha o cuidado de não despir.

---

<sup>31</sup> Em CARDÃO, Marcos; CASTELO, Claudia (org) *Arquitetura e cotidiano em Freyre*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2015.

Eufrásia também experimentava o mesmo sentimento de solidão de Delmira, como é possível de perceber em sua narrativa

Sentada estou. É aqui que me veem todas as tardes e me imaginam esperar a noite. O que mais esperaria além da passagem da claridade? [...] Meu marido é incerto no vir, e todos o sabem. Presentem que anoiteço e, se passam à minha porta, perguntam: “Esperando a noitinha, dona Eufrásia? Mas o que me trará a noite além de um vento frio e de um silêncio fundo?” (BRITO, 2005, p.18)

Ambas mulheres vivem em casamentos infelizes e sofrem os abusos de um homem autoritário que se alimenta do resto de vida que corre em suas veias. Presas em meio à opressão, encontram no assassinato uma possibilidade de escapar. É neste sentido que Delmira, ao escutar o desfile do circo que passava pela cidade, percebeu que o barulho dos fogos abafava a música e teve

a certeza de que um estampido de revólver seria um pipocar a mais entre tantos. E depois dele, o sol de julho, numa tarde de domingo, teria a infinitude do mundo. Ela e as filhas, chorando de felicidade, seriam confundidas com personagens das comédias de circo. Gritariam e bateriam palmas atrás do homem de pernas de pau, que não parava de perguntar:  
- E o palhaço, o que é?  
- É ladrão de mulher. (BRITO, 2009, p.108-109)

Já Eufrásia sente a mão endurecer ao “[...] toque da lâmina que o travesseiro esconde. Meu marido retornará sonolento. O outro virá até minha janela. Eu me olharei num espelho. Chegará sim, a madrugada. Aquela que pode ser a última, ou a primeira” (BRITO, 2005, p.23). No universo destes contos o patriarcalismo é um fardo tão grande que não há escapatória fora do assassinado, de uma catástrofe (MELO, 2014).

Em *Galileia* (2009), entretanto, o patriarcalismo sofre uma derrota mais lenta e menos impactante, porém de efeitos mais duradouros. Embora não apareça muito no livro e sejam raras as vezes em que dialoga com alguém, Raimundo Caetano é extremamente importante para a construção do enredo. É apresentado como um homem que, antes da doença que aflige seu corpo, era muito forte e valente, um homem que matava onças e pousava para fotos com os cadáveres dos animais em baixo de seus pés (BRITO, 2009, p.106).

Para impedir que os filhos fossem embora de casa e saíssem de baixo de seu domínio, recorreu a “simpatias” e superstições, enterrando o cordão umbilical de cada um no terreno da fazenda. Nem mesmo as mulheres, que saíram de casa após o casamento, escapavam de sua rede pegajosa

Três filhas não foram além da capital, Fortaleza. Enquanto tinha saúde Raimundo fazia visitas regulares a elas, sob o pretexto de consultas médicas. Na verdade, vigiava as pobres mulheres: uma viúva cujo marido enforcara-se após um fracasso financeiro; uma divorciada que não fora capaz de administrar as traições do esposo; e uma solteirona que nunca conseguira desfazer-se da paixão pelo pai, nem compor outra imagem de homem no seu fechado coração de Electra. (BRITO, 2009, p.54)

As filhas amavam o pai “[...] com devoção, a mesma que se deve aos santos e a quem se reza [...] Partiram cedo de casa, mas continuaram gravitando em torno do sol de suas órbitas, tímidas e conformadas” (BRITO, 2009, p.106). Outra que estava sujeita aos caprichos do patriarca era a empregada da casa, Tereza Araújo, uma negra que foi acolhida como cria aos nove anos de idade e que “[...] assumiu um lugar que Raquel muitas vezes negligenciou, o de mãe e de patroa”. (BRITO, 2009, p.61). Adonias relata que a avó ainda estava grávida quando Tereza surgiu com enjoos e tonturas. O bode expiatório foi um vaqueiro da região que desapareceu logo após o casamento forçado. A criança foi entregue a uma família que passava pela região.

Algo semelhante aconteceu quando Maria Raquel contraiu uma doença de pele que descamou todo o seu corpo e lhe deixou com uma aparência repulsiva. Seu marido nunca mais a procurou na cama, mas não demorou muito para que Tereza aparecesse grávida novamente. Mais uma vez o bebê foi entregue a uma outra família e “No dia em que Tereza Araújo viu Raimundo Caetano, o homem a quem chamava respeitosamente de Padrinho, ocupando em livrar-se do indesejado, sentiu uma tristeza que nunca mais curou” (BRITO, 2009, p.62).

Essa situação acabou colocando em lados opostos o casal fundador da família. Não se falavam dentro de casa, não dormiam mais no mesmo quarto e, quando precisavam tratar de algum assunto urgente, o faziam por intermédio da pobre Tereza, que costumava sentar no alpendre e chorar pelos filhos que havia perdido. Uma prova maior do ódio que regia o casal se deu quando Raimundo Caetano adoeceu.

Adonias relata que, na intenção de respeitar a tradição de ser enterrado na terra onde nasceu, Raimundo Caetano havia mandado construir um túmulo em seu quintal e “Na tarde em que contemplou a obra funerária recebendo as últimas pinceladas de tinta, Raimundo sentiu uma fisgada nas costas, na altura dos rins, e precisou sustentar-se para não tombar o corpo grande e pesado” (BRITO, 2009, p.64). No momento da queda não chamou por sua esposa, pois sabia que ela não iria ajudá-lo.

Raquel sequer foi visitá-lo no hospital quando, por um erro cirúrgico, perdeu o movimento das duas pernas. Quando questionada acerca dos motivos de tamanha desfeita, respondia que nada podia fazer pelo marido. Afirmava que o melhor proveito seria permanecer onde estava, administrando a casa, a fazenda e a fábrica de redes. Apesar disso, não conseguia esconder o sorriso toda vez que olhava para a tumba, achando graça na desgraça do marido (BRITO, 2009).

Enquanto a avó assistia a programas sobre como se manter jovem e “[...] vendia saúde, montava em garupa de moto, fazia campanha política e ganhava dinheiro” (BRITO, 2009, p.33), Raimundo Caetano definhava cada vez mais, tinha o corpo coberto por escaras que expeliam pus e exalavam cheiro de peixe podre. (BRITO, 2009, p.106).

A doença abriu espaço para o avanço feminino, pouco a pouco as mulheres foram conquistando espaço. Se antes, na casa principal da fazenda, só existia uma “móvel masculina”, marcada por ser dura, retilínea e austera, agora era possível perceber “[...] pistas do feminino, camufladas em jarros de flores, louças de barro pintadas à mão [...] Pequenos sinais de mulheres silenciosas, aparentemente submissas, explodindo aqui e acolá” (BRITO, 2009, p. 211).

Se entendemos, como frisamos anteriormente, que as casas representam relações de poder, podemos apontar que a provável morte do patriarca representa a decadência do patriarcado e a ascensão feminina no sertão pintado por Brito. Em diversas passagens o autor dá a entender isso, como a que se dá enquanto Adonias conversava com o espírito de Donana, aquela que foi assassinada por João Domísio, de acordo com o que relatamos no primeiro capítulo. Após o protagonista perguntar se ela nunca havia descansado, o espírito responde que “As mulheres assassinadas vagam depois de mortas, sem pouso ou sossego. Mas eu pressinto que nosso dia está próximo” (BRITO, 2009, p.169).

Ainda mais significativo é um trecho onde é relatado que Raimundo Caetano constantemente ficava “Enredado nas lembranças, sem ter mais ninguém a quem abrir o coração, porque era o último de sua espécie.” (BRITO, 2009, p.59). É importante entender, entretanto, que embora destaque a perda de força do patriarcalismo e de todas as relações e práticas associadas a este, o autor não nega os problemas que ainda existem em nossa sociedade.

Sintomático disso é o fato de que, contrariando todas as expectativas, o avô permanece vivo ao fim do romance. O fato parece ser um alerta de que, embora

esteja enfraquecido, a dominação masculina ainda se faz presente e que, assim como Raimundo Caetano, continua “[...] empestando o mundo com seu cheiro podre” (BRITO, 2009, p.225).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratar sobre o Nordeste é sempre muito complexo, a grande quantidade de trabalhos que, partindo de diferentes perspectivas, versam sobre o tema tornam a tarefa, ao mesmo tempo, prazerosa e desafiadora. Nosso objetivo com esse trabalho foi, acima de tudo, conhecer e analisar uma nova forma de enxergar a região. Adentrar a literatura de Ronaldo Correia de Brito é questionar estereótipos, repensar ideias e noções que, de tão repetidas, parecem se arraigar em nossas mentes e práticas diárias.

Nesse sentido, iniciamos nosso trabalho buscando destacar algumas perspectivas e pressupostos que iriam nos ajudar a atingir o objetivo. Um primeiro debate se deu a partir do próprio conceito de literatura e, principalmente, qual a sua função em nossa sociedade. Nos valendo de pensadores de diferentes áreas, como sociólogos e críticos literários, apontamos a literatura como uma forma de apreender e explicar a realidade, oferecendo, através dos textos, interpretações sobre os fenômenos sociais, culturais e políticos que cercam nossas vidas.

Essa perspectiva nos levou à compreensão de que, para interpretar de maneira satisfatória um texto literário, é preciso refletir acerca do lugar social de seu autor. Constatamos que, diferente daqueles que defendem uma total autonomia da literatura, as opiniões, vivências e subjetividades dos autores deixam marcas em seus textos.

No caso de Brito essas marcas são fundamentais para a própria compreensão dos enredos. Ao longo do primeiro capítulo demonstramos como as experiências no hospital e no atendimento a pacientes, uma vez que ele é médico, servem de inspiração para a construção de tramas e enredos como um todo. As leituras que fez da bíblia, ainda enquanto criança, lhe marcaram de maneira tão profunda que até hoje seus personagens são baseados em profetas e em episódios do livro sagrado dos cristãos. O resgate que faz da história do Brasil imprime à sua escrita um caráter político.

O avanço das discussões, entretanto, demonstrou que não é apenas a subjetividade do autor que condiciona os contornos de uma obra. Entender isso é evitar cair em uma espécie de “psicologismo barato”, ou seja, tentar explicar tudo a

partir de traumas, experiências e opiniões pessoais. Tentando nos afastar disso, buscamos compreender a importância e influência do contexto cultural, entendido como o conjunto de obras que compõe o cânone literário e, principalmente, as análises clássicas sobre as mesmas, na produção literária.

Nesse ponto, procuramos debater a influência das obras regionalistas nos escritos de Brito. Essa escolha foi motivada pela importância que essa corrente literária possui na literatura brasileira e nordestina em particular. Com o andar da pesquisa, percebemos que a questão anterior estava indissociavelmente ligada a outra: em que medida a crítica, que toma a o regional como um elemento válido para analisar textos de autores nordestinos, influenciou os livros de Ronaldo Correia? Foi com isso em mente que recuperamos as críticas publicadas em jornais, blogs, revistas e sites de cultura em geral, assim como as publicações acadêmicas, como teses, dissertações e artigos, que tratavam sobre o conjunto da obra Correiana.

A partir disso chegamos à conclusão de que a crítica, em especial a especializada, também exerce forte influência sobre Ronaldo Correia. Destacamos como, em diversos momentos de suas narrativas, o autor dialoga com aqueles que resenharam seus textos. A posição do escritor parecia ser, pelo menos inicialmente, a de rejeitar o título de “regionalista”, mas, como ficou demonstrado no texto, parece ter reconsiderado essa postura. Embora não tenhamos nos aprofundado nisso, parece ser frutífero investigar quais as razões que o levaram a relativizar suas opiniões iniciais. Perguntas como “qual o lugar do regionalismo na literatura hoje?” ou “Como a crítica atual percebe o regionalismo?” podem acrescentar muito à discussão.

Ponto importante do capítulo foi a historicização que fizemos sobre o regionalismo, destacando como, em diferentes momentos da história brasileira, as obras regionalistas estavam ligadas e expressavam elementos da sociedade em que foram produzidas. Acreditamos que conseguimos contribuir com o debate a respeito da relação entre literatura e sociedade ao apontarmos algumas razões que poderiam explicar, por exemplo, os motivos que levaram as obras da geração de trinta a assumirem um caráter documental e de crítica social.

Tais aspectos nos levaram a debater a obra de Durval Muniz de Albuquerque Júnior, destacando os seus inúmeros aspectos positivos, mas também apontando divergências entre sua visão e a nossa. Coerentes com as posições assumidas no capítulo anterior, apontamos que, em nossa concepção, a literatura é um discurso sobre o real e, tal qual as outras representações, parte de relações concretas para se



constituir, ou seja, por mais que a literatura tenha autonomia perante a materialidade da vida e da sociedade, existe um fio que liga a narrativa ao mundo que a cerca.

Foram justamente as mudanças econômicas, sociais, políticas e culturais que aconteceram no Nordeste a partir do advento da modernização e da globalização que possibilitaram a escrita de livros como *Galileia* (2009) e *Dora sem Véu* (2018). Partimos da perspectiva de que, uma vez que diversos elementos da modernidade, como meios de comunicação de massa, internet, motocicletas e caminhonetes, passaram a compor a paisagem nordestina, especialmente a partir das primeiras décadas do século XX, também surgiram mudanças nas formas pelas quais os habitantes da região viviam, se relacionavam e interpretavam o mundo à sua volta. Partindo de autores das áreas da antropologia, sociologia e geografia, tentamos observar quais foram as especificidades da chegada de todas essas novidades na região.

Os textos de Brito nos permitiram investigar essas questões. Perguntas como “quais foram os efeitos da modernidade nas identidades regionais?”, “Quais foram as mudanças nas formas das pessoas se comportarem e perceberem o outro e a si mesmos?” e “como se comporta o patriarcalismo na contemporaneidade?” foram pensadas a partir da ótica da literatura. Nesse sentido, acreditamos que conseguimos oferecer uma contribuição para os estudos a respeito do Nordeste e, principalmente, para os que procuram entender como a região é representada na literatura contemporânea.

Isso é importante tanto em um sentido acadêmico como, talvez de maneira ainda mais clara, social. O primeiro ponto justifica-se pela (ainda) pequena quantidade de trabalhos acadêmicos que, na área da história, se debruçam sobre a literatura nordestina contemporânea. Uma rápida pesquisa em indexadores acadêmicos deixa claro que a imensa maioria dos historiadores que pesquisam a literatura o fazem com os olhares voltados para o século XIX, e nesse ponto Machado de Assis e Lima Barreto são os campeões de “audiência”, ou, em um recorte regional, para as obras da geração de trinta.

Nosso trabalho vai no caminho contrário ao que se delineou acima. Ao interpretar o Nordeste a partir de um autor contemporâneo e que fala, como ele próprio gosta de frisar em entrevistas, sobre o “nosso tempo”, buscamos, mais do que oferecer respostas definitivas, instigar novas questões e instigar a curiosidade. Alguns debates que, por inúmeras razões, não foram abordados com profundidade no nosso

trabalho podem servir de pontapé inicial para novas pesquisas. É o caso das múltiplas representações da história do Brasil encontradas na obra de Ronaldo Correia. A riqueza dessas discussões a que recorreremos nos fazem pensar sobre a apropriação da história pela literatura, sobre as múltiplas formas de escrever história e até mesmo sobre os usos políticos do discurso histórico.

Por último, acreditamos que é importante destacar a importância social de nosso trabalho. Como foi dito na introdução, a motivação maior para a realização dessa pesquisa foi a tentativa de se contrapor a estereótipos que, associados a juízos de valor, se transformam em preconceitos. O Nordeste e, especialmente, o nordestino são vítimas, ainda nos dias de hoje, de um conjunto de visões pejorativas e preconceituosas que se propagam na mídia, nos discursos políticos, inclusive do poder executivo, e nas falas de artistas, que se arrogam no direito de associar más condutas a “paraibadas”.

Foi contra esses discursos que escrevemos essa dissertação. Destacar que o Nordeste não é uma terra de cangaceiros que atiram para todos os lados, só porque é divertido ver gente morrer, que os habitantes da região não são, pelo menos não exclusivamente, “machos com peixeiras na cintura” não é esquecer problemas, pelo contrário: é afirmar que as dificuldades e contradições existem, mas que são de outra ordem. Abordar as especificidades da região é negar generalizações e estereótipos, é uma forma de afirmar que nós somos diferentes, sim, mas que isso não nos faz inferiores. É, principalmente, uma maneira de dizer, como o fez um autor anônimo, que o Nordeste é maior do que qualquer preconceito.

## REFERÊNCIAS

ALBURQUERQUE, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBURQUERQUE, Durval Muniz de. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

ALMEIDA, José Maurício Gomes de. **A tradição regionalista no romance brasileiro (1857-1945)**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

ARANHA, Gervácio Batista. Da História entre a retórica e a prova: Por uma mimesis renovada. In: **XXVI Simpósio Nacional de História: Conhecimento Histórico e diálogo social**. Natal- RN, 2013.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo. **A tradição do regionalismo na literatura brasileira: do Pitoresco à realização inventiva**. Revista Letras, Curitiba, n. 74, pp. 119-132, Jan/Abr. 2008.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. **Modernismo e regionalismo no Brasil: entre inovação e tradição**. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, v. 23, n. 2.

ASSIS, Machado de. **Instinto de Nacionalidade**. 1873.

AZEVEDO, Neoraldo Pontes de. **Modernismo e regionalismo: os anos 20 em Pernambuco**. João Pessoa/Recife: UFPB/Editora Universitária, 1996.

BACZKO, Bronislaw. **Imaginação social**. Enciclopédia Einaudi 5: Anthropos-homem. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985.

BARROS, José D'Assunção. **A história cultural e a contribuição de Roger Chartier**. Diálogos. DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005.

BERNARDES, Denis de Mendonça. **Notas sobre a formação social do Nordeste**. Lua Nova: São Paulo. n.71, p.41-79, 2007.

BORGES, Valdeci Rezende. **História e literatura: algumas considerações**. Revista de Teoria da História, Ano 1. Número 3, p.94-109. Junho/ 2010.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix. 2015.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Educação & Realidade. V. 20, Número 2. p.133-184. Jul/ Dez. 1995.

BRITO, Ronaldo Correia de. **Crônicas para ler na escola**. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

BRITO, Ronaldo Correia de. **É preciso escrever para o nosso tempo?** Youtube, 24 de julho. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WWSeftY2t8> Acesso em: 17 Mar. 2020.

BRITO, Ronaldo Correia de. **Entrevista concedida ao Blog Guerra e Poesia**. Disponível em: <http://andreguerraepoesia.blogspot.com/2013/05/entrevista-ronaldo-correia-de-brito.html> Acesso em: 15 Dez. 2020.

BRITO, Ronaldo Correia de. **Galileia**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

BRITO, Ronaldo Correia de. **O código do livro dos homens**. Jornal de poesia: Julho, 2005. Entrevista concedida a José Inácio Vieira Melo. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/jinacio18.html> Acesso em: 10 Out. 2020

BRITO, Ronaldo Correia de. **Retratos Imorais**. Rio de Janeiro: 2010.

BRITO, Ronaldo Correia de. **Ronaldo Correia de Brito**. Jornal Rascunho: Novembro, 2011. Entrevista concedida a Rogério Pereira. Disponível em: <https://rascunho.com.br/noticias/ronaldo-correia-de-brito/> Acesso em: 19 Out. 2020.

BRITO, Ronaldo Correia de. **Um escritor na biblioteca**. Junho, 2013. Disponível em: <https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Um-Escritor-na-Biblioteca-Ronaldo-Correia-Brito> Acesso em: 17 Out. 2020.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. Remate de Males, Campinas, SP, 2012.

CANDIDO, A. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. 8ª ed. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Itatiaia 1997. v. II.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. **Vários Escritos**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2011.

CARDÃO, Marcos; CASTELO, Claudia (org). **Arquitetura e cotidiano em Freyre**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2015.

COELHO, Teixeira. **O que é indústria Cultural?** São Paulo: Brasiliense, 2003.

COMPAGON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. 1ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

COSTA, Maria Célia Lustosa. **O discurso higienista e a ordem urbana**. Fortaleza: Imprensa Universitária.2014.

DANTAS, Cauby. **Gilberto Freyre e José Lins do Rego: diálogos do senhor da casa-grande com o menino de engenho**. Campina Grande: EDUEPB, 2015.

SANTOS, Elisabeth Cavalcante dos. HELAL, Diogo Henrique. **O moderno e o tradicional no Agreste de Pernambuco**. Ci & Tróp. Recife, V. 42, n. 1, 2018.

DUARTE, Rodrigo. **Indústria cultural: Uma introdução**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ETTON, Maria da Graça Jacintho. **A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea**. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 20, p. 60-70, Aug. 2002.

FREITAS, E. **O papel da família no processo de socialização**. **Arquivos Brasileiros de Psicotécnica**, 20(2), pp. 44-52, 1968.

FREYRE, Gilberto. Relendo a 1 edição do livro do Nordeste. In: **O Livro do Nordeste**. Recife, Arquivo Público estadual, 1979.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste separatista**. Diário de Pernambuco, Recife. 26 mar. 1926.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrol**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GONÇALVES, Hugo Feitosa; MONTENEGRO, Rosilene Dias; AGRA, Nadine Gualberto. Desenvolvimento do Nordeste nos anos FHC e Lula. In: **Territórios**,

**Redes e Desenvolvimento Regional: Perspectivas e Desafios.** Santa Cruz do Sul, RS, Brasil. 2017

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 10 ed. Rio de Janeiro: Dp&a, 2005.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil.** 26 ed. São Paulo: Companhia das letras, 1995

IANNI, Octavio. **A sociedade Global.** 15 ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2013.

KOSMINSKY, Ethel volfzon; LÉPINE, Claude; PEIXOTO, Fernanda Arêas (org). **Gilberto Freyre em quatro tempos.** Bauru, SP: EDUSC, 2003.

LAJOLO, Marisa. Regionalismo e História da Literatura: Quem é o Vilão da História? In: FREITAS, Marcos César. (org). **Historiografia Brasileira em Perspectiva.** 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

Lima, A. C. D. **Os desdobramentos do forró nordestino: de Luiz Gonzaga à Mastruz com Leite (1940 - 1991).** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2014.

MELO, Mônica dos Santos. **A resignificação do sertão em Galileia, de Ronaldo Correia de Brito: Problematização da dimensão regional do romance no contexto da contemporaneidade.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2014.

NEVES, Frederico de Castro. **Curral dos Bárbaros: Os campos de concentração no Cerará (1915 e 1932).** Revista Brasileira de História. V. 15, Número 29. pp.93-122. 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário.** Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 15, no 29, 1995.

RAMOS, Graciliano. **O Romance do Nordeste.** Diário de Pernambuco, Recife, 10 mar. 1935.

Roland. Barthes. A Morte do Autor. In: **O Rumor da Língua.** São Paulo: Martins Fontes. 2004.

SANTOS, Climério de Oliveira. Forró x Forró: discursos, polarizações e diversidade num campo musical. In: Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música. (2012).

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro: Record, 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 3ª. ed. SÃO PAULO- Editora Brasiliense.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. **O regionalismo nordestino: existência e consciência da desigualdade regional**. João Pessoa: Editora universitária da UFPB. 2009.

TÁVORA, Franklin. **O cabeloira**. Ministério da Cultura Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro.1876. Paginação irregular.